EMOÇÕES

ISBN: 978-85-8239-048-1

Sandra Cavalcante e Josiane Militão (Org.)

DESAFIOS PARA ESTUDOS DA LINGUAGEM E COGNIÇÃO

Emoções
desafios para estudos
da Linguagem e Cognição

Organizado por

Sandra Cavalcante
Josiane Militão

PUC Minas

PUC MINAS Pós – letras

CESPUC - MG
CENTRO DE ESTUDOS LUSO-AFRO BRASILEIROS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

FAPEMIG

eLinC
Estudos em Linguagem e Cognição

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

E54 Emoções: desafios para estudos da linguagem e cognição / Organização: Sandra Maria Silva Cavalcante, Josiane Andrade Militão. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. [E-book].
133 p.: il.

ISBN: 978-85-8239-048-1

1. Emoções. 2. Linguagem. 3. Cognição. I. Cavalcante, Sandra Maria Silva. II. Militão, Josiane Andrade. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. IV. Título.

CDU: 159.928.22

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-Chanceler	Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Reitor:	Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães
Vice-Reitora:	Patrícia Bernardes
Assessor Especial da Reitoria:	José Tarcísio Amorim
Chefe de Gabinete do Reitor:	Paulo Roberto de Souza
Pró-Reitores:	Extensão – Wanderley Chieppe Felippe; Gestão Financeira – Paulo Sérgio Gontijo do Carmo; Graduação – Maria Inês Martins; Logística e Infraestrutura – Rômulo Albertini Rigueira; Pesquisa e Pós-graduação – Sérgio de Morais Hanriot; Recursos Humanos – Sérgio Silveira Martins; Arcos – Jorge Sundermann; Barreiro – Profa. Lucila Ishitani; Betim – Eugênio Batista Leite; Contagem – Robson dos Santos Marques; Poços de Caldas – Iran Calixto Abrão; Praça da Liberdade – Prof. Miguel Alonso de Gouvêa Valle; São Gabriel – Prof. Alexandre Resende Guimarães; Guanhães e Serro – Ronaldo Rajão Santiago;
Secretaria de Comunicação:	Mozahir Salomão Bruck
Secretaria-Geral:	Ronaldo Rajão Santiago
Cultura e Assuntos Comunitários:	Maria Beatriz Rocha Cardoso
Planejamento e Desenvolvimento Institucional:	Carlos Barreto Ribas
Instituto de Ciências Humanas:	Carla Santiago Ferretti (Diretora)
Chefe do Departamento de Letras:	Jane Quintiliano Guimarães Silva
Programa de Pós-graduação em Letras:	Márcia Marques de Morais (Coordenadora)
Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros:	Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (Coordenadora)

Revisão Linguística:	Ermelinda Tôrres Simões
Revisão Técnica:	Josiane Andrade Militão
Preparação dos originais:	Sandra Maria Silva Cavalcante; Josiane Andrade Militão
Imagens de capa e abertura de artigos:	Ana Horta. **Cinza e vermelho** (1986).
Foto de capa:	José Israel Abrantes
Identidade visual:	Patrícia Lino
Diagramação e Projeto Gráfico:	Jefferson Ubiratan de Araújo Medeiros

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de registrar, neste projeto, o nosso profundo agradecimento a Per Aage Brandt, por nos inspirar a caminhada acadêmica e, gentilmente, dialogar conosco sobre aspectos constitutivos da dimensão semiótica das emoções. A Milton do Nascimento e Hugo Mari, mestres, e aos demais colegas do grupo de pesquisa Complex Cognitio, com os quais temos a honra de trabalhar. A Ad Foolen, Simone Belli, Göran Jacobson e Jordan Zlatev, pesquisadores que, se dedicando à busca de compreensão das emoções na linguagem, gentilmente, assumiram o papel de parceiros, nesta publicação. Agradecer a Cida Araújo (Universidade Federal de Viçosa) e a Ana Lúcia Esteves (Universidade Federal de Minas Gerais), colegas pesquisadoras que compartilharam conosco a sua competência no processo de tradução dos trabalhos dos colaboradores internacionais, como forma de garantir que esses pudessem ser lidos em Língua Portuguesa. Agradecer a Camila Corrêa (estudante de Letras) e a Rodrigo Morato (estudante de doutorado, bolsista CAPES - PUC Minas) por sua colaboração na análise inicial dos dados que resultaram no trabalho que sistematiza o campo de estudo nos últimos dez anos. O nosso agradecimento aos estudantes que integram o grupo de pesquisa eLinC, especialmente a Juliane Ferraz, Ruy Santos Júnior, Laís Velano e Talitha Lacerda, por sua participação em ações e discussões implicadas nesta publicação. A Chris Fiorio, por seu apoio na elaboração e reelaboração de aspectos gráfico-visuais do texto. A Ermelinda Tôrres Simões, pela cuidadosa revisão linguística dos originais. A Jefferson Medeiros, por sua competência no processo de diagramação e de composição geral da publicação. O nosso profundo agradecimento a Patrícia Lino, por compartilhar conosco a sua sensibilidade estética e competência profissional na constituição da identidade visual do e-book. E à família da pintora brasileira Ana Horta, por nos conceder o direito de imagem da pintura Cinza e Vermelho (1986), que nos inspirou a capa e o diálogo intersemiótico que essa promove com uma experiência emocional concretamente humana.

Por fim, à Pró-Reitoria de Pós-graduação da PUC Minas que, por meio do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP), EDITAL Nº 061/2014, financiou uma parte importante do trabalho e ao Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros(CESPUC), cátedra do Instituto Camões, pelo apoio a esta publicação.

SUMÁRIO

Apresentação 7

1. A relevância da emoção para a linguagem e para a Linguística 11
Ad FOOLEN

2. O lugar das emoções no processo de produção de sentidos 41
Sandra CAVALCANTE e Josiane MILITÃO

3. Comparando metáforas de movimento-emoção em Inglês, Sueco e Espanhol 71
Göran JACOBSSON e Jordan ZLATEV

4. Vozes de novos falantes, vozes de novas subjetividades: emoções e atitudes Linguísticas na virada pós-colonial 103
Simone BELLI

5. Emoção e cognição: o desafio do estudo de um caso clínico 133
Vânia M. RIBEIRO e Hugo MARI

6. Os últimos dez anos de pesquisa no campo da linguagem e emoções 153
André L. SOUZA, Talliany SILVA, Suellen V. BRANDÃO

Autores 165

APRESENTAÇÂO

Este livro apresenta resultados de pesquisa que privilegiam a busca de compreensão de fenômenos de natureza linguística e discursiva, à luz de fundamentos teóricos e metodológicos que permitem focalizar a inextricável relação existente entre Linguagem, Cognição e Emoções.

No decorrer dessas páginas, o leitor encontrará trabalhos assinados por pesquisadores que se afiliam a importantes centros de pesquisa, no Brasil e no exterior, realizados no campo da Linguística e em outros campos do saber. Esses trabalhos revelam a possibilidade de abordagens interdisciplinares do estudo das emoções, particularmente em pesquisas que se realizam nos campos da Linguística, da Psicologia e das Ciências Sociais.

A seleção dos textos que constituem a coletânea decorre de estudos e discussões que se realizaram no âmbito do projeto “Linguagem, cognição e emoções: diferentes perspectivas”, desenvolvido por pesquisadores e estudantes que integram o grupo de pesquisa eLinC (Estudos em Linguagem e Cognição) e do Projeto “Uma visão integrada da cognição humana: corpo/significação, cérebro/mente, linguagem”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Complex Cognitio, ambos afiliados, afiliado ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e inscritos no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ), órgão do Ministério da Educação do Brasil.

No período inicial de desenvolvimento do projeto, assumimos o desafio de identificar, na forma de um amplo levantamento bibliográfico, no Brasil e no exterior, produções científicas que, nos últimos 10 anos, sistematizam resultados de pesquisas que privilegiam a relação entre Linguagem, Cognição e Emoções. Através desse reconhecimento geral do campo de pesquisa, Talliany Rodrigues Silva e Suellen Vasconcelos Brandão (estudantes de Iniciação Científica da PUC Minas), sob a orientação André L. Souza (University of Alabama, EUA), apresentam um breve estudo intitulado **Os últimos dez anos de pesquisa no campo da linguagem e emoções**, que encerra esta coletânea. Ao sistematizarem os resultados alcançados através do levantamento bibliográfico, com base em uma análise quantitativa de dados, os autores apontam a necessidade de maior investimento em pesquisas que privilegiem o objeto de estudo, atualmente, no Brasil.

Como forma de pavimentar o caminho a ser trilhado até este trabalho, o leitor, encontrará, inicialmente, o capítulo intitulado **A relevância da emoção para a linguagem e a linguística**, assinado por Ad Foolen, (Radboud University, Holanda). Nesse trabalho, o pesquisador considera a relevância da emoção para a linguagem e a linguística sob três perspectivas: a conceptualização das emoções, a expressão das emoções e a relação das emoção com a base (*grounding*) da linguagem.

Logo em seguida, em capítulo intitulado **O lugar das emoções no processo de produção de sentido***,* Sandra Cavalcante e Josiane Militão (PUC Minas) apresentam ao leitor uma discussão sobre o papel fundamental, constitutivo, das emoções nas ações e experiências semiótico-discursivas vivenciadas pelo ser humano. Neste trabalho, retomando o trabalho **Emotions, attention and blending**, também em co-autoria (In: **Attention and meaning**: the attentional basis of meaning, Marchetti; Benedetti; Alharbi, 2015), as pesquisadoras defendem a existência de uma intrínseca relação entre as experiências emocionais e o sistema atencional e apresentam uma discussão em favor da tese de que padrões de dinâmica de forças estão implicados na experiência emocional humana e, nessa medida, podem parametrizar e impactar o processo de produção de sentidos.

Frente ao desafio de compreensão do fenômeno da constituição da identidade de novos falantes, em um contexto sócio-histórico de 'virada pós-colonial', em trabalho intitulado **Vozes de novos falantes, vozes de novas subjetividades:** emoções e atitudes linguísticas na virada pós-colonial*,* Simone Belli (Universidad Autónoma de Madrid, Espanha) discute a complexidade das situações comunicativas multilíngues e como as emoções estão estreitamente ligadas às práticas dos novos falantes em seu meio social. O pesquisador realiza seu estudo em uma perspectiva psicossocial, perpassando fundamentos teóricos e metodológicos dos estudos sociais das emoções e da comunicação intercultural.

Com o objetivo de refletir sobre o papel das emoções implicado no processo de psicoterapia, em trabalho intitulado **Emoção e cognição**: o desafio de análise de um caso clínico*,* Vânia Morais e Hugo Mari (PUC Minas) apresentam ao leitor resultados de pesquisa, a partir da análise de uma sessão de psicoterapia, à luz dos modelos da Arquitetura Mental do Sentido (BRANDT, 2010) e da Teoria da Integração Conceptual (BRANDT, 2004), focalizando, especialmente, o papel das emoções no processo de produção intersubjetiva dos sentidos.

Em um aprofundado estudo inédito de comparação de dados linguísticos, intitulado **Comparando metáforas de movimento-emoção em Inglês, Sueco e Espanhol**, Göran Jacobsson e Jordan Zlatev (Lund University, Suécia) apresentam ao leitor importantes resultados de pesquisa. Segundo os estudiosos, três perspectivas teóricas sobre metáfora predominam no campo da Linguística Cognitiva: metáforas conceptuais, metáforas discursivas e metáforas na perspectiva do interacionismo linguagem-consciência. Os autores analisam, neste capítulo, evidências em favor das três perspectivas, ao compararem metáforas de movimento-emoção que, nas três línguas em estudo, focalizam o domínio-fonte MOVIMENTO.

Os trabalhos ora publicados, em seu conjunto, permitem revelar o quão desafiadora é a agenda de pesquisa que, atualmente inscrita no campo dos Estudos Linguísticos e em áreas afins, privilegia o estudo de diferentes fenômenos implicados na relação entre linguagem, cognição e emoções. Este *e-book* é, neste sentido, indicado para especialistas ou estudantes de graduação e de pós-graduação que desejem ter acesso a trabalhos recentes que se afiliam a essa agenda.

Frente aos profundos desafios civilizatórios, sócio-históricos, que enfrentamos nos dias atuais, no Brasil e no mundo, esses trabalhos, compreendidos em sua integralidade e em diálogo, nos permitem reconhecer a possibilidade e a concreta necessidade de maior investimento acadêmico-científico em pesquisas que privilegiam a relação entre linguagem, cognição e emoções.

Sandra Cavalcante e Josiane Militão

Ad Foolen

A RELEVÂNCIA DA EMOÇÃO PARA A LINGUAGEM E A LINGUÍSTICA

A Relevância da emoção para a linguagem e para a Linguística[1]

Ad FOOLEN
Tradução de Sandra Cavalcante e Josiane Militão

1. Introdução

Na Linguística Cognitiva, há um pressuposto básico de que a linguagem e a cognição interagem. O modo como a cognição humana trabalha influencia a estrutura da linguagem humana, e a linguagem influencia a cognição humana. A força com a qual se dá essa relação (linguagem - cognição) é uma questão que domina discussões envolvendo pesquisa em relatividade linguística. Vide, por exemplo, Slobin (1996), Pinker (1997), Majid *et. al* (2004), e Casasanto (2008). A cognição, por sua vez, interage com a emoção (Damasio 1994). Se a cognição está fortemente conectada tanto com a linguagem quanto com a emoção, como deveríamos ver, então, a relação entre linguagem e emoção? Existem quatro possibilidades:

- não há conexão direta entre linguagem e emoção: a cognição se apresenta como uma intermediária entre elas (a emoção é conceptualizada na cognição e a cognição é refletida na linguagem, por exemplo, na diferenciação lexical entre emoções);
- a linguagem possui uma conexão direta com a emoção (a emoção pode ser expressa de maneira direta em um enunciado verbal);
- a linguagem possui tanto ligação direta quanto indireta com a emoção (a linguagem reflete a conceptualização da emoção *e* expressa a emoção);
- a relação entre linguagem e emoção varia dependendo dos tipos de emoção. Por exemplo: uma emoção dependente de crença, como a surpresa, é tipicamente expressa na linguagem, enquanto a raiva ou o medo são apenas conceptualizadas na linguagem, mas expressas de maneira não-verbal.

---

1 Trabalho publicado originalmente em Inglês em: FOOLEN, Ad. The relevance of emotion for language and linguistics. In: FOOLEN, Ad *et al.* **Moving ourselves, moving others**. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

Em trabalhos anteriores (FOOLEN, 1997), propus a tese de que a terceira opção se sustenta: as pessoas têm a habilidade de *conceptualizar* emoções,

não apenas as próprias, mas também as dos outros e, nesse sentido, a cognição funciona como uma intermediária entre a linguagem e a emoção, mas um locutor também tem a possibilidade de expressar diretamente as

suas próprias emoções via linguagem, resultando em linguagem expressiva (também chamada de emotiva ou afetiva). Para ilustrar a diferença: alguém pode se tornar ciente das emoções de alguém e dizer "*Eu acho essa comida nojenta*", ou pode expressar a mesma emoção diretamente verbalizando "*Eca!*".Essas duas formas diferentes de comunicar o mesmo sentimento diferem semioticamente de maneira fundamental: a primeira é simbólica, por meio do uso de palavras com significado relativamente independente do contexto (os índices *Eu* e *essa* precisam de contexto claro para serem interpretados) e a segunda é um 'sintoma', um reflexo, mostrando que o locutor, no aqui-e-agora, possui uma emoção específica (nojo). Interjeições emocionais são casos prototípicos de linguagem emotiva/expressiva, mas existem muitas outras formas aí implicadas, como, tipos ou construções de sentenças exclamativas, por exemplo, como um X [substantivo] de Y [substantivo] (um *touro de homem*[2]*, um castelo de casa,* etc. cf. FOOLEN, 2004).

No presente capítulo, a distinção entre conceptualização e expressão (das emoções) é tomada como um ponto de partida. A discussão pretende esclarecer que não apenas a conceptualização da emoção (Seção 2) mas também que a expressão da emoção (Seção 3) é uma função natural da linguagem. Na Seção 4, será dada atenção especial ao discurso figurado relativo à emoção. Eu argumentarei que a função expressiva do discurso figurado de natureza emocional (*eu quase explodi*) é tão importante quanto a sua função conceptualizadora. Na Seção 5, será discutido o papel fundamental que a emoção exerce no processamento da linguagem e no seu desenvolvimento ontogenético e filogenético, e a Seção 6 traz algumas considerações finais.

2 Nota dos Tradutores (N.T.): expressão que, mais comum à cultura brasileira, elegemos para substituir a expressão original, em Inglês *a bear of a man*.

2. A conceptualização das emoções: fluidez e propriedades relacionais

Com substantivos como *amor, raiva, surpresa,* podemos falar sobre emoções, mas outros elementos do discurso também contêm palavras que dizem respeito às emoções, como verbos, em particular (*amar, odiar, temer*), e adjetivos (*feliz, triste, bravo*). Em sequência, observaremos substantivos e verbos, abandonando adjetivos, mas acrescentaremos preposições, uma vez que elas exercem um papel nos aspectos relacionais (*amor por alguma coisa*) da conceptualização das emoções.

2.1 Substantivos

Wierzbicka (1999) e outros têm mostrado que as línguas diferem na maneira como interferem no campo emocional. Os alemães diferenciam entre *Eifersucht* e *Neid* enquanto os Holandeses usam *jaloezie* (‘ciúmes, inveja’) para ambos. A diferença em Alemão tem a ver com o que a outra pessoa tem que o experenciador da emoção também gostaria de ter: uma relação com outra pessoa (*Eifersucht*) ou a posse de um certo material (*Neid*). O Grego parece carecer de uma expressão para ‘frustração’ (PAVLENKO, 2008) e a língua africana Dholuo (Nilo-Saara, Nilótico) possui a palavra *maof*, que significa o “sentimento de desejar ver parentes e amigos que não se vêem há muito tempo e é, por extensão, transferido para outras coisas” (OMONDI 1997, p. 97). Essas diferenças entre línguas têm um efeito na maneira como os locutores percebem ou experenciam os seus próprios sentimentos e os de outros? Sim, de acordo com Lindquist (2009), que denomina esse ponto de vista de ‘perspectiva construtivista sobre emoção’. Colombetti (2009, p. 20) defende esse ponto de vista como: “os rótulos para emoções têm força causal. Eles podem agir como catalizadores para uma complexidade de sentimentos que poderiam passar despercebidos de outra forma. Eles também conseguem canalizar e estruturar recursos expressivos em direção a um tipo de experiência específica”.

É muito provável que exista mais variação entre línguas no processo de referenciação das emoções do que dos objetos concretos, já que as distinções entre emoções são dadas menos claramente por antecipação (são mais fluidas) do que, digamos, no processo de referenciação de animais ou artefatos. Como Danes (2004, p. 31) apresenta: “Talvez seja mais adequado usar a metáfora de um campo ou espaço de estados emocionais elementares, flutuantes e imprecisos, isto é, um “contínuo difuso” (...) com ‘ilhas relativamente condensadas’, mais ou menos diferentes em várias

culturas e identificadas por essas por significados de certos rótulos". Isso cria possibilidades interessantes para comparar o vocabulário emocional das línguas, cf. Dem'jankov *et al*. (2004) e Dziwirek e Lewandowska-Tomaszczyk (2010), que encontraram, por exemplo, que, em Inglês, a distinção entre emoções positivas e negativas é saliente, enquanto, em Polonês, a distinção dentro-fora exerce um papel importante em categorizar as emoções.

Em uma língua, a conceptualização de emoções pode se desenvolver através do tempo (cf. BLOEM, 2012). Um estudo diacrônico mais recente (sobre a raiva) é de Geeraerts e Grondelaers (1995). Mais recentemente, Fabiszak e Hebda (2010) investigaram o orgulho no Inglês medieval, Trim (2010) estudou o grau de saliência de diferentes modelos metafóricos para o amor em Inglês, e Tissari (2010) os observou em pares de palavras, tais como felicidade-tristeza, amor-ódio, esperança-medo, orgulho-vergonha, calma-ansiedade, e excitação-respeito no começo do Inglês moderno e no Inglês contemporâneo. Tais estudos linguísticos são um pré-requisito para estudos interdisciplinares sobre o impacto da língua(gem) na (variada) experiência dos sentimentos.

2.2 Verbos

As emoções podem compartilhar com as categorias neve e cores, a carência de distinções precisas, mas uma diferença clara tem a ver com a complexidade temporal: as emoções são processos que começam, ficam mais fortes e desaparecem gradualmente (cf. ZLATEV *et al*., 2012). Esse aspecto é conceptualizado de um modo natural com verbos, sendo 'palavras processo'. Nos verbos que denominam emoção, quatro 'papéis' semânticos diferentes estão envolvidos: Causas ('aquele barulho' em *aquele barulho me irrita*), Experenciadores (a pessoa que experencia a emoção, como *me* no exemplo dado), Alvos, como '*aquele som'* em '*eu odeio aquele som'*, e Efeitos (corporais) (tremor em '*ele tremeu de medo*).

Existe uma linha inteira de pesquisa em verbos mentais (verbos psíquicos) (cf. CROFT 1993; JACKENDOFF, 2007, cap. 7), na qual a questão central é: como podemos explicar a distribuição variável dos papéis semânticos de Causa, de Experenciador e de Efeito, sobre o sujeito, o objeto e o predicado sintáticos. As línguas germânicas ocidentais possuem ao menos três classes de verbos mentais: (1) Verbos Causativos: *Aquele barulho me irrita/ assusta*, em que a Causa é o sujeito e o Experenciador é o objeto direto. Uma paráfrase com estrutura passiva é possível (*Eu estou assustado*

por aquele barulho); (2) verbos Não-Acusativos, que não permitem uma paráfrase com estrutura causativa ou passiva. O objeto Experenciador tem o papel sintático de objeto indireto. Na mesma perspectiva, o Alemão possui um dativo (*Das gefällt mir*, 'aquilo me agrada'), considerando que possui um acusativo na combinação com os verbos mencionados em (1) (*Das beängstigt mich*, 'aquilo me assusta'); e (3) verbos Experenciador-sujeito: *Eu gosto/odeio/temo aquele som*.

Três questões relevantes:

i. É possível prever quais sentimentos são conceptualizados por um determinado padrão? Se existe um padrão, não é absoluto, assim como alguns sentimentos podem acontecer em dois padrões: *Aquele animal me assusta* versus *Eu temo aquele animal*; *aquilo me agrada* versus *eu gosto daquilo*. Além disso, vemos mudanças no mesmo verbo com o tempo em que o Experenciador troca de posição de objeto para o sujeito. Confira exemplos em Holandês em (1) e (2) a seguir.

(1) a. *Dat irriteert mij*
That irritates me
'Aquilo me irrita'

b. *Ik irriteer mij daaraan*
I irritate me thereon
'Aquilo me irrita'[3]

(2) *Behalve aan de regels rond tijdelijke aanstellingen irriteren docentren uit het wetenschappelijk onderwijs zich aan regels over unrengistratie.*

(VOX, n.15, v.9, 2 de abril de 2009, p. 6)

'*Besides about regulations concerning temporary appointments academic teachers are annoyed [literally: 'irritate themselves'] about rules dealing with the administration of working hours.'*

'Frente a regulamentos referentes a contratos acadêmicos temporários, os professores se incomodam [literalmente: 'se irritam'] quanto às regras que lidam com a administração de horas trabalhadas.'

3 N.T.: Em Português, temos a possibilidade de manter o sujeito, como em "Eu me irrito com isso".

ii. Podemos dizer que a relação emocional é conceptualizada diferentemente em três diferentes padrões verbo-argumentos? Podemos dizer, por exemplo, que, se o Experenciador estiver posicionado no lugar de sujeito, a construção implica algum controle do Experenciador sobre a emoção? Não há, no entanto, evidência empírica disponível a favor ou contra tais questões.

iii. Diferentes modos de conceptualizar processos emocionais possuem um impacto na maneira como as emoções são experenciadas? Se alguém acredita no ponto de vista construtivista da emoção, a resposta é 'sim'. Mas será difícil oferecer prova empírica desse posicionamento.

2.3 Preposições

Sintagmas Preposicionais (SPs) que se referem a emoções, geralmente, ocorrem com uma preposição: Preposição (P) + emoção (*em amor = enamorado*[4]) ou emoção + P (*amor por algo*). A preposição associa a emoção à Causa ou ao Alvo, ou elas indicam que o Experenciador está no estado daquela emoção (cf. DIRVEN, 1997; OSMOND, 1997; RADDEN, 1998).

Vardi (2008) analisou o uso das preposições em relação às palavras de emoção, comparando preposições holandesas e hebraicas. Uma das suas descobertas foi que as emoções, em Holandês, são mais comumente conceptualizadas como acompanhantes, usando a preposição *met* 'com': *met blijdschap*, 'com alegria', enquanto o Hebraico usa o *em*, *be-simxa*, 'em alegria', em que a emoção é conceptualizada como um container. Entretanto, quando comparamos Holandês com Inglês, observamos casos em que o Inglês conceptualiza a causa emocional como uma 'acompanhante', como subjacente à preposição *de*: *tremer de medo, pálido/branco de medo,* enquanto o Holandês utiliza a preposição tipo-'fonte' *van*: *bleek van angst*, literalmente 'branco/pálido por medo[5]', *trillen van woede,* literalmente 'tremer por raiva'. Isso indica que as línguas diferem no seu *construal*[6] da relação entre as emoções e suas Causas.

Além de substantivos, verbos e preposições, as línguas utilizam adjetivos (*triste, feliz, irritado*, etc.) e advérbios (*felizmente, tristemente,* etc.) no

4 N.T.: Expressão, em Português, que equivaleria ao sintagma "*In love".*
5 N.T.: No original: '*pale from fear'*
6 N.T.: Optamos por preservar, no original, o termo *construal*, por se tratar de termo técnico, específico, do campo dos Estudos Linguísticos, que apresenta dificuldade de tradução em Língua Portuguesa.

processo de lexicalização das emoções. Somente com base em uma descrição completa do vocabulário de línguas específicas (cf. VAINIK, 2004, um estudo sobre o vocabulário de emoção em Estoniano) tornaria possível, no futuro, uma comparação equilibrada entre línguas. Tais descrições deveriam ser baseadas, preferencialmente, no uso real da língua, ou seja, dados de corpus, como tem sido feito, por exemplo, no estudo de Oster's (2010) sobre 'medo' em Inglês.

3. Formas linguísticas expressivas

Em linguística, formas linguísticas expressivas têm sido estudadas com menos intensidade do que o vocabulário conceptual-descritivo sobre as emoções. Isso se deve, provavelmente, à orientação racional da linguística tradicional, elegantemente formulada por Sapir (1921, p.38-39), para o qual "a ideação reina absoluta na linguagem, (...) a volição e a emoção entram distintamente como fatores secundários". E Sapir (1921, p.217) repete seu posicionamento no final do seu livro, ao afirmar que "o aspecto emocional da nossa vida física está escassamente expresso na construção da linguagem". Entretanto, quando se começam a investigar formas expressivas na estrutura da linguagem, rapidamente, descobre-se que existe mais do que o que Sapir e a tradição linguística assumiram. Eu já mencionei interjeições emocionais e a construção, exemplificando com a frase *um touro de homem**. Formas linguísticas expressivas podem ser encontradas em todos os níveis linguísticos, como o breve panorama a seguir revela.

- Na prosódia, ver por exemplo Wendt (2007) e Hancil (2009).
- Existe uma morfologia expressiva, como os diminutivos, por exemplo. Taylor (1989, p.144) analisa as diferentes conotações do diminutivo em Italiano e em outras línguas (confira, também, STERIOPOLO, 2008, em diminutivos Russos). Em Holandês, o sufixo – sel implica geralmente uma avaliação negativa (schrijf-sel, 'algo mal escrito').
- Interjeições como uau, e intensificadores como terrivelmente, horrivelmente etc, possuem, geralmente, efeito emotivo (cf. JING-SCHMIDT, 2007).
- No nível lexical, existe a conotação (palavras carregadas de emoção): uma palavra com significado referencial evoca, ao mesmo tempo, certos sentimentos (câncer, morte). Através de eufemismo, tentamos salvar o significado referencial e nos livrar dos sentimentos (negativos): afro-americano7*, descanse em paz, etc.

7 N.T.: O exemplo apresentado pelo autor, originalmente, baseia-se na cultura norte-

- Muitas construções possuem significado expressivo, como a construção um touro de homem8*; a ‘construção de uma reação de incredulidade’,em Holandês Hij en lezen?, ‘E ele leu?’ (cf. LAMBRECHT, 1990); a interrogação nandao em Chinês (JING-SCHMIDT, 2008); orações dependentes utilizadas independentemente. Confira Evans (2007), que chamou esse fenômeno de ‘insubordinação’), como em: E pensar que eu já fui um milionário!. Além dos exemplos, em Holandês, em (5).

(5) a. *Vuil dat het was!*
dirty that it was
sujo que isso era
‘Estava terrivelmente sujo[9]!’

b. *Dat je dat durft!*
That you that dare
Que você que ousa
‘Estou impressionado que você se atreva a fazer isso’

c. *En of ik het durf!*
E se eu isso atreva
‘Com certeza eu me atrevo a fazer isso!!’

Visto que formas linguísticas expressivas não vêm sendo amplamente estudadas, esses argumentos estão baseados, principalmente, em exemplos construídos e em julgamentos intuitivos. Entretanto, mais recentemente, o estudo de formas de linguagem expressiva encontrou uma base empírica mais forte na análise conversacional. Confira Selting (2010), que estudou como a afetividade é gerenciada na interação com o uso de xingamentos, enunciados curtos e pistas fonético-prosódicas vocais específicas. Enquanto a análise conversacional utiliza um método qualitativo, aprofundando o olhar em dados limitados, a análise de corpus dá preferência a uma abordagem quantitativa. Confira, por exemplo, os trabalhos Bednarek (2008) e Potts e Schwarz (2008). Nesse último estudo, um corpus com 100.000 comentários críticos foi organizado; metade com comentários de livros no Amazon. com e metade com comentários de hotéis tirados do website *Tripadvisor. com.* Em cada comentário, o livro ou hotel foi avaliado (de 1 a 5 “estrelas”). Potts e Schwars checaram a distribuição da exclamativa ‘mas que...’ (‘*what a...*’), ao longo dos comentários. A distribuição mostrou uma bela parábola (*U-curve)*: alta para as avaliações/comentários com 5 estrelas, descendo

americana.

8 N.T.: *A bear of a man construction*

9 N.T.: Em Português, uma expressão mais comum neste sentido seria: em a. "Sujo que só", e em b. "Mas como você ousa?"

para as avaliações intermediárias e subindo novamente para as avalições baixas. Numa segunda etapa, pelo computador, eles realizaram uma busca de expressões que correlacionaram 'mas que...' ('*what a...*'), com o objetivo de detectar outras formas expressivas. Foram encontradas correlações com quantificadores universais, como *sempre/nunca/já, absolutamente, todo* e interjeições como *uau (wow)*. Potts e Schwars também procuraram por

formas que apresentavam uma distribuição em parábola inversa (*reversed U-shape*), formas que foram comumente usadas nos comentários com notas médias (três estrela). Potts e Schwars denominaram esses termos de 'inexclamativos'. Nesse trabalho, os pesquisadores encontraram formas como *bastante, um pouco, decente, principalmente, provavelmente* e *básico*.

As culturas variam, verbalmente e não-verbalmente, no grau de expressividade emocional, como pesquisas antropológicas têm mostrado (cf. WILCE, 2009). Isso levanta a questão do impacto do comportamento sobre a 'vida interior', uma questão Whorfiana, agora aplicada ao uso da linguagem na relação com a emoção. Wilce (2009, p.9) propõe "historiar nosso tratamento do nexo entre linguagem-cultura-emoção. (...) Historiadores da emoção têm focalizado quase que exclusivamente em macro-forças (...) e negligenciado as análises mais refinadas da linguagem instauradas no processo de interação em tempo real."
Relativamente às formas linguísticas expressivas, ainda há muito trabalho descritivo a ser feito. Quanto mais resultados descritivos tornam-se disponíveis, mais questões interessantes sobre um caráter geral podem ser levantadas, como as seguintes.

1. Quão específicas são as emoções que estão conectadas com formas linguísticas expressivas? Temos construções amor- ou medo-, ou apenas construções que indicam 'envolvimento emocional', deixando que o contexto determine que emoção intencionamos? Uma possível resposta poderia ser que as interjeições e conotações lexicais implicam emoções específicas (nojo, amor, medo), e que meios morfológicos e sintáticos expressam aspectos esquemáticos das emoções: atitude positiva ou negativa, ou ainda mais generalizada: envolvimento, sem a polaridade positiva ou negativa.
2. Existem características formais que diferenciam formas expressivas das não-expressivas? Neste capítulo, a noção de 'marcação' (*markedness*) parece útil (veja BATTISTELLA, 1996). Ao menos algumas das formas expressivas estão marcadas em relação a formas expressivas não-marcadas. Tome, por exemplo, a construção *um touro de homem*.* Normalmente, em sintagmas nominais (SNs)

> da forma *um X de Y*, o primeiro Substantivo é o núcleo da construção, como em *o volante de um carro*, que diz respeito ao volante. Mas *um touro de homem* diz respeito a um homem. Outro exemplo de uso de linguagem marcada é a insubordinação (EVANS, 2007). Normalmente, orações subordinadas são dependentes de uma oração principal, mas, nos exemplos dados em (5), elas são usadas independentemente.

Para finalizar, gostaria de incorporar o trabalho descritivo sobre formas expressivas e questões mais gerais indicadas em um arcabouço teórico. Na Gramática Cognitiva, foram feitas algumas observações que podem ser expandidas em uma parte integrada da teoria. Relativamente à conotação, Taylor (2002, p.202) afirma que "na visão da Gramática Cognitiva, a 'conotação' não é um nível distinto (e secundário) de significado, mas sim (um nível) inteiramente incorporado à estrutura semântica de uma palavra". Ele ilustra isso com uma comparação nas conotações possíveis para *solteiro* e *solteirona*. A conotação pejorativa da última palavra pode ser explicada em contraste ao conhecimento de domínio específico, contra o qual *solteiro* e *solteirona* são entendidos.

Langacker (2008) dedica uma seção curta (p. 475-477) ao que ele denomina 'Expressivos'. O pesquisador utiliza 'expressivos' como um termo geral para fórmulas de rotina interativa como *oi, obrigado, sim*, e formas expressivas como *droga, uau*. Todas elas envolvem, no modelo de Langacker (2008), um *construal* subjetivo

> O que os 'expressivos' perfilam? Talvez nada, ao menos num sentido limitado do termo. O perfil de uma expressão é o foco da atenção na cena, por definição, objetivamente inferido, mas, ao menos do ponto de vista do locutor, os expressivos não são algo como ver e descrever o conteúdo em cena. Ao usar um (expressivo), o locutor está tanto executando uma ação social quanto manifestando vocalmente uma experiência – mais do que *descrevendo* um cenário, ele *exerce um papel*. Para o locutor, portanto, a ação ou a experiência é subjetivamente interpretada. (LANGACKER, 2008, p.476)

A distinção entre construal objetivo e subjetivo também é relevante para outros fenômenos linguísticos, como o uso descritivo versus perfomativo de verbos de atos de fala, discurso indireto versus discurso direto e auxiliadores modais (veja VERSTRAETE, 2001). Em enunciados performativos, discurso direto e enunciados com auxiliares modais subjetivos, o locutor está pessoalmente envolvido ou comprometido, como em modos expressivos de fala baseados em emoção. Seguindo essa linha de pesquisa, a linguagem expressiva poderia ser estudada na perspectiva mais ampla da subjetivação

e intersubjetivação na linguagem (cf. DAVIDSE; VANDELANOTTE; CUYCKENS, 2010).

4. A abstratividade das emoções em relação ao discurso figurativo

Além das fronteiras fluidas para a categorização das emoções (por exemplo há aquelas mais facilmente relacionadas a cores e outras mais facilmente relacionadas a objetos) e da relação mais complexa do que aquela entre animais e objetos (há causas, experienciadores, alvos e efeitos envolvidos), existe uma terceira propriedade que torna a emoção um objeto relevante aos estudos da Linguística Cognitiva, qual seja, o traço abstrato, ou a "abstratividade" das emoções. Lakoff e Johnson (1980) argumentaram que as entidades abstratas são sempre conceptualizadas com a ajuda de uma metáfora. A abstratividade é, porém, uma noção controversa. Uma visão possível é a de que algo é abstrato se não puder ser percebido por alguém pelos cinco sentidos pelos quais percebemos o "mundo externo". Nessa perspectiva, as emoções são, sim, abstratas: nós as percebemos "internamente", não com os olhos, ouvidos etc., embora uma emoção possa ter efeitos no corpo quando se tornam perceptíveis aos sentidos.
Estudos apontam que a propriedade abstrata das emoções explica o uso exacerbado da linguagem figurada (em particular a metáfora) no discurso sobre elas (KÖVECSES, 1990). Nessa perspectiva, necessitamos de descrições figurativas porque, de outra forma, seria difícil tratar de fenômenos tão abstratos quanto as emoções. Isso explicaria o uso de expressões como "Ele explodiu", quando a raiva é vista como um líquido em um contêiner, ou, em Holandês, *Hij was in de wolken*, ou, literalmente, "Ele estava nas nuvens" ("Ele estava muito feliz") etc. Como as emoções estão fortemente ligadas ao corpo, não parece supresa que muitas das expressões figurativas para as emoções são caracteristicamente metonímicas, utilizando-se partes do corpo e órgãos internos para se referir a elas: "Meus joelhos tremeram, seus olhos estreitaram, meu coração se afundou em minhas botas, em Holandês *Mijn haar stond recht overiend* "Meu cabelo arrepiou" ". Esses são exemplos da metonímia do tipo "efeito pela causa".

Um grupo especial de "somatizações" (linguagem figurada baseada no corpo) está relacionado ao fato de que, normalmente, consideramos que sentimentos estão localizados nos órgãos internos, por exemplo, no ouvido (interno), no coração, na bexiga, cf. (3), e no fígado (Em malaio *hati*), cf. (4).

(3) *Ik voel het aan mijn water* (Holandês)
I feel it in my water [i.e. urine in the bladder] (Inglês)

Eu o sinto em minha água [por exemplo, urina na bexiga][10]
'Eu tenho uma intuição sobre isso'

(4) a. Sakit hati (Língua Malaia)
Aches liver ('It hurts') (Inglês)
Dói no fígado ('Dói)
b. Bagai hempedu lekat di hati (Língua Malaia)
'As the spleen stick to the liver' (referring to deep afection) (Inglês)
'Como uma estaca do baço ao fígado (referindo-se à afeição profunda)

Em muitas línguas, o coração é uma fonte rica de semiose, em especial para as emoções (cf. FOOLEN, 2008). Exemplos: O meu coração batia em minha garganta. Em Holandês, "*M'n hart me zonk in de schoenen*", literalmente 'Meu coração afundou em meus sapatos ", "*Mijn hart sloeg sobre van Vreugd*", literalmente "Meu coração perdeu uma batida para fora de alegria" ("Meu coração perdeu uma batida"[11]) etc. Mais uma vez: metonimicamente, o efeito fisiológico é responsável pela causa emocional.

Será que é realmente o caso de precisarmos dessas figuras de linguagem para falar sobre emoções, já que, devido a seu caráter abstrato, não temos uma linguagem direta para nos referirmos a elas? Temos substantivos, como o medo, ódio, amor etc. e verbos e preposições para concepttualizar os processos emocionais. Então, por que usar as formas figurativas ao falar sobre emoções?

Barsalou e Wiemer-Hastings (2005) levantaram essa questão com relação a conceitos abstratos em geral.

> Alguns teóricos têm argumentado que os significados dos conceitos abstratos são baseados em domínios concretos (...). Por exemplo, o conceito de RAIVA baseia-se em fenômenos concretos, tais como água fervente escapando de uma panela fechada. Concordamos que as metáforas sempre facilitam o entendimento dos significados dos conceitos abstratos, e tornam certos aspectos de seu conteúdo conceitual mais salientes (...). No entanto, a experiência direta de conceitos abstratos parece central para o seu conteúdo. (...) Uma das razões é que as pessoas possuem uma considerável experiência direta com conceitos abstratos (...). A experiência direta de conceitos abstratos é importante também por outro motivo. Uma metáfora concreta não pode ser mapeada em um

10 N.T.: Em Português, uma expressão mais comum neste sentido, talvez fosse: "Eu o sinto em minhas entranhas" ou "dói no estômago"
11 N.T.: Em Português, uma expressão mais comum neste sentido, talvez fosse: "Meu coração perdeu o compasso."

> conceito abstrato, se o conceito abstrato não tiver estrutura própria (...). Se um conceito abstrato não tem uma estrutura baseada na experiência direta, a metáfora concreta não teria para o quê mapear. (BARSALOU; WIEMER-HASTINGS, 2005, p. 133)

Na mesma perspectiva, Crawford (2009) discorda de Lakoff e Johnson (1980), que afirmam que o uso do domínio físico para conceituar o domínio emocional é motivado pela concretude do físico e a abstratividade do emocional. De acordo com Crawford

> nossa cognição sobre os afetos parece estar em terreno mais firme do que a nossa cognição sobre os seus domínios fonte, como o espaço. As pessoas são muito boas em lembrar o tom afetivo de suas experiências, mesmo quando muitos detalhes dessas experiências foram esquecidos, por exemplo. Além disso, a percepção de lugar, de brilho e de tamanho está sujeita a uma variedade de tendências e efeitos do contexto, o que sugere que esses podem não ser fundamentos tão estáveis para servirem de base aos afetos. (CRAWFORD, 2009, p. 136)

Concordo com Crawford quando ela conclui que

> dada a diferença qualitativa entre o afeto e o domínio físico usado para descrevê-lo, ordená-los em termos de o que é mais ou menos abstrato, primário, ou bem delineado, é simplificar demais. Uma abordagem mais promissora poderia ser a de considerar as vantagens que esses domínios-fonte oferecem ao processo de representação do afeto. (CRAWFORD, 2009, p. 137)

Quais são, então, na visão de Crawford, as vantagens dos domínios de origem física para se representarem os afetos?

> O afeto pode capitalizar em domínios-fonte, tais como espaço e brilho, porque eles proveem formas poderosas de representar e manipular informação para si mesmos e para outros (...). A cognição espacial, em particular, é frequentemente recrutada para dar suporte ao raciocínio sobre informações não-espaciais. (...) Assim, podemos pensar em afetos em termos de outras dimensões físicas não porque os afetos são abstratos ou mal delineados e não têm representação clara de si próprios, mas porque isso nos permite explorar as vantagens que essas dimensões trazem para o raciocínio e para a comunicação. (CRAWFORD, 2009, p. 138)

Uma função semelhante das metáforas do tipo “movimento-emoção” é também sugerido por Zlatev e outros (2012).[12]

12 N.T.: Vide, também, neste *ebook*, capítulo assinado por Göran e Zlatev.

A explicação funcional de Crawford para o uso da discurso figurativo para conceptualizar e comunicar afetos pode estar correta ou parcialmente correta, mas, na minha opinião, há outra explicação funcional que pode até ter mais valor explicativo, a saber, a necessidade de expressividade. As emoções não são normalmente (tipicamente) um tema neutro. Quando

falamos de emoções, especialmente quando falamos de nossas próprias emoções, que sentimos em situações críticas, estamos emocionalmente envolvidos, e isso estimula o uso de linguagem expressiva. Crawford (2009, p. 130), citando Toby Fainsilber (1989), afirma: “As metáforas são usadas no discurso sobre qualquer assunto, mas elas parecem ser especialmente frequentes quando o assunto é emocional, e sua frequência aumenta ainda mais com a intensidade das emoções”.

Se é verdade que o discurso de envolvimento (emocional) contém muita linguagem figurada, então podemos inferir que a linguagem figurada tem valor expressivo. Por que a linguagem figurada tem essa propriedade? Aqui, a minha resposta seria: imagens fortes, como a de uma explosão, evocam emoções porque parte da representação de explosões na memória é fortemente emocional.

Quando há uma explosão, normalmente ficamos com medo. Assim, através da imagem (de uma explosão), tornamo-nos conscientes da emoção e, consequentemente, as reações físicas são estimuladas: palavra *explosão* → imagem de uma explosão → sentimento de medo → impulso de fugir.
Em relação a discurso figurativo *somático* (metonímico), como joelhos trêmulos ou pés frios, o *link* para a consciência emocional pode ser ainda mais direto: quando a emoção se correlaciona com certos sintomas físicos, então falar sobre os sintomas físicos estimula a imagem motora de joelhos trêmulos e isso, por sua vez, estimula a percepção consciente da emoção. Essa é uma espécie de raciocínio James-Lange (proposto por William James e Carl Lange): experiência corporal é primária e o sentimento mental é causado por ela.

O ponto de vista aqui defendido, ou seja, de que o uso da linguagem figurada contribui para a linguagem expressiva, já foi sugerido por Fussell e Moss (1998) e mais recentemente por Cameron (2008):

> O afeto é fundamental para o porquê e o como as pessoas usam a metáfora (...). Sendo assim, a afetividade não pode ser simplesmente acrescentada ao conceptual, mas deve ser vista como uma força motriz para o uso e a evolução das metáforas nas conversas em tempo real. (CAMERON, 2008, p. 13):

Simone Schnall (2005), ao discutir essa questão, cita Gibbs e colaboradores (2002), ao afirmar:

> Gibbs e colaboradores (2002) observaram que expressões figurativas, como “Eu explodi completamente”, são entendidas de forma diferente das expressões literais como “Eu estava muito irritado”. Uma razão pela qual as metáforas são tão poderosas na linguagem emocional é que elas têm o potencial para evocar experiências vívidas, que tocam em experiências físicas reais, tais como a experiência de emoção. (...) As expressões figurativas de emoções específicas refletem aspectos da experiência corporal dessas emoções. (SCHNALL, 2005, p. 29-30)

O principal argumento desta seção é, então, o de que o discurso figurativo é muitas vezes utilizado para referenciar as emoções. Estudos advogam que fazemos isso porque as emoções são “abstratas” e difíceis de expressar sem o uso da metáfora e da metonímia. Sem negar o papel do discurso figurativo na conceptualização das emoções, gostaria de sublinhar a sua função expressiva. Emoções pertencem à classe de referentes não neutros, sobre os quais frequentemente se fala de uma forma envolvente. O discurso figurativo contribui para o envolvimento. Os tipos de uso da linguagem que visam a efeitos emocionais, tais como a literatura ou a propaganda, normalmente contêm mais discurso figurativo do que os textos que têm fins puramente racionais (reportagens jornalísticas, palestras acadêmicas, ou instruções para o uso de uma máquina, por exemplo).

5. Linguagem e emoção na perspectiva da cognição situada[13]

Em seus primeiros anos, a Linguística Cognitiva foi inspirada por estudos em Psicologia Cognitiva, como os de Rosch (1973), sobre os efeitos do protótipo em processos de categorização. Essas ideias provaram ser produtivas para a análise do significado linguístico. Parece que a Linguística Cognitiva precisa assumir, pela segunda vez, um desenvolvimento em Psicologia Cognitiva, mais precisamente as novas ideias sobre cognição corporificada. Lakoff e Johnson (1999) deram uma contribuição na linguística para essa nova linha de pesquisa. O que é cognição corporificada, ou cognição situada, como Barsalou (2008) a denomina? Na perspectiva de Barsalou, o processamento cognitivo do conhecimento conceptual não acontece em uma parte conceptual separada do cérebro, que lida com “conhecimento abstrato”.

13 N.T.: Optamos por traduzir termo *"grounded"* por "situada" em consonância com a tradução para a Língua Portuguesa, no Brasil, do mesmo termo em Barsalou.

Estudos de neuroimagem mostram que, quando as pessoas processam conhecimentos sobre os animais, áreas visuais estão especialmente ativas, e quando as pessoas processam artefatos, áreas motoras se tornam ativas (como se quisessem usar uma bola, uma faca, uma bicicleta, ou um outro artefato em uma atividade motora). “Da mesma forma, quando as pessoas processam conceptualmente os alimentos, áreas gustativas se tornam ativas” (BARSALOU, 2008, p. 627).

Nos últimos anos, abordagens que consideram o processamento da informação numa perspectiva corporificada foram estendidas ao processamento da informação linguística. As palavras não são processadas em um léxico mental muito entrincheirado. Quando os participantes simplesmente leem a palavra para uma ação, o sistema motor se torna ativo para representar o seu significado (cf. PULVERMÜLLER, 2005 e PULVERMÜLLER; FADIGA 2010). Assim, não apenas as áreas do cérebro são estimuladas, a estimulação continua para além do cérebro, no corpo. Quando você ouve uma descrição de uma boa refeição, às vezes, as suas glândulas salivares são ativadas, cf. a expressão holandesa “*Het water me Loopt em demond, lit.*” A água corre em minha boca[14] (“Eu gostaria de comê-la”). Quando você ouve ‘andar’, pode-se medir a ativação em seus pés, que é, felizmente, “desativada” pelo cérebro. Caso contrário, teríamos que agir para tudo o que dizemos e ouvimos. Gestos que acompanham o discurso corporificam (em parte) o conteúdo da comunicação bem sucedida.

Corporificação situada também ocorre quando são usadas palavras com significado emocional. Pesquisas em Psicolingüística mostraram que o processamento de palavras carregadas de emoção difere do processamento de palavras “neutras” (cf. SCOTT, 2009). Palavras carregadas de emoção ativam o sistema límbico, o complexo de centros emocionais no cérebro, em particular no hemisfério direito, que é forte no processamento da prosódia, gestos e palavras emocionais (palavras com uma conotação emocional). Landis (2006) realizou experimentos com palavras carregadas de emoção (medo, matar, dor, morte, amor, ódio, raiva, chorar, batida, facada, estupro, nudez) versus palavras não-emocionais (tempo, vista, forma, meia, fato, principal, pilha, unidade, extensão, núcleo, duplo, essência). Quando apresentadas no campo visual esquerdo e, portanto, processadas no hemisfério direito, as palavras carregadas de emoção foram processadas (reconhecidas) mais rapidamente do que as palavras não-emocionais. Isso mostra que o hemisfério direito desempenha um papel no processamento de

14 N.T.: Em Português, uma expressão mais comum neste sentido, talvez fosse: "Estou com água na boca".

palavras emocionais. Aparentemente, uma ressonância entre a conotação da palavra e a parte emocional do cérebro acelera seu processamento. Landis também relata que pacientes afásicos com lesões no hemisfério esquerdo exibiram um padrão característico:

> quando aparece uma palavra não-emocional, os pacientes muitas vezes lutam ao tentar, com esforço, articular a palavra. (...) Quando as palavras emocionais foram apresentadas, a reação foi muito diferente. Os pacientes frequentemente sorriram, inclinaram-se para trás e pronunciaram a palavra sem a menor hesitação. (LANDIS, 2006, p. 824).

Outro experimento engenhoso sobre o processamento de linguagem emocional é o de Glenberg e outros (2005). Eles mostraram que o estado emocional positivo ou negativo de um sujeito desempenha um papel no processamento de frases com conteúdo emocional. Indivíduos tinham que ler frases agradáveis e desagradáveis em uma tela de computador. Frases com o conteúdo agradável foram, por exemplo: “O presidente da faculdade anuncia o seu nome, e você, orgulhosamente, entra no palco”, e “Você e seu amado se abraçam após uma longa separação”. Frases desagradáveis eram “Um carro de polícia para rapidamente atrás de você, com a sirene ligada.” e “Seu supervisor fecha a cara ao lhe entregar o envelope selado”. Os indivíduos tinham que julgar se a sentença era agradável ou desagradável, apertando um botão para “agradável” ou outro para “desagradável”.

Como induzir um estado emocional positivo ou negativo nos sujeitos? Aqui os pesquisadores usaram a teoria da personificação de forma curiosa. O raciocínio é o seguinte: quando uma pessoa está feliz, ela vai sorrir; quando está infeliz, vai franzir a testa. Como as emoções estão fortemente ligadas à postura corporal e à expressão facial, a cadeia causal também pode funcionar no sentido inverso (“hipótese do *feedback* facial”). Como Darwin ([1872] 2009, p. 333) observou: “A expressão livre de sinais externos de uma emoção a intensifica. Por outro lado, a repressão, até onde isso é possível, de todos os sinais exteriores, suaviza as nossas emoções. “ Glenberg e outros implementaram essa ideia na tarefa da caneta: indivíduos tinham que segurar uma caneta entre os dentes ou entre os seus lábios enquanto liam as sentenças. A condição de segurar a caneta entre os dentes produziu um sorriso e, por aquele sorriso, um sentimento feliz, enquanto a condição de segurar uma caneta entre os lábios provocou uma cara feia e, através dela, um sentimento desagradável. Os resultados corroboraram o suposto vínculo causal entre corpo e emoção: quando seguravam a caneta entre os dentes, os sujeitos classificavam as frases com conteúdo agradável

mais rapidamente do que as frases desagradáveis e quando seguravam a caneta entre os lábios o resultado foi o oposto. A ressonância entre o humor do sujeito e o conteúdo da sentença facilitou o julgamento, e a não ressonância exigiu mais um passo (estabelecer a diferença) para se fazer a classificação correta. O experimento também revelou que o conteúdo da sentença não é um conteúdo puramente cognitivo (como tem sido muitas vezes implicitamente assumido em linguística). O conteúdo é automaticamente carregado de emoção, e essa emoção desempenha um papel no processamento da sentença. Esses achados estão de acordo com as declarações que já podiam ser encontradas em Osgood e outros (1957, p. 21): “Estímulos de várias modalidades, visual, auditiva, emocionais e verbais, podem ter compartilhado significâncias dos significados - estímulo de equivalência intermodal “

Recentemente, a base/situacionalidade (*grounding*) das palavras emocionais tornou-se um tema de interesse de pesquisas sobre aquisição de segunda língua (cf. PAVLENKO, 2008). A primeira língua ou língua materna (L1) e a segunda língua (L2) diferem na força de sua ligação com as emoções, tanto no nível da linguagem em geral quanto no nível de palavras individuais[15]. Relata-se, no senso comum, que as pessoas que adquirem uma segunda língua tardiamente e a falam muito bem, consideram mais fácil falar sobre questões emocionais em sua primeira língua. Essa é uma observação que se reflete nos experimentos. Em geral, as palavras da L2 levam mais tempo para serem processadas em tarefas experimentais do que palavras da L1 (em uma tarefa de decisão lexical, por exemplo). No entanto, a diferença entre L1 e L2 é ainda mais forte quando palavras carregadas de emoção estão envolvidas. Aparentemente, as palavras emocionais da L1 têm fortes ligações com o sistema emocional, o que facilita o processamento, enquanto as palavras da L2 não. Essa diferença entre L1 e L2 pode ser causada pela maneira como elas foram aprendidas. A L2 é muitas vezes aprendida em um contexto mais racional (escola). Consequentemente, é preciso tempo (anos, talvez) para as palavras emocionais da L2 conectarem-se ao sistema emocional. Harris e outros (2003) demonstraram o impacto diferencial de palavras emocionais em L1 e L2, medindo a condutividade da pele, experimento em que se pode medir o quão bem a eletricidade é conduzida entre dois eletrodos sobre a pele. Em geral, a “agitação” emocional leva a uma condutividade mais forte. Os sujeitos tinham de ler palavras tabus e advertências em L1 e L2 e o processamento das palavras em L1 resultou em uma condutividade mais forte. O processamento de palavras, nesse caso palavras emocionais, não é, aparentemente, um processo isolado, encapsulado.

15 N.T.: Sobre o assunto, confira também neste ebook, o trabalho de Belli.

Em Linguística Cognitiva, tem-se argumentado que a linguagem (estruturas e significados, em suma, construções) deve ser baseada na cognição. Croft e Cruse (2004, pag. 3), por exemplo, citam a máxima de Langacker: 'gramática é conceptualização'. A cognição, por sua vez, tem sido cada vez mais considerada como algo baseado em movimento e ação, cf. Fischer e Zwaan (2008). O presente trabalho alinha-se com essa visão, mas propõe que, além de movimento, um segundo pilar fundamental, a emoção, precisa ser acrescentado a fim de se obter uma base equilibrada, sólida, das funções superiores da cognição e da linguagem. Na literatura recente, o papel fundamental da emoção é fortemente reconhecido.

Vigliocco e outros (2009) corroboram o pressuposto central das teorias da cognição corporificada, qual seja: "a representação e o processamento de informação semântica recruta, automaticamente, de uma forma ou de outra, os mesmos sistemas neurais que estão envolvidos durante a percepção e a ação". Ao mesmo tempo, eles enfatizam "o papel da informação afetiva ou emocional, como outro tipo de informação experiencial que é fundamental (ou seja, primário e necessário) na aprendizagem e na representação de significados, especialmente para palavras abstratas" (VIGLIOCCO *et al.*, 2009, p. 220). A partir da revisão de pesquisas experimentais, concluem que

> o sistema subcortical envolvido no processamento de emoções a partir de estímulos não-verbais (ou seja, rostos) também está envolvido no processamento de valência emocional das palavras. Isso sugere que há interações entre o processamento da linguagem e o sistema límbico em moldes semelhantes aos relatados anteriormente para o sistema sensório-motor, corroborando, assim, a ideia do papel fundamental do afeto no processamento da linguagem. (VIGLIOCCO *et al.*, 2009, p. 228)

Em uma perspectiva ontogenética, Doan (2010, p. 1071) afirma esse ponto de vista.

> Embora exista muito pouca pesquisa que examine como a compreensão afetiva no primeiro ano de vida pode facilitar a aquisição da linguagem, esses estudos sugerem a ideia de que, uma vez que a emoção é um mecanismo tão fundamental para a comunicação no início da vida, essa pode lançar as bases para a aquisição da linguagem no primeiro ano. O afeto, seja expresso na linguagem, ou por meio de interações comportamentais entre mãe e filho, pode facilitar a compreensão das crianças através do mecanismo de engajamento (DOAN, 2010, p. 1071).

Por fim, podemos dar uma breve olhada na perspectiva filogênica. A partir dessa perspectiva, o movimento tem sido identificado como uma base importante para a origem da linguagem, cf. Arbib (2005, p. 34): "mecanismos cerebrais que dão suporte à linguagem evoluíram, no ancestral comum aos macacos e humanos, em um sistema especular, entre pegar um

objeto e sua capacidade de gerar e de reconhecer um conjunto de ações manuais". Reconhece-se, cada vez mais, o papel da cognição social na evolução humana e, nessa perspectiva, ressalta-se o papel fundamental da emoção para a linguagem, cf. Tomasello (2008, p. 210): "O desejo de cultivar afiliações com os outros constitui a base para um dos três motivos básicos para o modelo de cooperação da comunicação humana: o desejo de compartilhar emoções e / ou atitudes com os outros". (os outros dois motivos são solicitar e informar, que têm uma orientação mais prática) Em resumo: nos ancestrais humanos, movimento (ação) e emoção foram ingredientes importantes da vida prática e social e ambos foram estímulos fortes, ou mesmo pré-requisitos necessários, para que a linguagem surgisse.

6. Conclusão

Shanahan (2007, p. 2) afirma que

> na última metade do século, desenvolvemos os tipos mais formais de compreensão e ignoramos, amplamente, o fato de que os sentimentos trazem tanta informação para linguagem quanto as características cognitivas que têm dominado as pesquisas sobre ela. (SHANAHAN, 2007, p. 2)

As seções anteriores deixaram claro, espero, que a emoção gradualmente recebe o seu devido lugar na pesquisa sobre o significado linguístico. A forma como as emoções "informam linguagem" é pelo menos três vezes mais ampla, como tentei mostrar neste capítulo. As emoções são (a) conceptualizadas em línguas por uma variedade de formas de palavras, com sentido figurado e "literal", (b) podem ser expressas de uma forma mais direta pela prosódia, pela morfologia, pelas construções sintáticas e pelo uso de linguagem figurada, e (c) são fundamentais para o processamento da linguagem, sua gênese e seu desenvolvimento ontogenético e filogenético. Eu concluo questionando se *insights* de pesquisas sobre a relação entre a linguagem e as emoções podem ser transferidos para contextos mais práticos. Nesse sentido, vejamos algumas áreas em que esses insights podem ser relevante

- Ensino de línguas: se a emoção é relevante para aprender a falar uma língua, línguas estrangeiras devem ser ensinadas de forma a permitir o envolvimento emocional, cf. Schumann (1997).
- Psicoterapia: o uso de uma segunda língua pode proteger, numa fase precoce da terapia, da evocação de emoções muito fortes relacionadas a experiências traumáticas. Mudar para a língua

materna em momento posterior da terapia pode ter um efeito de 'avanço' (cf. PAVLENKO, 2005).

- Alexithymia (do grego a = falta, lexis = palavra, thymos = emoção): as pessoas alexitímicas dificilmente são capazes de falar sobre suas emoções, nem com o uso de vocabulário direto, nem de linguagem figurada, ou expressiva, ou outra qualquer.
- Campanha publicitária: Putoni e outros. (2009) mostraram que a publicidade em L1 e L2 têm impactos emocionais diferentes. Empresas internacionais devem pensar duas vezes antes de escolher automaticamente o inglês como o primeiro e único idioma em suas campanhas publicitárias pelo mundo.
- Comunicação Intercultural, cf. Dem'jankov e outros (2004, p.177): "o uso de fórmulas emocionais nas negociações é eficiente, em diferentes proporções, em diferentes sociedades europeias e não-europeias".

A "revolução emocional" que aconteceu na Psicologia há 15 anos finalmente chega aos Estudos Linguísticos. Espero ter mostrado que a Linguística não pode mais negligenciar as emoções e, da mesma forma, a investigação sobre as emoções não pode negligenciar a Linguística. Uma visão mais aprofundada da relação entre linguagem e emoções só será possível se as relações interdisciplinares sinalizadas neste trabalho forem fortalecidas em pesquisas futuras.

Referências

ARBIB, M., The mirror system hypothesis: how did protolanguage evolve? In: TALLERMAN, M. (Ed.), **Language origins**: perspectives on evolution. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 21-47.

BARSALOU, L.W. Grounded cognition. **Annual Review of Psychology**, n.59, p.617–645, 2008.

BARSALOU, L.W.; WIEMER-HASTINGS, K. Situating abstract concepts. In: PECHER, D.; ZWAAN, R. (Eds.), **Grounding cognition**: the role of perception and action in memory, language, and thought. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 129–163.

BATTISTELLA, E. **The logic of markedness**. New York e Oxford: Oxford University Press, 1996.

BEDNAREK, M. **Emotion talk across corpora.** Houndmills: Palgrave MacMillan, 2008.

BLOEM, A. (E)motion in the XVIIth century. A closer look at the changing semantics of the French verbs émouvoir and mouvoir. **Moving ourselves, moving others**. NewYork: John Benjamins, 2012.

CAMERON, L. **Metaphors in real time**: evidence for 'affective models'. Disponível em:www.dur.ac.uk/resources/mlac/research/metaphors_as_models/Cameron2.pdf, Acesso em setembro, 2008.

CASASANTO, D. Who's afraid of the big bad Whorf? Crosslinguistic differences in temporal language and thought. **Language Learning**, n.58, v.1, p.63–79, 2008.

COLOMBETTI, G. What language does to feelings. **Journal of Consciousness Studies**, n.16, v.9, p.4–26, 2009.

CRAWFORD, L.E. Conceptual metaphors of afect. **Emotion Review,** v.1, p.129–139, 2009.

CRO, W. Case marking and the semantics of mental verbs. In: PUSTEJOVSKY, J. (Ed.), **Semantics and the Lexicon.** Dordrecht: Kluwer,1993, p. 55–72.

CROFF, W.; D.A. **Cruse cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DAMASIO, A. **Descartes' error**. Emotion, reason, and the human brain. London: Picador, 1994.

DANEŠ, F. Universality vs. culture-specifcity of emotion. In: WEIGAND, E. (Ed.), **Emotion in dialogic interaction.** Amsterdam: Benjamins, 2004, p.23–32.

DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and animals**. London: Penguin, [1872], 2009.

DAVIDSE, C.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.) **Subjectication, intersubjectication and grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

DEM'JANKOV, V. *et al.* Joy, astonishment and fear in English, German and Russian: a corpus-based contrastive-semantic analysis. In: WEIGAND, E. (Ed.), **Emotion in Dialogic Interaction.** Amsterdam: Benjamins, 2004, p.163–178.

DIRVEN, R. Emotions as cause and the cause of emotions. In: NIEMEIER, S.; Dirven, R. (Eds.), **The language of emotions** Amsterdam: Benjamins,1997, p. 55–83.

DOAN, S.N. The role of emotion in word learning. **Early Child Development and Care**, n.180, v.8, 2010, p.1065–1078.

DZIWIREK, K.; LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. **Complex emotions and grammatical mismatches:** a contrastive corpus-based study. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.), **Finiteness. Theoretical and empirical approaches** Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 366–431.

FABISZAK, M.; HEBDA, A. Cognitive historical approaches to emotions: pride. In: WINTERS, M; TISSARI, H.; ALLAN, K. (Eds.), **Historical cognitive linguistics.** Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 261–297.

FISCHER, M.; ZWAAN, R. Emobodied language: a review of the role of the motor system in language comprehension. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, n.61, v.6, p.825–850, 2008.

FOOLEN, A. The expressive function of language: towards a cognitive semantic approach. In: NIEMEIER, S.; DIRVEN, R. (Eds.) **The language of emotions**. Amsterdam: Benjamins, 1997, p.15–31.

FOOLEN, A. Expressive binominal NPs in Germanic and Romance languages. In: RADDEN, G.; PANTHER, K.-U. (Eds.), **Studies in linguistic motivation** Berlin: Mouton, 2004, p.75–100.

FOOLEN, A. The heart as a source of semiosis: The case of Dutch. In: SHARIFAN et al. (Eds.), **Culture, body, and language**: conceptualizations of internal body organs across cultures and languages. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008, p.373–394.

FUSSELL, S.R.; MOSS, M.M.. Figurative language in emotional communication. In: FUSSELL, S.R.; KREUZ, R.J. (Eds.), **Social and cognitive approaches to interpersonal communication.** Mahwah, NJ.: Lawrence Erlbaum, 1998, p.113–141.

GEERAERTS, D. ; GRONDELAERS, S. Looking back at anger: cultural traditions and metaphorical patterns. In: Taylor, J.; MacLaury, R.E. (Eds.), **Language and the construal of the world**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1995,p.153–180.

GIBBS, R.W., LEGGITT, J.S.; TURNER, E.A. What's special about figurative language in emotional communication? In: FUSSELL, S.R. (Ed.), **The verbal communication of emotions:** interdisciplinary perspectives Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2002, p.129–149.

GLENBERG, A.M. et al. Grounding language in bodily states: the case for emotion. In: PECHER, D.; ZWAAN, R. (Eds.), **Grounding cognition**: the role of perception and action in memory, language, and thought New York: Cambridge University Press, 2005, p.115–128.

HANCIL, S. (Ed.) **The role of prosody in affective speech**. Bern: Peter Lang, 2009.

HARRIS, C.; AYCICEGI, A.; BERKO GLEASON, J. Taboo words and reprimands elicit greater autonomic reactivity in a First than in a second language. **Applied Linguistics**, n.24, p.561–579, 2003.

JACKENDOFF, R. **Language, consciousness, culture**: essays on mental structure. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2007.

JING-SCHMIDT, Z. Negativity bias in language: a cognitive-affective model of emotive intensifiers. **Cognitive Linguistics,** n.18, v.3, p.417–443, 2007.

JING-SCHMIDT, Z. The manifestation of emotion: on the Mandarin Chinese nandaointerrogation. **Journal of Chinese Linguistics**. n.36, v.2, p.211–234, 2008.

KÖVECSES, Z. **Emotion concepts**. New York: Springer, 1990.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh:** the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books,1999.

LAMBRECHT, K. "What, me worry?" – "Mad Magazine Sentences" revisited. **BLS,** n.16, p.215–228, 1990.

LANDIS, T. Emotional words: what's so different from just words? **Cortex**, n.42, p.823–830, 2006.

LANGACKER, R. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LINDQUIST, K. Language is powerful. **Emotion Review**, n.1, v.1, p.16–18, 2009.

MAJID, A. et al. Can language restructure cognition? The case for space. **Trends in Cognitive Sciences,** n.8, v.3, p.108–114,p. 2004.

OMONDI, L.N. Dholuo emotional language: an overview. In: NIEMEIER S., DIRVEN, R. (Eds.), **The language of emotions** Amsterdam: Benjamins, 1997, p. 87–109.

OSMOND, M. The prepositions we use in the construal of emotion: why do we say fed up with but sick and tired of? In: NIEMEIER S., DIRVEN, R. (Eds.), **The language of emotions** Amsterdam: Benjamins, 1997, p.111-133.

ORTONY, A.; FAINSILBER, L. The role of metaphors in descriptions of emotions. In: WILKS, Y. (Ed.), **Theoretical issues in natural language processing.** Hillsdale, NJ: Erlbaum, p. 1989, p.178–182.

OSGOOD, C.E.; SUCI G.J.; TANNENBAUM, P.H. **The measurement of meaning**. Urbana: The University of Illinois Press,1957.

OSTER, U. Using corpus methodology for semantic and pragmatic analyses: what can corpora tell us about the linguistic expression of emotions? **Cognitive Linguistics**, n.21, v.4, p.727–763, 2010.

PAVLENKO, A. **Emotions and multilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PAVLENKO, A. Emotion and emotion-laden words in the bilingual lexicon. **Bilingualism, Language and Cognition,** v.11, n.2, p.147–164, 2008.

PINKER, S. **How the mind works**. New York: Norton, 1997.

POTTS, C.; SCHWARZ, F. **Exclamatives and heightened emotion**: extracting pragmatic generalizations from large corpora. Disponível em: www.semanticsarchive.net/archive/jfjngnjz. Acesso em: setembro, 2008.

PULVERMÜLLER, F. Brain mechanisms linking language and action. **Nature Reviews Neuroscience**, n.6, p.576–582, 2005.

PULVERMÜLLER, F.; FADIGA, L. Active perception: sensorimotor circuits as a cortical basis for language. **Nature Reviews Neuroscience**, n.11, p.351–360, 2010.

PUTONI, S.; DE LANGHE, B.; VAN OSSELAER, S. Bilingualism and the emotional intensity of advertising language. **Journal of Consumer Research**, n.35, p.1012–1025, 2009.

RADDEN, G. The conceptualization of emotional causality by means of prepositional phrases. In: ATHANASIADOU, A.; TABAKOWSKA, E. (Eds.), **Speaking of emotions**: conceptualization and expression Berlin: Mouton de Gruyter, 1998, p. 273–294.

ROSCH, E. **Natural categories**. Cognitive Psychology, n.4, p.328–350, 1973.

SAPIR, E. Language. **An introduction to the study of speech**. New York: Harcourt Brace Jovanovich,1921.

SCOTT, G.G. **Emotion word processing**: evidence from electrophysiology, eye movement and decision making. Ph.D., University of Glasgow, 2009.

SCHNALL, S. The pragmatics of emotion language. **Psychological Inquiry**, n.16, p. 28–31, 2005.

SCHUMANN, J. **The neurobiology of affect in language**. Malden, Mass.: Blackwell, 1997.

SELTING, M. Afectivity in conversational storytelling: An analysis of displays of anger or indignation in complaint stories. **Pragmatics**, n.20, v.2, p.229–277, 2010.

SHANAHAN, D. **Language, feeling, and the brain**. New Brunswick (USA): Transaction Publishers, 2007.

SLOBIN, D. From “thought and language” to “thinking for speaking”. In: Gumpez, J.J.; Levinson, S.C. (Eds.), **Rethinking linguistic relativity** Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 70–96.

STERIOPOLO, O. **Form and function of expressive morphology**: A case study of Russian. Ph.D. thesis, The University of British Columbia, 2008.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization**. Oxford: Oxford UP, 1989.

TAYLOR, J. **Cognitive grammar**. Oxford: Oxford UP, 2002.

TISSARI, H. English words for emotions and their metaphors. In: WINTERS, M.; TISSARI, H.; ALLAN, K. (Eds.), **Historical cognitive linguistics** Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 289–330.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2008.

TRIM, R. Conceptual networking theory in metaphor evolution: diachronic variation in models of love. In: M. WINTERS, M.; TISSARI, H.; ALLAN, K. (Eds.), **Historical cognitive linguistics**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 223–260.

VAINIK, E. **Lexical knowledge of emotions:** the structure, variability and semantics of the Estonian emotion vocabulary. Dissertationes Linguisticae Universitatis Tartuensis 4. Tartu: Targu ülikooli kirjastus, 2004.

VARDI, R. **The role of prepositions in the conceptualization of emotion**. A contrastive linguistic study of Hebrew and Dutch. Bachelor thesis, Radboud University Nijmegen, 2008.

VERSTRAETE, J.C. Subjective and objective modality: interpersonal and ideational functions in the English modal auxiliary system. **Journal of Pragmatics,** n.33, v.10, p.1505–1528, 2001.

VIGLIOCCO, G *et al.* Towards a theory of semantic representation. **Language and Cognition,** n. 1, v.2, p.219–247, 2009.

WENDT, B. **Analyse emotionaler Prosodie**. Bern: Peter Lang, 2007.

WIERZBICKA, A. **Emotions across languages and cultures**: diversity and universals. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WILCE, J.M. **Language and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Sandra Cavalcante e Josiane Militão

O LUGAR DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDO

O lugar das emoções no processo de produção de sentidos[1]

Sandra CAVALCANTE e Josiane MILITÃO

(...) "Meu Deus! Meu Deus! Como tudo está esquisito hoje. E ontem era tudo exatamente como de costume! Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando eu levantei de manhã? Eu estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente..." (Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll).

1. Introdução: por que emoções e produção de sentidos?

A busca por uma compreensão do papel das emoções na vida humana é antiga e tem estado em cena em áreas como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia e a Linguística. Uma densa referência para os estudos sobre as emoções, a obra "*Handbook of emotions"* (2008), reúne artigos das mais diferentes áreas do conhecimento e focaliza fundamentos interdisciplinares, históricos e contemporâneos de estudos sobre as emoções. Nessa obra, podemos observar que, em artigos que consideram as emoções em uma perspectiva histórica, tanto do ponto de vista da Filosofia (SOLOMON, 2008, p.80) quanto do ponto de vista da Psicologia (FRIJDA, 2008, p. 6), há uma referência clara ao papel negativo atribuído às emoções em estudos que datam desde o século XIII até o século XX. Ora os pesquisadores as compreenderam associando-as aos pecados capitais, como sugeriu Tomás de Aquino (1225-1274), ora a doenças do ânimo ou acidente patológico, como preferiu Kant (1724-1804), ou ainda como desorganização neuronal, como definiu Hebb (1949).

Contemporaneamente, as emoções continuam sendo objeto de estudos nessas diferentes áreas do conhecimento e, em especial, nos campos da Antropologia Cognitiva (PALMER AND OCCHI, 1999) e da Linguística Cognitiva (KÖVECSES, 2000, 2003). Grande número de pesquisas nessas

1 Este artigo inscreve-se no conjunto de pesquisas realizadas pelo Grupo Complex Cognitio, do Programa de Pós-graduação em Letras PUC Minas, no âmbito do Projeto UMA VISÃO INTEGRADA DA COGNIÇÃO HUMANA: CORPO/SIGNIFICAÇÃO, CÉREBRO, MENTE, LINGUAGEM, financiado pela FAPEMIG (Fundo de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais), Editais SHA - APQ-00121-10 (2010) e CHE APQ 00301-14 (2014).

áreas estrutura-se em busca de caracterizar e de focalizar o que se denomina "linguagem das emoções", nas perspectivas universalista e relativista.

Na perspectiva universalista, parte-se do pressuposto de que os seres humanos compartilham ações e reações que decorrem do uso da expressão verbal das emoções e que esse uso é governado por cnários conceptuais nos quais as emoções são evocadas e levadas a ações e pensamentos subsequentes, manifestados em diferentes línguas e culturas (GEERAERTS; GRONDELAERS, 1995; KÖVECSES, 2002). Na perspectiva relativista, estudos realizados no âmbito de línguas particulares vêm demonstrando que, no processo de compreensão do significado do que denominam palavras que designam emoção (*emotion words)* – terror, desgosto, repugnância, por exemplo, os seres humanos precisam demonstrar uma capacidade essencialmente subjetiva para lidar com um complexo cenário interacional, que inclui atores, ações, relações interpessoais, diferentes pontos de vista, incluindo os de natureza moral, expressões faciais, objetivos sociais e pessoais e sequências de eventos (LUTZ, 1988).

No campo da Antropologia Linguística, a "linguagem das emoções" é tratada como um tipo de discurso com consequências pragmáticas. No âmbito desses estudos, tais discursos se constituem como cenários emocionalmente reativos e evocativos e, ainda, culturalmente específicos. Recentes trabalhos realizados no campo da Linguística Cognitiva geram *insights* que apontam para a possibilidade de que as emoções se estruturem, em sua contraparte cognitiva, em termos de "Dinâmicas de Força" (TALMY, 2000). Entre essas pesquisas, encontram-se aquelas que oferecem uma entrada para o estudo da dimensão gramatical da linguagem, de maneira a focalizar, na voz gramatical (ativa ou passiva), a emergência de dinâmicas de força. Isso ocorre a partir do uso de noções como cenários conceptuais e *scripts*, por envolverem ações volicionais e o *self*. (TALMY, 2000).

Mais recentemente, em busca de compreender, em uma perspectiva sistêmica, como integrar as dimensões simultaneamente biológica, psicológica e sociocultural das emoções, Kövecses (2003) propõe um rompimento de uma antiga dicotomia entre corpo e cultura, ao defender a tese de que as emoções humanas são construídas pelas experiências corporificadas dos indivíduos, em diferentes cenários culturais.

Assumir o desafio de investigar o lugar das emoções no processamento discursivo nos leva a reconhecer que, nas diferentes abordagens identificadas anteriormente, faz-se necessário um maior investimento no sentido de conceber o papel das emoções, na produção de sentidos, em uma perspectiva fenomenológica, que implica atribuir às emoções

um papel fundamental, constitutivo, nas ações e experiências semióticas vivenciadas pelo ser humano. Esse é um desafio que exige do pesquisador articular pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos forjados em diferentes áreas do conhecimento. Essa é a empreitada que estamos assumindo neste momento.

2. O que são emoções?

Como discutimos em Cavalcante e Militão (2015), a busca de definição para emoções está explicitamente marcada na história da Filosofia Ocidental. De Platão a Descartes, passando pela Teoria das Emoções de Aristóteles e por importantes reflexões realizadas por Thomas de Aquino, Kant, Nietzsche, muitas são as lentes utilizadas em busca de resposta para esse questionamento aparentemente simples[2].

A palavra emoção deriva-se do latim *emovere,* que significa pôr em movimento, mover[3]. Significamos nossas experiências no mundo físico e social com um corpo que se movimenta, ou seja, vivemos em um corpo e é com ele que percebemos, nos movimentamos, nos *emocionamos e sentimos* para significar. Adotar essa perspectiva significa corroborar a tese de que as emoções estão no cerne do processo em que nossa mente corporificada produz sentidos. (JOHNSON, 2007).

Em uma perspectiva biológica, as emoções podem ser definidas como "respostas neurais, químicas e comportamentais para vários tipos de estímulos que, normalmente, têm um valor positivo ou negativo para cada um de nós". Esses valores são parte do processo de homeostase, que mantém nosso corpo funcionando em equilíbrio. Processos não conscientes, como o da homeostase, desempenham um papel importante na configuração dos nossos valores. Aquilo que se torna significativo para nós e como isso ocorre depende, fundamentalmente, do monitoramento dos nossos estados corporais enquanto agimos e experimentamos o mundo (JOHNSON, 2007, p.56-57)[4].

---

2 O Dicionário de Filosofia de Abbagnano (1901-1990) apresenta um longo verbete estruturado de forma diacrônica, para Emoção. Neste trabalho, optamos por sistematizar um mapeamento de estudos realizados contemporaneamente, ou seja, assumimos o desafio de uma abordagem teórica e metodológica de natureza sincrônica. Revisitar a longa tradição dos estudos sobre o assunto, no campo da Filosofia, é uma exigência que deve ser assumida por trabalhos futuros.

3 CUNHA, Geraldo Antônio da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.

4 Emotions are complex neural, chemical, and behavioral responses to various types of stimuli that typically have positive or negative value for us.

Pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento nos permitem observar convergências importantes no que concerne à definição das emoções (JOHNSON, 2007; SCHERER 2013; FRIJDA, 2008). Entre essas

convergências, consideramos que as emoções podem ser compreendidas como uma ação de natureza simultaneamente biofisiológica e psicossocial do homem no meio em que vive, desencadeada por estímulos que assumem determinado valor para esse sujeito, em uma dada situação interacional.
Frijda e Scherer (2009)[5] sistematizam essas convergências, em uma abordagem funcional, destacando que as emoções:

> a) são suscitadas quando algo relevante acontece ao organismo e esse algo está diretamente relacionado às suas necessidades, objetivos, valores e bem-estar geral. O valor de relevância é atribuído pelo organismo por uma avaliação dos eventos de acordo com determinados critérios, em particular, por sua novidade ou surpresa, por seu prazer ou desprazer intrínseco e por sua consistência com a motivação em questão;
> b) preparam o organismo para responder a eventos importantes em sua vida e, portanto, possuem uma força motivacional forte que produz estados de prontidão para a ação;
> c) engajam o organismo inteiro na sintonia preparatória dos sistemas somatovisceral e motor e, portanto, envolvem vários componentes e subsistemas do organismo; e, por fim,
> d) reivindicam, nem sempre com sucesso, a primazia do controle das ações implicadas no comportamento e na experiência do organismo.

Segundo Scherer (2005; 2013), uma emoção é definida como “um episódio caracterizado por um padrão emergente de sincronização entre diferentes componentes que preparam respostas adaptativas para eventos relevantes, como aqueles definidos nos quatro critérios anteriores.

Para os objetivos previstos neste trabalho, consideramos coerente a proposição de Frijda e Scherer (2009) e Scherer (2005; 2013), visto que essa abordagem nos permite compreender que, sistêmica e funcionalmente, as emoções estruturam-se com base em: **valor de relevância do ambiente para o organismo; força motivacional que gera prontidão para a ação; engajamento do organismo “inteiro” na ação; busca do controle**

5 Frijda e Scherer (2009) *apud* Scherer (2013, p. 110).

das ações. Como veremos mais adiante, esses são elementos a serem considerados em um modelo de explicação e de descrição do papel das emoções no processo de produção de sentidos.

Adotar as perspectivas de Johnson (2007), Frijda e Scherer (2009) e Scherer (2013) nos permite considerar, ainda, que a experiência emocional humana envolve ações que decorrem de padrões emergentes da sincronização dos sistemas orgânicos corporais (sistemas visual, auditivo, circulatório, respiratório, digestivo, límbico) implicados nas funções cognitivas (sensação, percepção, atenção, memória) e, por sua vez, nas vivências semióticas intersubjetivas, instanciadas em diferentes linguagens (verbal, visual, musical, matemática, etc.) pelos seres humanos. A manifestação das emoções pressupõe, portanto, movimentos multissistêmicos de uma mente corporificada que age atribuindo valor às relações que estabelece com o ambiente (ZLATEV, 2003)[6]. A tendência a estabelecer o equilíbrio corporal sistêmico (homeostático) ocorre em processos psicobiológicos que não estão desconectados das relações intersubjetivas que estabelecemos socioculturalmente.

Por fim, para os propósitos teóricos e metodológicos aqui previstos, consideramos importante estabelecer uma distinção entre emoções, sentimentos e humores, uma vez que esses estão diretamente relacionados[7]. À procura de encontrar distinções entre o conceito de emoções, sentimentos e humores que fossem profícuas para os propósitos deste trabalho, deparamo-nos com parâmetros que podem nos iluminar o caminho de uma busca ainda não concluída. Pesquisadores que investigam a relação entre emoções e sentimentos concordam que sentimentos envolvem consciência qualitativa das emoções (JOHNSON, 2007; DAMÁSIO, 2011[8]). Humores, por sua vez, parecem ser maneiras de estarmos "sintonizados" com o mundo. São estados emocionais em que nos encontramos devido à avaliação que fazemos de nossas relações com o ambiente: euforia, excitação, ansiedade e depressão são exemplos de humores (HEIDEGGER, *apud* SOLOMON, 2008). Tooby e Cosmides (1990a) apontam que uma função do humor é a de reconhecer que a relação entre ação e recompensa (reação) do (no)

6 Essa definição corrobora a tese de Jordan Zlatev (2003) para definição de significado. Segundo o pesquisador, o significado é a relação entre o organismo e o ambiente, determinado pelo valor que o organismo atribui ao ambiente. S= V(O, A)

7 Uma definição de diferentes tipos de emoções e uma distinção entre essas e o conceito de sentimento estão propostas em trabalhos realizados em diferentes campos do conhecimento. Para isso, conferir Damásio (2011 e 2012) e o trabalho de Morais neste ebook. Quando tomamos consciência das emoções, categorizamo-as e as qualificamos.

8 Damásio (2011, p. 142) aponta que "emoções são ações acompanhadas por ideias e certos modos de pensar, os sentimentos emocionais são percepções daquilo que nosso corpo faz durante a emoção.

ambiente não se deve unicamente ao ambiente, mas a uma interação entre a estrutura do ambiente e a compreensão individual do sujeito. As emoções envolvem, então, estados biofisiológicos e psicossociais pelos quais agimos. Sentimentos estão relacionados à ordem epistêmica dessas emoções, e os

humores são categorizados de acordo com a avaliação de nós mesmos em relação ao mundo em que vivemos, Dito de outra forma, a emoção deve ser compreendida como uma experiência de natureza biofisiológica, o sentimento, como uma experiência consciente, subjetiva, dos estados emocionais,o humor, por sua vez, como uma experiência consciente, intersubjetiva, das emoçoes e dos sentimentos. Neste trabalho, focalizaremos, no processo de produção de sentidos, exclusivamente, o papel das emoções. No tópico a seguir, assumimos o desafio de discutir, em uma perspectiva evolucionista, esse papel.

3. Qual o lugar das emoções na evolução da espécie humana?

As emoções, como dimensão constitutiva da vida, são também parte daquilo que nos distingue como humanos. Essa é a tese a partir da qual o biólogo chileno Humberto Maturana investiga, em uma perspectiva evolucionista, a cognição humana. O peculiar do humano está na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar. Essa tese surge em oposição à ideia de que a evolução do cérebro humano estaria diretamente ligada à criação e à manipulação de instrumentos. O cérebro primata tornou-se mais humano dada à necessidade intersubjetiva da espécie de cooperar em um princípio de coordenação de ações, que deu origem à linguagem. A linguagem nasce, portanto, da necessidade de o homem cooperar com o outro em uma coordenação consensual de ações. A evolução da espécie humana está ligada, na verdade, à “conservação de um fenótipo ontogênico ou modo de vida no qual o linguajar pode surgir como uma variação circunstancial à sua realização cotidiana, que não requer nada especial” (MATURANA, 2002, p. 20-21).

A linguagem, a que Maturana (2002) prefere denominar “linguajar”, para enfatizar seu caráter de atividade, está no cerne da evolução humana como uma ação circunstanciada na necessidade humana de compartilhar, de se relacionar em um modo de convivência que aceita o outro como legítimo. Ao adotarmos a perspectiva evolucionista proposta por Maturana, neste ensaio, assumimos a tese de que as relações sociais, a linguagem e as emoções estão, na evolução humana, intrinsecamente implicadas.

De acordo com o biólogo chileno, o que classifica uma convivência como social é a aceitação do outro como sujeito intencional, legítimo na interação, e o que permite o fluir de um domínio de condutas em que o outro é aceito é uma emoção específica: o amor. Essa é a emoção que funda a convivência social, premissa sustentada pela ideia de que apenas interações íntimas recorrentes oferecem condições para que seja construída uma recursividade de coordenações de ações, propriedade fundamentalmente constitutiva da linguagem.

Emoções especificam ações. Biologicamente, as emoções são “disposições corporais que determinam ou especificam domínios de ações”. As emoções estão nesse domínio de ações em que o animal se movimenta, em que ele (con)vive. Nessa perspectiva, não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato. Emoção e ação estão intrinsecamente interligadas. Distinguimos as diferentes emoções baseando-nos nas ações que a corporalidade conota, nas apreciações que fazemos delas, sejam de nós mesmos ou dos outros. (MATURANA, 2002, p. 16).

A emoção funda, portanto, a convivência social e nela coordenamos, de maneira sistêmica e funcional, ações consensuais, que definem a linguagem e, portanto, o processo de produção de sentidos.

Scherer (2013, p.108) parece corroborar a tese de Maturana, ao afirmar que as emoções exercem um papel de fundamental importância na evolução da espécie humana. As emoções são um sistema evolucionário antigo compartilhado com muitas espécies animais e desempenham um papel central na adaptação do comportamento e da interação social. O pesquisador, no entanto, vai além ao considerar uma possível relação co-evolutiva entre a fala e a música. Segundo o especialista em Psicologia das Emoções, não é novidade que a expressão da emoção está entre os precursores do ápice da evolução comunicativa humana. Se as emoções estão fundamentalmente implicadas na evolução dos sistemas de comunicação humana, parece, de fato, profícuo considerar que, entre esses sistemas, destacam-se a fala e música. Por um lado, a música envolve uma grande variedade de combinações de sons que evocam significados emocionais muito sutis, por outro, a capacidade de expressar mudanças, momento a momento, de estados afetivos extremamente sutis, revela o poder comunicativo da fala, em padrões de natureza sintática, semântica e, em especial, prosódica.

Segundo Scherer (2013, p. 109), o trabalho realizado por Charles Darwin [1872] (1998) contribui para a tese de que tipos particulares da expressão de emoções, na forma de movimentos intencionais, parecem ter se desenvolvido seletivamente, no curso da evolução, para propósitos de comunicação e devem ter estruturado o desenvolvimento co-evolutivo da fala e da música. Esse processo teria se tornado possível pela complexidade crescente do sistema nervoso central humano e pelas mudanças no sistema nervoso periférico, que subjazem a expressão das emoções.

Resultados de pesquisa alcançados por Scherer nos permitem, por fim, estabelecer uma estreita relação entre o sistema emocional e funções comunicativas importantes para a interação social. Aquilo que o pesquisador denomina de explosões afetivas, ou seja, expressões interacionais primitivas não verbais, seria um predecessor evolucionário comum entre linguagem verbal e música.

Como pretendemos ter demonstrado, pesquisas realizadas no campo da Biologia e da Psicologia nos permitem advogar em favor da tese segundo a qual a espécie humana evolui ao interagir, cooperativamente, através de sistemas comunicativos multissemióticos, como a fala e a música, em contextos socioculturais os mais diversos e as emoções são um aspecto constitutivo, fundamental, dessas diferentes formas de interação humana.

4. Por uma abordagem semiótica das emoções

Ao apontar razões para acreditar que a música e as emoções estão inter-relacionadas, na dimensão mental e neuronal, através do gesto e de esquemas corporais imaginários, em artigo intitulado *Music and the Abstract Brain*, Brandt (2012: p. 11) defende a tese de que a percepção e a performance musical estariam na origem da linguagem e da simbolização humana. Dessa forma, no processo de interação, a estética do cantar, do tocar um instrumento e do dançar estariam implicadas na origem da produção do significado simbólico que, por sua vez, tornaria possível o pensamento abstrato. Nesse artigo, o pesquisador também sugere que gestos corporais possuem, inerentemente, *significados afetivos* e que as formas musicais evocam esses gestos que, por sua vez, evocam significados afetivos correspondentes, manifestados na forma de emoções, sentimentos e humores, em geral.

Se compartilharmos com Brandt (2013) a tese de que, evolutivamente, a origem do pensamento simbólico está na música e que essa, por sua vez, nasce de uma estreita relação com estados emocionais (raiva, medo, alegria, tristeza, ternura etc)[9], o papel constitutivo das emoções no processo de produção de sentidos, em uma perspectiva ontológica e, portanto, fenomenológica, precisa ser efetivamente explicitado em modelos que visam à explicação e à descrição desse processo, em uma perspectiva cognitiva.

4.1. A produção de sentido em uma perspectiva semiótica

Em **Ensaios sobre Semiótica Cognitiva**[10], ao propor os conceitos de "domínio semântico" e de "espaços mentais"[11] e descrever o que denomina "Arquitetura dos domínios semânticos", Brandt (2004, p. 33-67) sinaliza o lugar das emoções no processo de produção de sentidos.

Nas mais diversas situações de interação (assistir a um filme, visitar um museu, ler um livro, contar e ouvir uma história, participar de uma manifestação popular, sonhar), os seres humanos criam "cenas", "cenários", dramaticamente estruturados, em torno de "agentes", "objetos", "relações", "estados" e "processos". Essas "dinâmicas cenas" são o que o semioticista denomina "espaços mentais". A construção do significado pelos seres humanos, envolve, via de regra, a integração dessas "cenas dinâmicas", na forma de uma rede da qual emergem significados sempre novos. Nessa perspectiva teórica, a linguagem é, por si mesma, uma fonte de teatralidade. O diálogo — implicado na produção de linguagem (verbal e não verbal) — é inerentemente teatral.

Segundo o pesquisador, se tudo aquilo que desencadeia o processo de significação é significado em um determinado contexto, os contextos em que construímos, intersubjetivamente, nossas experiências socioculturais são estruturados em termos de domínios semânticos. Esses domínios se baseiam em nossa experiência corpórea sensorioperceptual e, portanto, também em nossas experiências com estados e valores emocionais.

9 Esta tese parece encontrar fundamentos, de natureza empírica, no trabalho desenvolvido por SCHERER (*Emotions in Action, Interaction Music and Speech,* 2013).

10 Semiótica Cognitiva proposto por pesquisadores da Universidade de Aarhus na Dinamarca.

11 O conceito de "domínio semântico", por sua natureza ontológica, experencial, proposto por Brandt, difere do conceito de domínio conceptual, originalmente proposto por Lakoff e Johnson (1980), no âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual. Da mesma forma, a definição de espaços mentais difere da proposição original e clássica de Fauconnier &Turner (2002). Para compreender melhor essa distinção, confira BRANDT (2004, p. 34-35) e CAVALCANTE (2009).

Em consonância com Brandt (2004, p. 23), em um nível fundamental, os seres humanos parecem processar a sua experiência de ESPAÇO, TEMPO E IDENTIDADE diferentemente. Na perspectiva do semioticista, os seres humanos compartilham:

a. especializações semânticas dedicadas a figuras e configurações *espaciais*;
b. especializações semânticas dedicadas a eventos de força-dinâmica e padrões de ação *temporais;*
c. *variações dêiticas* na configuração de identidade, tais como a "designação" de propriedades, a indicação de pontos de vista, foco, enquadramento e escala ou outra forma de subjetivação, ou seja, o apropriar-se, identificar, reconhecer coisas e seres através do espaço e do tempo.
d.

De acordo com o pesquisador, esses tipos fundamentais de "significado" se relacionam a possíveis domínios básicos da experiência humana "com" o mundo. Nessa perspectiva, esses domínios da experiência humana são compreendidos, ao mesmo tempo, como semânticos e ontológicos.
Segundo Brandt (2004, p. 23), ainda, parece razoável supor que os indivíduos humanos são preparados para navegar em, pelo menos, três "tipos de mundo":

1. a NATUREZA: o ambiente macrofísico, material e gravitacional, geo- bio- e zoológico;
2. a CULTURA: o horizonte coletivo formado por grupos de sujeitos humanos e densamente informado por comportamentos intencionais e miméticos de todos os tipos, práticos ou simbólicos e, por fim, com a mesma importância;
3. o ESPÍRITO: a esfera da interação direta com outras mentes pelo contato expressivo, permitindo que os seres humanos compartilhem ideias, emoções, sentimentos com outros indivíduos em uma relação face a face.

Nessa perspectiva, se essas três séries (a-c e 1-3) forem interrelacionadas, obteremos uma visão realista da possível base experiencial de uma soma significativa das formas semióticas. Esses (a-c) poderão ser compreendidos como o desenvolvimento e a emergência desse conjunto de domínios (1-3). Os domínios básicos da experiência humana, na perspectiva proposta pelo estudioso, devem ser considerados *ontológicos* no sentido de que constituem um "mapa" das regiões do "mundo-da-vida" humano, a partir de quatro domínios básicos: um domínio natural, um domínio cultural, um domínio mental, um domínio espiritual.

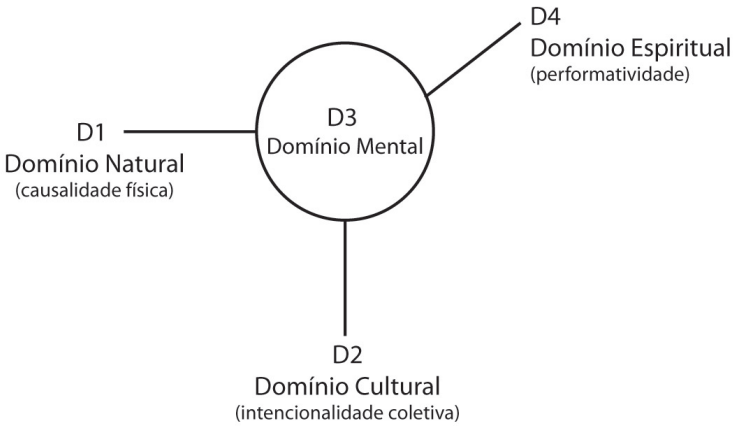
> De acordo com essa visão, nossas experiências socioculturais são corporificadas de acordo com diferentes dimensões básicas da realidade. Em uma dimensão (D1), há o que poderíamos chamar de mundo *causal* das distâncias, da gravidade, dos objetos imóveis e em movimento, dos cenários pelos quais nos movimentamos. Em outra dimensão (D2), há um mundo *intencional* dos atos coletivos para com os quais nos sintonizamos quando participamos de algum fazer. Em outra dimensão (D3), há um teatro mental nos revelando imaginações articuladas umas às outras e ao [teatro] que experenciamos externamente com conexões baseadas em memória afetiva, epistêmica e associativa e nós sabemos que esses pensamentos imaginativos, figuras e sentimentos realmente "acontecem" conosco, quando estamos acordados, ou dormindo ou sonhando. E, finalmente (D4), em que há uma pessoa em frente de nós que reage por mecanismos empáticos e volitivos. (BRANDT, 2004, p. 42)

O pesquisador afirma ser possível comparar três domínios básicos da experiência humana com as classes de palavras, na maioria das línguas: substantivos, verbos e adjetivos. Ele advoga a tese de que as classes de palavras podem ser diretamente baseadas nos domínios da experiência humana. Dessa forma, em termos de "domínios semânticos", a origem dos substantivos seria decorrência de nossas experiências no/com o domínio "natural"; a origem dos verbos, com o domínio "cultural" e a origem dos adjetivos, com o domínio "espiritual". Além desses três domínios básicos, como vimos, anteriormente, Brandt (2004: p. 20) admite a existência de um domínio *mental,* interior. Esse domínio é compreendido, da mesma forma que os demais, como possuindo esquemas e categorias que lhe sejam básicos. Segundo o pesquisador, algumas categorias parecem, na verdade, nascer na mente. A categoria /sonho/ é um exemplo disso. Os advérbios de modo, circunstância, condição seriam representativos de uma classe de palavras natural para expressar fenômenos pertencentes ao *domínio mental*.

Como forma de explicar a maneira como os seres humanos "operam" com o domínio mental, o semioticista dá ênfase ao fenômeno da analogia. Diante do esquema /x É COMO y/, isto é, diante do "sentimento de afinidade" entre formas, subjaz uma avaliação e uma caracterização de valor afetivo ou epistêmico das coisas. Em suas reflexões, Brandt chama atenção para o fato de que a analogia, geralmente, não se restringe à interrelação de entidades co-presentes na situação enunciativa. O fenômeno da analogia envolve a memória, ou seja, a interrelação com entidades co-presentes em outras situações enunciativas. Esse é um argumento que, como veremos mais adiante, traz implicações na operação cognitiva básica implicada no processo de produção de sentidos .

A Figura 1, a seguir, é o digrama proposto pelo pesquisador para fins de representar os quatro domínios semânticos básicos anteriormente descritos. No diagrama, o círculo (na forma de um container) representa o sujeito humano e as antenas indicam as diferentes direções (ou relações) que esse sujeito estabelece com o mundo.

FIGURA 1 – Domínios Semânticos Básicos



Fonte: Brandt (2004, p. 26)

Nessa perspectiva, a construção de sentido pressupõe que os seres humanos compartilhem domínios semânticos básicos e que esses estão, necessariamente, implicados na construção de espaços mentais. Se a produção de sentidos pelos seres humanos é essencialmente teatral, os espaços mentais são “mini-dramas dinâmicos” que contam com recursos esquemáticos (a-c, 1-3) de interatividade. Os espaços mentais (esses pequenos dramas implicados no processo de significação) são estruturados pelos domínios semânticos nas diferentes situações e pelas diferentes formas de interação humana.

Em seu modelo teórico, Brandt (2004) considera que o processo de significação, desencadeado pela interação intersubjetiva dos seres humanos, se institui com base no processo de Integração Conceptual e, portanto, na ativação de estruturas esquemáticas evocadas em uma situação enunciativa específica. Nesse “contexto”, caracterizado pelo aqui-e-agora da interação e do discurso, os interlocutores, sujeitos empíricos implicados na situação enunciativa, compartilham padrões subjetivos e intersubjetivos de atenção em relação a um determinado “elemento referencial”, que pode ser constituído em diferentes semioses.

O modelo de integração conceptual proposto por Brandt (2004) pressupõe que o processo de integração conceptual se institui sempre a partir de uma

situação interacional empírica, concreta. Nessa situação e dessa situação concreta, estrutura-se o espaço semiótico base a partir do qual o ato de significação se institui.

O Espaço Semiótico Base deve ser compreendido como o espaço em que os intelorcutores compartilham, em uma concreta situação interacional, padrões intersubjetivos de atenção para fins da co-construção da referência e dos sentidos. Esse é o espaço que corresponde ao aqui-e-agora do discurso, espaço a partir do qual o processo de enunciação se institui e é, portanto, o espaço em que os interlocutores, em busca da co-construção da referência, se colocam em relação com sua própria enunciação.

No espaço semiótico base, ao atentarem - intersubjetivamente - para elementos contextualmente relevantes, os interlocutores evocam e compartilham **Frames de Relevância**. Esses se estruturam com base nas experiências sensórioperceptuais humanas, o que inclui estados e valores emocionais, emergentes de uma concreta experiência corporal.

4.2. Experiências emocionais e processo de integração conceptual

Ao se reconhecer um sujeito intencional e seus coespecíficos como sujeitos intencionais iguais a si mesmo, o ser humano vivencia suas emoções e suas ações, dialogicamente, em situações pragmáticas de natureza multisemiótica. Nessas situações instauramos o espaço semiótico base no qual e a partir do qual o processo de integração conceptual é desencadeado.

Nesse processo, o frame de relevância se institui com base em conhecimentos esquemáticos, compartilhados pelos interlocutores, quanto às *características discursivo-enunciativas próprias do jogo enunciativo* em questão: narrar um fato episódico, defender um ponto de vista, criar uma situação fictícia ou imaginária, criticar ou ironizar alguém ou algo em particular, vender um produto, declarar um sentimento, participar de uma manifestação popular.

Na perspectiva aqui adotada, o jogo encenação discursiva se estrutura, necessariamente, com base em **experiências emocionais**. As emoções, nesse sentido, funcionam como uma espécie de “motor” no processo de produção de sentidos. Em termos conceptuais, as experiências emocionais funcionam como um **frame de relevância**. Ao evocar um frame de

relevância, por um processo de elaboração, os interlocutores da situação discursiva em questão instauram e compartilham, simultaneamente, dois espaços mentais, que se integram em um *blending*.

No modelo de Integração Conceptual ora adotado, esses espaços mentais caracterizam-se como **Espaço de Referência** e **Espaço de Apresentação.** A evocação de um frame de relevância é um elemento determinante na construção de redes de integração conceptual. Essa evocação influencia, fundamentalmente, a seleção dos elementos que passam a ser considerados proeminentes no espaço de referência. Além disso, influenciam as relações que esses elementos proeminentes estabelecem com a sua representação predicativa. O frame de relevância influencia, portanto, tanto "o quê" os interlocutores selecionam como elemento referencial do/para o seu "dizer" quanto "o como" esses interlocutores "dizem", ou selecionam esses elementos referenciais.

O espaço de referência é, na perspectiva semiótico-cognitiva aqui adotada, o espaço em que se identificam elementos referenciais que, para aquele cenário discursivo, são considerados proeminentes. Esse é o espaço em que se identifica aquilo que (ou O QUÊ) é o objeto de atenção dos interlocutores. Por outro lado, o espaço de apresentação deve ser compreendido como o espaço em que os interlocutores compartilham atenção intencional na maneira como o conteúdo referencial se apresenta, se constrói discursivamente. Esse é o espaço da predicação, da figuratividade. Nesse espaço, processamos conhecimentos relativos ao COMO o processo de referenciação está se instituindo.

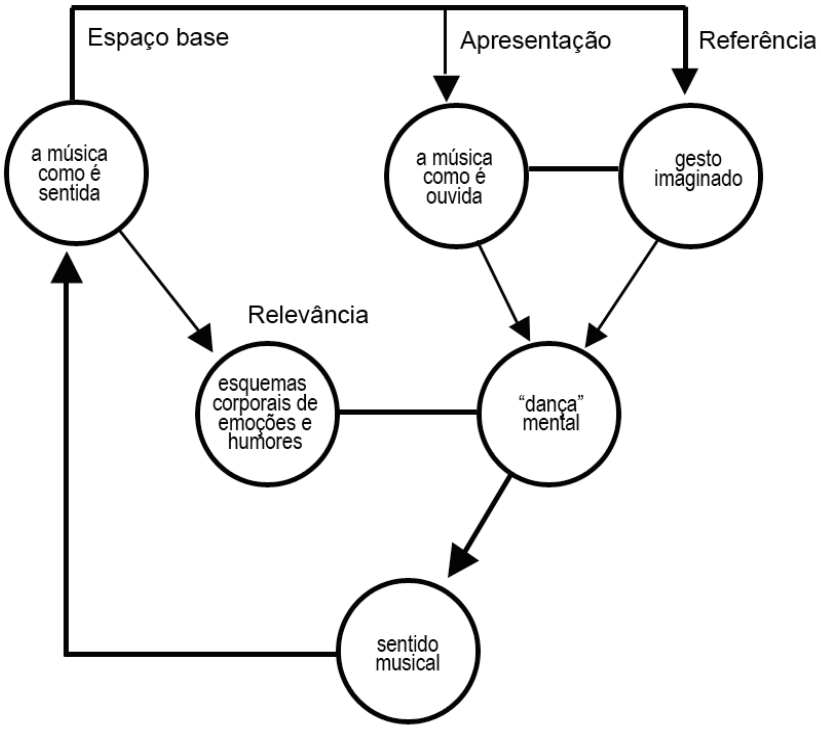
O processo de construção de sentido pressupõe um mapeamento entre elementos identificados nos espaços de referência e de apresentação. A integração conceptual, operação cognitiva implicada nesse mapeamento, permite aos seres humanos, criar espaços denominados *blend*, que devem ser compreendidos como espaços virtuais, sempre novos e profundamente dinâmicos.

Os **Espaços *Blend*** são, nessa perspectiva, espaços em que a integração conceptual, efetivamente, ocorre. Desses espaços, emergem facetas de significado sempre novas, diferentes daquelas identificadas nos espaços de referência e de apresentação. Como afirmam Brandt e Brandt (2005, p. 227), os espaços *blend* devem ser considerados "espaços de ficções momentâneas que geram inferências duradouras". Essas inferências, por sua vez, são ativadas, de maneira sempre nova e desencadeiam implicações, de caráter semântico-pragmático, no espaço semiótico base, do qual novas redes de integração conceptual serão instauradas.

Brandt (2012, p. 11) sugere que os gestos corporais, inerentemente, expressam significados afetivos e que as formas musicais que evocam esses gestos, da mesma maneira, evocam significados afetivos correspondentes: humores, emoções e sentimentos em geral.

A Figura 4, a seguir, ilustra o processo de integração conceptual subjacente à interação de um sujeito com uma música. Nesse processo de interação, ao ouvir uma música (senti-la), o sujeito instaura, simultaneamente, dois espaços mentais: um, de referência, em que imagina gestos (uma dança) e outro, de apresentação, estruturado a partir da música, da forma como é ouvida. Elementos constitutivos desses espaços são projetados para um *Blend*, em que se encena uma ”dança mental” tendo a música como cenário. Nesse processo de integração, o espaço *Blend* é estabilizado por estados corporais a que denominamos emoções. O efeito de sentido que emerge do *Blend* caracteriza-se como um significado musical que, a depender da situação interacional específica (um momento de relaxamento pessoal, uma festa familiar, um ritual de namoro) desencadeará diferentes estados corporais (emoções, sentimento e humores) e uma reconfiguração do espaço semiótico base.

Figura 4: Rede de Integração Conceptual Música



Fonte: BRANDT (2012, p. 12).

Consideramos importante ressaltar que o processo de integração conceptual envolve a simultânea emergência de diferentes e complexas redes. Nesse sentido, a metáfora da ”ponta do iceberg”, proposta por Fauconnier e Turner (2002, p.17-38) para definir os processos cognitivos implicados na produção de sentidos, nos parece bastante produtiva. Segundo os pesquisadores, as operações cognitivas envolvidas na produção de significado são poderosas, mas, em grande parte, invisíveis. Inúmeras e simultâneas são as redes de integração conceptual que construímos enquanto pensamos, falamos, agimos. Um rede de integração pode se transformar em *input* para outra rede recursivamente. A variedade de redes de integração subjacente ao processo de produção de sentidos dependerá da perspectiva adotada pelos sujeitos da interação e dos elementos selecionados por esses como foco de atenção. Passemos, neste momento, à análise de uma situação interacional concreta em que a relação entre emoção, cognição e linguagem pode ser flagrada no processo de produção de sentidos.

5. Emoções no contexto de manifestações sociais

Em junho de 2013, a comunidade internacional foi testemunha de manifestações sociais, designadas pelos veículos de comunicação de massa como ”primavera brasileira”. Naquele contexto, as ruas de todo o Brasil foram tomadas por milhares de manifestantes que expressavam indignação diante de problemas sociais, políticos e econômicos os mais diversos. A explicitação desses problemas, em diferentes semioses (uso de cartazes, faixas, máscaras, gestos, palavras de ordem, música) colocou em cena, também, um amplo conjunto de pautas reivindicatórias.

Para fins deste estudo, elegemos, como objeto de análise, registros fotográficos em que manifestantes empunham cartazes, escritos de próprio punho, no contexto dessas manifestações. O *corpus* está constituído por um conjunto de 50 fotografias coletadas na internet, via redes sociais e sites de busca de imagens. Os cartazes em análise nessas fotografias pareciam se estruturar de forma a constituir, em linhas gerais:

- resposta à ação truculenta da polícia às manifestações;
- proposição de pautas de reivindicações políticas;
- crítica a ações dos poderes executivo e legislativo (ações políticas, econômicas etc.);
- crítica à mídia em geral e, em especial, à Rede Globo de Televisão;
- definição do próprio movimento;
- forma de apoio ao movimento e suas reivindicações.

Em consonância com a discussão aqui realizada, e a despeito dessa caracterização preliminar, uma reflexão sobre o contexto em que esses cartazes foram produzidos e circularam efetivamente (manifestações sociais no Brasil), para além de sua estruturação discursiva, nos permite reiterar a tese de que as emoções funcionam como um motor propulsor do processo de produção de sentidos. Na situação discursiva em que esses cartazes são empunhados, os interlocutores, ao interagirem semioticamente, compartilham emoções.

O ato de empunhar um cartaz, em uma manifestação social em que a repressão violenta da polícia é iminente, pode ser interpretado como uma "resposta" defensiva, de natureza semiótica, a essa situação. Sabemos que em uma mesma experiência de interação social, vivenciamos diferentes estados emocionais. Esses podem variar em um espectro que oscila entre emoções positivas (ligadas ao prazer) e negativas (ligadas à dor).

Como forma de ilustrar a tese em questão, passemos à análise de um dos cartazes selecionados.

FIGURA 5 – Bomba de efeito moral

Fonte: Vinicius Segalla-UOL (2013)
Disponível em: http://zip.net/bskhXC

O cartaz em análise coloca em cena um enunciado criativo e, aparentemente, original. Na perspectiva adotada neste trabalho, como vimos, o processo de produção de sentidos implicado na produção e exibição desse cartaz em uma manifestação social pode ser compreendido em termos de um processo de integração conceptual estruturado em forma de rede. Os interlocutores instauram o espaço semiótico base a partir de um contexto que se define como uma manifestação social de grande escala. Nesse contexto, inclui-se uma situação pragmática específica em que a polícia, em uma ação repressiva, concreta ou potencialmente, utiliza bombas para conter ações dos manifestantes.

A situação pragmática em questão, por sua natureza dialógica, envolve atitude responsiva/defensiva frente às adversidades do contexto sócio-histórico (corrupção política, baixo investimento em transporte, educação e saúde, aumento da inflação). O cartaz em questão entra, no fluxo discursivo construído no âmbito das manifestações brasileiras, daquele momento, como uma resposta a uma iminente agressão, desrespeito, por parte dos poderes públicos, a direitos constitucionais básicos. Essa agressão estaria representada, metonimicamente, pelo uso de bombas de efeito moral contra o direito de manifestação popular.

Como dissemos anteriormente, a atitude responsiva de produção deste cartaz pode ser interpretada em termos da emergência de diferentes e singulares afetos humanos (emoções, sentimentos, humores). Entre esses, destacamos, para esta análise, a emoção a que denominamos raiva.
Trabalhos na área da Psicologia, entre os quais Lemerise e Dodge (2008, p.730) nos revelam que a emoção pode ser funcionalmente compreendida como "uma forma de organizar e regular processos fisiológicos e psicológicos relacionados à autodefesa e autodomínio, além de regular os comportamentos sociais e interpessoais (IZARD & KOBAK, 1991; LEWIS, SULLIVAN, RAMSAY, & ALESSANDRI,1992; SAARNI, CAMPOS, CAMRAS, & WITHERINGTON, 2006)".

Consideramos que, no processo de produção e de publicização do cartaz em análise, a experiência emocional da raiva exerce um papel importante. Em sendo assim, a raiva assume um *status* de relevância no processo de produção de sentido, e, portanto, do processo de integração conceptual subjacente à situação discursiva em que o cartaz em análise passa a ser objeto de atenção.

Na situação pragmática aludida por meio do cartaz, os interlocutores predicam as bombas como "de efeito moral". O que temos como acessível, face ao cartaz, é o signo verbal que designa um artefato e um comentário irônico em relação a um outro possível uso desse artefato. Como sabemos, no mundo da vida, as bombas de efeito moral não são letais, mas cumprem o objetivo de conter ou dispersar grupos que integram manifestações.

Na situação enunciativa em cena, um frame de evento específico, "repressão ao movimento social", assume status de relevância. Nessa situação, conhecimentos sobre o uso de bombas de efeito moral - agentes envolvidos (policiais e manifestantes), o lugar em que a ação acontece (nas ruas), os objetivos desses agentes (dispersar/conter manifestantes) - se configuram, à luz do modelo de Aarhus, em termos de um **espaço mental de referência.**

O comentário irônico do locutor jogue no congresso nacional" também coloca em cena um frame de evento específico, "a dinâmica política no Congresso Nacional". Esse frame pressupõe conhecimentos, tais como agentes (políticos), o lugar (o parlamento brasileiro) e objetivos (mudança de atitude dos políticos). No modelo em estudo, esses conhecimentos se configuram em termos de **um espaço mental de apresentação**.

No processo de construção de sentidos em questão, um mapeamento entre os elementos dos espaços de referência e apresentação é projetado para o **espaço *blend*.** Nesse espaço, o que emerge é um cenário fantástico, novo, criativo, em que uma bomba imaginária tem a função de moralizar o parlamento brasileiro. O *blend,* nesse caso, é um espaço mental surrealista, imaginário, teatral, fictivo, do qual emerge como efeito de sentido, irônico, humorístico, a moralização do Congresso Nacional, a partir do uso de uma bomba de efeito moral.

Na interação discursiva em questão, se a experiência emocional da raiva funciona como um elemento calibrador do processo de integração conceptual, a partir do qual emerge a situação fictiva em questão (uma bomba de efeito moral contrafactualmente atinge políticos no Congresso Nacional) faz-se necessário refletir sobre uma possível contraparte cognitiva dessa experiência.

A experiência emocional da raiva e dinâmica de forças físicas

Nossas vivências corporais se estruturam, primitivamente, a partir do reconhecimento de um sistema de forças físicas. Essas forças, por sua vez, manifestam-se a partir de nossa experiência no e com o domínio semântico a que Brandt denomina *Physis*. Esse domínio estrutura-se em nossas concretas experiências no mundo *causal* das distâncias, da gravidade, dos objetos imóveis e em movimento, dos cenários pelos quais nos movimentamos. Em consonância com a Arquitetura de Domínios Semânticos proposta por Brandt (2004), a experiência humana com esse sistema de forças físicas, por sua natureza ontológica, estende-se aos demais domínios semânticos. Vivemos, no "mundo-da-vida", uma inextricável relação entre os domínios físico, cultural, mental e espiritual e as "combinações" que desses domínios básicos decorrem (D5, D6, D7 etc.)[12].

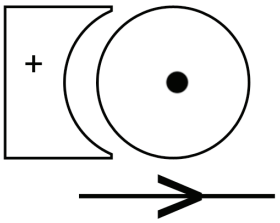
12 Para aprofundar o assunto, conferir Brandt (2004, p. 30-64) e Oakley (2009, p. 125-187).

As experiências emocionais, que vivenciamos sempre em situações específicas - intersubjetivas e, portanto, dialógicas - pressupõem padrões de dinâmica de forças como as propostas por Talmy (2000)[13]. Neste trabalho, consideramos que padrões de **dinâmica de forças** também atuam como **frames de relevância** no processo de **integração conceptual.**

Um frame de relevância se institui com base em conhecimentos esquemáticos, compartilhados pelos interlocutores, quanto às *características discursivo-enunciativas próprias do jogo enunciativo* em questão: narrar um fato episódico, defender um ponto de vista, criar uma situação fictícia ou imaginária, criticar ou ironizar alguém ou algo em particular, vender um produto, declarar um sentimento, participar de uma manifestação popular.
Para estabelecermos uma relação entre dinâmica de forças e a experiência da raiva, precisamos considerar que essa emoção pressupõe uma interação entre agentes envolvidos em uma 'instância enunciativa', estruturada, nos termos de Benveniste, a partir de uma dinâmica relação entre EU - TU - ELE. Esses agentes podem exercer forças de natureza agonista ou antagonista entre si, ou seja, podem se alternar no papel de Agonista e Antagonista, no processamento discursivo. Na experiência fenomenológica (biofisiológica e psicossocial) da raiva, há um sujeito que imprime uma força agonista ao interagir com um outro que, em tese, exerce uma força de natureza antagonista, que tende a obstruir o fluxo natural da força agonista.

Uma possível descrição de um dos padrões de dinâmica de forças que opera no cenário dialógico em questão poderia ser ilustrada pela Figura 6, a seguir.

FIGURA 6 – Padrão de Dinâmica de Forças - Bomba de efeito moral"



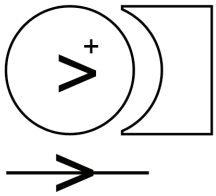
Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

A figura 6 representa o padrão de dinâmica de forças envolvido no contexto (manifestações populares) em que o cartaz é produzido. Nesse contexto, nos termos de Talmy (2000), poderíamos afirmar que há uma tendência intrínseca de força do Agonista (povo), mais fraco, para a estabilidade (continuar manifestando-se) vs. tendência do Antagonista (polícia/políticos/governo), mais forte, para o movimento (tirar o povo da rua), materializado pelo uso do artefato cultural "bomba de efeito moral". O resultado decorrente dessa dinâmica seria o movimento de recuo do Agonista.

13 Para aprofundar o assunto, confira Talmy (2000)

A Figura 7, a seguir, representa o padrão de dinâmica de forças envolvido no efeito de sentido produzido a partir da nossa interação semiótico cognitiva com o cartaz. Nessa dinâmica, temos atuante uma tendência intrínseca do Agonista (povo), mais forte, em direção ao movimento (moralizar o parlamento brasileiro) vs. uma tendência à estabilidade de forças (permanecer na condição política atual) do Antagonista (polícia/políticos/governo), no espaço Blend, mais fraco. O resultado decorrente dessa dinâmica é, no Blend, a movimentação do agonista a partir de um uso fantástico, surreal, de uma bomba que exerceria o efeito de moralizar o Congresso Nacional.

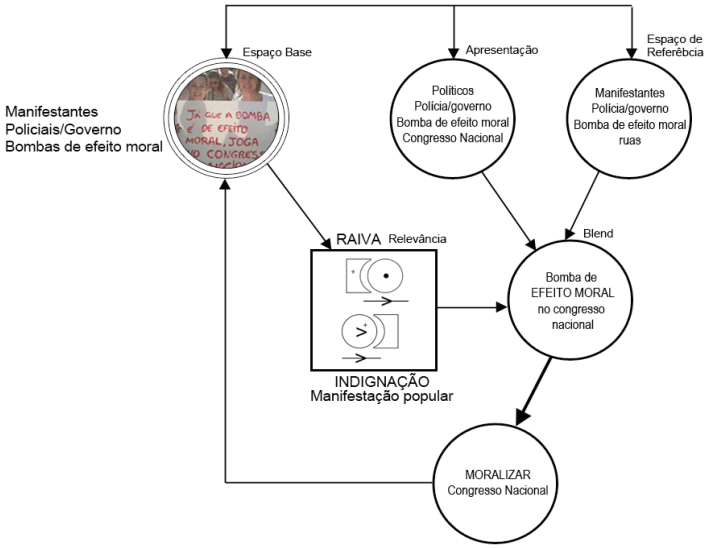
Figura 7 – Padrões de Dinâmica de Forças – ”Bomba de efeito moral” (*Blend*)



Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

A Figura 8, a seguir, esquematiza o processo de integração conceptual anteriormente descrito de forma a explicitar a natureza e a dinâmica dos espaços mentais implicados no processo de produção de sentidos e o lugar da experiência emocional da raiva nesse processo.

Figura 8 – Rede de Integração Conceptual ”Bomba de efeito moral”



Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

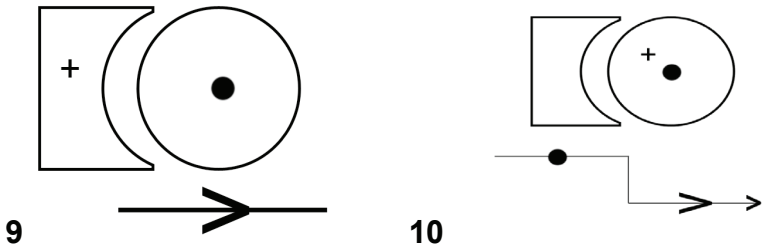
Por fim, uma análise da dimensão linguisticodiscursiva da situação dialógica em questão nos permite observar que a frase do cartaz se estrutura por via de operadores que governam a *concessividade*, aqui compreendida como uma estrutura da lógica natural utilizada, no processamento discursivo, com objetivos persuasivos.

No cartaz em análise, o locutor utiliza a concessividade como uma estratégia retórica. Essa estratégia configura-se à medida que, o locutor aceita a premissa básica do alocutário ("já que a bomba é de efeito moral"). Adotando essa perspectiva discursiva, o locutor concorda com o argumento do alocutário ("a bomba **é** de efeito moral") e o utiliza de forma a convencê-lo a assimilar uma nova perspectiva argumentativa (já que... [então] joga no congresso nacional).

Pretendemos ter demonstrado que, da mesma forma como atuam na experiência das emoções, as forças dinâmicas atuam em outras dimensões da interação humana[14]. Isso ocorre, por exemplo, pelo uso de estruturas da lógica natural como a concessividade, a condicionalidade e a consequencialidade.

A **Figura 9**, a seguir, esquematiza a dinâmica de forças envolvida no uso da concessividade como estruturador lógicoargumentativo emergente no texto em análise.

Figuras 9 e 10 – Padrões de dinâmica de forças - concessividade



9 **10**

Fonte: elaborado pelas pesquisadoras

Na estrutura concessiva implicada na situação dialógica em análise, o Agonista (povo), se aproveita da força Antagonista mais forte de seu alocutário (governo) não oferecendo resistência a ela (a bomba é de efeito moral) e permitindo que o fluxo dessa força prossiga (jogue-a!), redirecionando essa força em prol dos seus objetivos retóricos, persuasivos (jogue-a no congresso nacional).

14 Estudos realizados no campo da Linguística Cognitiva aplicam a Teoria da Dinâmica de Forças (Talmy, 2000) na análise do discurso (TURNER, 1996; OAKLEY, 2005). Kimmel (2011) aplica a mesma teoria à análise do discurso narrativo, na campo da literatura.

O breve exercício de análise aqui sistematizado nos permite reiterar, neste momento, que as emoções devem ser compreendidas como um parâmetro fundamental no processo de produção de sentidos e que devem ser compreendidas como constitutivas da dimensão ontológica da produção de sentidos e, portanto, da vida humana.

6. Em busca do coelho de Alice

Neste trabalho, propusemo-nos a analisar o lugar das emoções no processo de produção de sentidos. Como vimos, esse é um desafio que começa a ser assumido na Antiguidade Clássica. No decorrer do século XX, estudos que focalizam o lugar das emoções na vida humana e, portanto, na sua dimensão interacional, vêm ganhando espaço em diferentes campos do conhecimento e a Psicologia e a Linguística vêm se mostrando áreas privilegiadas nesse sentido. As emoções podem ser definidas como um movimento de natureza simultaneamente biofisiológica e psicossocial do homem no meio em que vive, desencadeado por estímulos que assumem determinado valor para esse sujeito, em uma dada situação interacional. As emoções não devem ser confundidas com sentimentos e humores. Na perspectiva que adotamos, os primeiros têm caráter epistêmico, uma vez que dizem respeito à avaliação consciente que fazemos das emoções, e os segundos à avaliação que fazemos da relação de nossos estados emocionais com o ambiente.

Na perspectiva evolutiva, deparamo-nos com diferentes teses sobre o papel das emoções na evolução da linguagem verbal. Algumas delas convergem para o fato de que haveria uma inextricável relação entre emoções e linguagem na evolução da espécie humana. Pesquisas realizadas no campo da semiótica cognitiva apontam para a possibilidade de que a música tem um papel fundamental no processo evolutivo da linguagem verbal e de que as emoções são um parâmetro constitutivo dessa relação.

Este trabalho foi desenvolvido de maneira a considerar que se emoções são constitutivas da dimensão filogenética (portanto, evolutiva), também o devem ser da dimensão ontogenética e cultural da vida humana. Assim sendo, assumimos o desafio de investigar um modelo teórico-metodológico que permita explicitar o lugar das emoções no processo de produção de sentidos. Nesse desafio, consideramos a integração conceptual a operação cognitiva básica na qual e a partir da qual produzimos sentido para as diversas formas de estar no mundo. Ao definirmos emoção como ação, o que implica movimento, defendemos a tese de que essa se estrutura dialogicamente, em termos de padrões de dinâmica de forças agonistas e antagonistas.

O Centro de Semiótica Cognitiva da Universidade de Aarhus propõe um modelo de integração conceptual que, na perspectiva aqui adotada, nos parece adequado para descrever e explicar o processo de produção de sentidos incorporando o lugar das emoções e, ainda, a atuação da dinâmica de forças nessa operação cognitiva básica. Isso ocorre porque o modelo nos permite considerar as dimensões fenomenológica, pragmática e discursiva implicadas na experiência com as emoções.

Por fim, reconhecemos a importância de investir em um estudo mais sistemático dos padrões de dinâmica de forças implicados na experiência emocional humana e em como esses parametrizam e impactam o processo de produção de sentidos. Além disso, este trabalho aponta para a necessidade e a possibilidade de investigarmos, ainda, o papel de sentimentos e humores nesse mesmo processo. Um estudo dessa natureza, necessariamente colaborativo e interdisciplinar, pode contribuir para o desenvolvimento de uma semiótica das emoções, desafio de pesquisa para importantes centros de natureza acadêmica, científica, neste início de século.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** BOSI, Alfredo (trad.) 6 ed. , São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BRANDT, Per Aage. **Spaces, domains and meaning:** essays in cognitive semiotics. Bern: Peter Lang, 2004.

BRANDT, Per Aage. **The music and the abstract mind.** In: Plaisir: the pleasure of art as sensed by the brain. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON NEUROESTHETICS. 1, 2002, Berkeley, 2012, mimeo.

BRANDT, Line & BRANDT, Per Aage. **Making sense of a blend**. Aarhus: Center for Semiotic Research, 2005. Disponível em: www.hum.au.dk/semiotics, acesso em : 17 ago. 2013.

CAVALCANTE, Sandra M. S. **O fenômeno da intertextualidade em uma perspectiva cognitiva**. Tese de Doutorado. UFMG. Belo Horizonte: 2009.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem.** MOTTA, Laura T. (trad.) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.** VICENTE, D.;SEGURADO, G. (trad.) 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. **The way we think:** conceptual blending and the mind´s hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FRIJDA, Nico. The psychologist's point of view. In: LEWIS, Michael; HAVILAND-JONES, Janette;BARETT, Lisa. **The handbook of emotions.** 3 ed. NewYork: The Guilford Press, 2008.

FRIJDA, Nico; SCHERER, KLAUS. Emotion definition (psychological perspectives). In: SANDER, D.; SCHERER, K. (ed.) **Oxford Companion to emotion and the affective sciences.** Oxford: Oxford University Press [5], 2009, p. 142-143

GEERAERTS, Dirk & GRONDELAERS , Stefan. Looking Back at Anger: Cultural Traditions and Metaphorical Patterns. In: TAYLOR, J.; MACLAURY, R. (eds.). **Language and the Cognitive Construal of the World**, Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1995,p. 153-179.

HEBB, Donald. **The Organization of Behaviour**. John Wiley & Sons, 1949.

JOHNSON, Mark. **The meaning of the body:** a esthetics of human understanding. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling.** Cambridge: Cambridge University Press, [2000], 2003.

KÖVECSES, Zoltán. Emotion concepts: social constructionism and cognitive linguistics. In: FUSSEL, Susan. (ed.) T**he verbal communication of emotions.** Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002

LAKOFF, George; JOHNSON Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEMERISE, E. A., & DODGE, K. A. The development of anger and hostile interactions. In LEWIS, M.; HAVILAND-JONES, J.; BARRETT, L. F. (Eds.), **Handbook of Emotions**, 3rd ed., (pp. 727-739). New York: Guilford, 2008.

LEWIS, Michael; HAVILAND-JONES, Janette;BARETT, Lisa. **The handbook of emotions.** 3 ed. NewYork: The Guilford Press, 2008.

LUTZ, C. **Unnatural emotions: Everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western theory**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. FORTES, Fernado (trad.) Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SEGALLA, Vinicius. UOL. 2013. Disponível em http//zip.net/bskhXC. Acesso em: 23 jul. 2013.

OAKLEY, Todd. **From Attention to Meaning:** explorations in semiotics, linguistics, and rhetoric. Berlin/Bruxelles/Frankfurt am Main/New York/Wien: Peter Lang, 2009.

PALMER, Gary B.; OCCHI, Debra J. **Languages of Sentiment**. Amsterdam: John Benjamins Publ. Co, 1999.

SCHERER, Klaus R. What are emotions? And how can they be measured? In: **Social Science Information**, 2005, p. 44, 695–729.

SCHERER, Klaus R. Emotion in action, interaction, music and speech. In: **Language, music, and the brain:** a mysterious relationship. Massachussets: The MIT Press, 2013.

SOLOMON, 2008. The philosophy of emotions. In: LEWIS, Michael; HAVILAND-JONES, Janette;BARETT, Lisa. **The handbook of emotions.** 3 ed. NewYork: The Guilford Press, 2008.

TALMY, Leonard. Force dynamics in language and cognition. In: **Cognitive Science**. n. 12, v. 1, p. 49-100, 1988.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. I: Concept Structuring Systems. The MIT Press, 2000.

TOOBY, G.; COSMIDES, L. The past explains the present: emotional adaptations and the structure of ancestral environments. **Ethology and sociobiology**, n.11, 1990 a, p. 375-424,.

ZLATEV, J. Meaning = Life (+ Culture). An outline of a unified biocultural theory of meaning. In: **Evolution of Communication**, n. 4, v. 2, 2003, p. 253-296.

Göran Jacobsson e Jordan Zlatev

COMPARANDO METÁFORAS DE MOVIMENTO-EMOÇÃOEM INGLÊS, SUECO E ESPANHOL

Comparando metáforas de movimento-emoção em Inglês, Sueco e Espanhol

Göran JACOBSSON e Jordan ZLATEV

Introdução[1]

O objeto deste estudo são expressões metafóricas que têm o movimento como domínio fonte e a emoção como domínio alvo, ou seja, metáforas de movimento-emoção (1-3).

(1) My spirit soared. (inglês)
meu ânimo subir.3SG.PS
'Meu ânimo foi às alturas.'

(2) Mitt humör steg. (sueco)
meu ânimo subir.3SG.PS
'Meu ânimo se elevou.'

(3) Wo de qingxu gaozhang. (mandarim)
eu GEN ânimo subir.
'Meu ânimo se eleva.'

Desde Platão, as metáforas vêm sendo discutidas na cultura ocidental, mas, principalmente, com o ornamento poético ou tropo retórico. Uma publicação chave, que ajudou a mudar essa situação, foi *Metaphors we Live By* (Lakoff e Johnson, 1980) [2], que definiu a noção de *metáfora conceitual* como um mapeamento entre domínios conceituais, que subjazem a expressões metafóricas específicas. A interação entre metáforas conceituais e linguísticas é um tema de intensa investigação: "O uso de metáforas parece ser uma habilidade humana básica, que se desenvolve em interação com o desenvolvimento de conhecimento de mundo e de habilidades linguísticas" (Cameron, 1996: 49).Debates específicos na literatura abordam questões como a universalidade e a especificidade cultural de metáforas, o modo como as metáforas se originam e a mencionada relação entre pensamento metafórico e linguagem (Zinken, 2007; Sanford, 2012; Gibbs, 2013).

---

1 Este artigo é baseado em Jacobsson (2015), que também inclui anexos com todas as metáforas de movimento-emoção atestadas nos três idiomas.

2 N.T.: Obra traduzida para o português como *Metáforas da vida cotidiana* e publicada pela EDUC-Editora da PUC-SP e pela Editora Mercado de Letras.

Discussões parecidas envolvem o tópico da *emoção.* Alguns veem conceitos sobre emoção como construções sociais e culturais (Heider, 1991). Outros, incluindo muitos representantes de linguística cognitiva, alegam que experiências corpóreas dão origem a *esquemas imagéticos* básicos, como os de CONTÊINER e de TRAJETO (Johnson, 1987). Por meio de extensão, esses dão origem a mapeamentos (em grande parte,universais) entre domínios da experiência, ou seja, metáforas conceituais (Kövecses e outros, 2002). Uma terceira posição teórica, o *interacionismo linguagem-consciência* (Zlatev, 2011; Zlatev et al, 2012; Blomberg e Zlatev, 2014), vê metáforas e conceitos relacionados à emoção, nos níveis conceitual e linguístico, como restringidos por fatores cognitivos universais, mas também motivados por valores de culturas específicas e limitados por convenções linguísticas. Para sustentar essa posição, Zlatev e outros (2012) estudaram metáforas de movimento-emoção em inglês, sueco, búlgaro e tailandês, descobrindo semelhanças e diferenças entre as línguas. Algumas metáforas eram quase equivalentes em todas as quatro línguas, sugerindo motivações universais, tais como movimento para cima descrevendo emoções positivas e movimento para baixo, emoções negativas. Entretanto, o estudo demonstrou uma grande quantidade de metáforas específicas de um idioma e mais sobreposição entre as línguas que eram mais próximas genealógica e geograficamente. Isso sustenta uma visão segundo a qual a experiência subjetiva e a linguagem interagem de perto; mapeamentos entre domínios podem funcionar como analogias que motivam, mas não determinam quais expressões metafóricas se tornam convencionalizadas em determinadas línguas e culturas (Zlatev, 2011).

O presente estudo continua a investigação analisando metáforas de movimento-emoção em duas das línguas que foram estudadas por Zlatev e outros (2012) – inglês e sueco –, mas também adiciona crucialmente outra língua: o espanhol. As três são relacionadas pela cultura, geografia e genealogia, mas em graus variados de proximidade. Questões específicas tratam da possibilidade de metáforas de movimento-emoção nas três línguas serem relacionadas a experiências corpóreas expressas em metáforas conceituais, implicando assim certo grau de universalidade. Ao mesmo tempo, examinamos o modo pelo qual elas podem estar relacionadas cultural, genealógica e geograficamente, e que semelhanças e diferenças isso pode revelar.

A abordagem segue aquela do estudo de Zlatev e outros (2012), mas aplica um método mais sistemático. As Seções 2-4 fazem uma revisão de referencial teórico relevante e apresentam três hipóteses diferentes, com base nas respectivas teorias. A Seção 5 discute o método e o procedimento para coleta de dados, a geração e seleção de metáforas, sua classificação e agrupamento em tipos. A Seção 6 apresenta resultados e discussão, seguido por conclusões e sugestões para futura pesquisa na Seção 7.
Metáfora em linguística cognitiva

Lakoff e Johnson redefiniram a noção de metáfora, passando de um fenômeno primordialmente linguístico para um fenômeno cognitivo, ao afirmar que "nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico em sua natureza" (Lakoff e Johnson, 2003 [1980]: 3). De acordo com sua *teoria da metáfora conceptual*, as metáforas demonstram a maneira como nós conceptualizamos o mundo, e como nossos sistemas conceituais são ancorados na experiência corpórea. A metáfora é definida como um mapeamento entre dois domínios conceituais, com o domínio fonte sendo mais concreto e estruturado, enquanto o domínio alvo é mais abstrato e menos estruturado. Em nossa linguagem e pensamento do dia a dia, usamos metáforas básicas, tais como FELIZ É PARA CIMA e MAIS É PARA CIMA. A compreensão das emoções pode ser exemplificada com a metáfora RAIVA É CALOR, na qual raiva é o domínio alvo e calor é o domínio fonte que, junto à metáfora conceitual O CORPO É UM CONTÊINER, pode explicar expressões metafóricas específicas como (4):

(4) My blood is boiling.
meu sangue estar. 3SG.PRS ferver.PPRS
'Meu sangue está fervendo.'

Grady (1997) argumenta que *metáforas primárias* são essencialmente básicas e universais. Essas são correlações de experiências entre experiências corporificadas que são coocorrentes e recorrentes, tais como DIFICULDADE É PESO; todas as pessoas carregando um objeto pesado experimentam certa dificuldade e tensão física. A abordagem de Grady pode ser vista como um avanço na teoria da metáfora conceitual, uma vez que permite um grau de previsibilidade (Lima, 2006). Assim, Lakoff e Johnson (1999) incorporaram as metáforas primárias em sua teoria, assim como a proposta de Christopher Johnson (1997) de que as crianças aprendem metáforas primárias a partir da fusão de experiências no início da vida. Um passo adicional de naturalização e universalidade foi dado ao se assumir que metáforas (primárias) correspondem a circuitos neurais no cérebro: "um mecanismo neural de aprendizagem produz um sistema convencional estável de metáforas primárias que tendem a permanecer indefinidamente dentro do sistema conceitual e que independem de qualquer língua." (Lakoff e Johnson, 2003 [1980]: 255-256). A alegação de universalidade diz respeito predominantemente a metáforas primárias. Metáforas complexas podem ser molduras conceituais com base cultural que diferem consideravelmente de cultura para cultura (Lakoff e Johnson, 2003 [1980]: 257). É dentro desse quadro que Kövecses (2000) analisa metáforas com o domínio alvo da EMOÇÃO, e RAIVA, em particular. Enquanto vários modelos culturais podem influenciar o mapeamento, ele enfatizou que eles todos compartilham uma estrutura básica, o que é visto como o resultado da biologia humana compartilhada (Kövecses, 2000: 162).

Existem objeções a esse forte universalismo, também dentro da linguística cognitiva. Zinken (2007) defendeu que, em vez de determinada por fatores cognitivos globais, uma classe importante de metáforas chamadas *metáforas discursivas* surge do uso da língua em contextos culturais específicos. Zinken reconhece a existência de "mapeamentos" cognitivos entre domínios, mas se referiu a esses como *esquemas analógicos*, que podem motivar o uso de metáforas na língua, mas não as determinam. A analogia tem um papel crucial no uso e interpretação de expressões metafóricas criativas inéditas, mas nem tanto para metáforas discursivas como *our European home* ('nosso lar europeu') e *Fortress Europe* ('Fortaleza Europa') e, menos ainda, em expressões totalmente convencionais, nas quais o mapeamento metafórico/analógico original já foi esquecido.

As metáforas discursivas são, portanto, um estágio intermediário no "ciclo da vida" de expressões figuradas: das metáforas criativas às "mortas". Uma de suas características é ter *especificidade de forma*, no sentido de que somente unidades linguísticas específicas despertam a analogia. Por exemplo, enquanto *fortress* (fortaleza) e *bastion* (baluarte) podem ser consideradas como quase sinônimas, elas estão longe de serem intercambiáveis nas metáforas discursivas mencionadas acima. Além disso, uma vez que é o uso da língua em discursos culturais específicos que dá origem a metáforas discursivas, a metáfora no nível cognitivo, conceitual, pode ser vista como emergindo da língua, em vez do contrário, como prega a teoria da metáfora conceitual.

As abordagens delineadas nesta seção não são totalmente contraditórias. Por exemplo, Sanford (2012) propõe interações entre metáforas conceituais e o uso da língua: "As estruturas cognitivas que são metáforas emergem sobre instâncias da metáfora linguística em uso, que, por sua vez, são produzidas, avaliadas e processadas com base na estrutura cognitiva emergente da metáfora" (Sanford, 2012: 387). Do mesmo modo, Zlatev, Blomberg e Magnusson (2012) defendem uma teoria interacionista, de acordo com a qual expressões metafóricas que têm EMOÇÃO como domínio alvo (e MOVIMENTO como fonte, mas também outros) podem ser vistas como emergindo tanto da experiência pré-linguística quanto do uso da língua.

Uma das controvérsias, entretanto, tem sido a noção de "metáforas mortas". Como salientado, Zinken (2007) vê o terceiro e último passo do "ciclo de vida" da expressão metafórica como totalmente convencional, no nível dos conceitos lexicais não metafóricos. Essa ideia contrasta com Lakoff e Turner (1989), que argumentam que o momento em que as metáforas linguísticas se tornam totalmente convencionais (por exemplo, a expressão *long* ('longo') in *a long time* ('um longo tempo')) é quando elas são mais potentes de fato. Pelo menos parte da questão envolve a definição de noções chave. Bowdle e Gentner (2005) distinguem quatro estágios na "carreira" de uma metáfora discursiva, apresentados abaixo em (5).

(5) Inédita>Convencional>Morta[1]>Morta[2]

Quando uma metáfora discursiva surge pela primeira vez, ela é altamente inédita e compreendida por meio de analogia com o conceito do domínio fonte, como no primeiro estágio da teoria de Zinken. Com o passar do tempo, comparações figurativas repetidas podem levar à criação de usos convencionais da expressão, mas ainda baseados na analogia. Esse estágio corresponde às metáforas discursivas de Zinken. Quando tal metáfora convencional muda da analogia para categorização, ela entra no estágio das metáforas mortas. Entretanto, Bowdle e Gentner (2005) distinguem dois níveis: no primeiro nível (Morta[1]), a associação semântica com o domínio fonte ainda existe, mas não é necessária para o entendimento da expressão. Somente no segundo nível (Morta[2]), a associação semântica já desapareceu totalmente.

Feitas essas distinções, tanto Lakoff e Turner (1989) quanto Zinken (2007) poderiam, em princípio, estar corretos. Expressões como *fall in love* (‘apaixonar-se’) e *a long time* (‘um longo tempo’) parecem ser Mortas[1], mas não Mortas[2], uma vez que seu domínio fonte é facilmente recuperado. Existe evidência de diferenças no processamento psicológico desses estágios. Romero Lauro e outros (2013) realizaram um estudo fMRI, procurando pela ativação do sistema motor do cérebro em resposta ao uso (a) literal, (b) figurativo não metafórico, (c) metafórico e (d) idiomático de verbos de movimento. Os resultados mostraram que, nos dois primeiros casos, houve uma clara ativação do córtex motor; para (c), houve alguma ativação, mas não tão significativa, e, para (d), com expressões idiomáticas como *bad blood runs* (‘existe inimizade’), quase não houve ativação. Em termos da presente discussão, isso sugere fortemente que pelo menos algumas expressões idiomáticas envolvem metáforas que estão na área “morta” da sequência de Bowdle e Gentner (2005).

Movimento e emoção

Como ocorre com a metáfora, há visões diferentes sobre como entender e definir movimento em linguística cognitiva. Talmy (2000) o define de uma maneira muito ampla: “[uma] situação contendo movimento e, igualmente, a continuação de uma localização estacionária como um evento de Movimento (com M maiúsculo)” (Talmy, 2000: 25). Além disso, ele analisa um evento de Movimento como sendo construído com quatro componentes internos: figura, fundo, trajeto e (e fato do) movimento, com a figura se movendo ao longo do trajeto, ou estando em um local, com relação ao fundo. Isso forma a base para a influente *tipologia de eventos de movimento*, na qual as línguas são categorizadas como sendo predominantemente de moldura de satélite (por exemplo, inglês e sueco) ou de moldura de verbo (por exemplo, espanhol e francês). Em espanhol, na maioria das vezes, o trajeto é expresso pela raiz do verbo, como no exemplo (6) com o verbo *salir* (‘sair’), em contraste com “satélite” *out* (‘para fora’) no inglês (7).

(6) El pato salió de la cueva flotando.
DET.DEF pato sair.3SG.PS de DET.DEF caverna flutuar.GER
'O pato saiu flutuando da caverna.'

(7) The duck floated out of the cave.
DET.DEF pato flutuar.3SG.PS para fora de DET.DEF caverna.
'O pato saiu flutuando da caverna.'

Talmy, entretanto, não definiu de modo suficientemente claro o conceito de movimento propriamente dito, incluindo a distinção entre "movimento de translação", que implica translocação, e "movimento autocontido", que não a implica. Para compensar isso, Zlatev, Blomberg e David (2010) definiram movimento como a *experiência de mudança contínua na posição relativa de um objeto (a figura) contra um fundo*, contrastando esse com imobilidade, em que não ocorre tal mudança. A seguir, eles propuseram uma taxonomia de situações de movimento, definidas independentemente de suas representações linguísticas nos idiomas, com base em três parâmetros (a-c).

(a) **Translocação**: movimento "translocativo" x movimento "não translocativo". O movimento "translocativo" envolve a percepção de mudança contínua da posição relativa de um objeto de acordo com uma moldura espacial de referência, como no exemplo (8). No movimento "não translocativo", a figura mantém sua posição relativa (percebida),como no exemplo (9).

(8) I fell into the water.
eu cair.1SG.PS dentro de DET.DEF água.
'Eu caí na água.'

(9) He ran on the treadmill for 30 minutes.
ele correr.3SG.PS em DET.DEF esteira por 30 minuto.PL
'Ele correu na esteira por 30 minutos.'

(b) **Delimitação**: Movimento delimitado x movimento indelimitado. No movimento delimitado, a figura sofre uma clara transição no seu estado. Isso significa que ela partirá de uma Fonte ou passará por um Ponto Médio, ou atingirá uma Meta ou todas as três possibilidades. Um exemplo de movimento delimitado é expresso na sentença em espanhol (10). No movimento indelimitado, o movimento da figura não é limitado com respeito ao começo, meio ou fim, como no exemplo em sueco (11).

(10) Nos llevó a casa.
nos levar.3SG.PS para casa.
'Ele nos levou para casa.'

(11) Ballong-en sväva-r i luft-en.
balão-DET.DEF voar-3SG.PRS em ar-DET.DEF
'O balão está voando no ar.'

(c) **Causação**: Movimento causado x movimento não causado. No movimento causado, a figura é percebida como estando em movimento sob a influência de uma causa externa. Quando não existe uma causa externa fazendo a figura se mover, o movimento é apresentado como não causado. A noção relevante de causalidade diz respeito ao mundo da vida experiencial, não ao universo objetivo, como se entende na física. A sentença em (12) expressa movimento "translocativo" e delimitado, enquanto, em (13), o movimento é não causado.

(12) Erik kasta-de boll-en genom fönstr-et.
Erik arremessar-3SG.PS bola-DET.DEF por janela -DET.DEF
'Erik arremessou a bola pela janela.'

(13) The old house collapsed.
DET.DEF velha casa desabar.3SG.PS
'A velha casa desabou.'

A taxonomia de oito tipos de situação de movimento, seguindo a aplicação sistemática desses três parâmetros, é apresentada na Tabela 1, que também serve de base para se classificarem as metáforas de movimento-emoção em nosso estudo.

TABELA 1. Tabela de classificação mostrando os oito tipos de situação de movimento traduzidos do inglês; F = Figura, MR = Marco, A = Agente, Vista-C = Centrado no ponto de vista, Geo-C = Geocêntrico, Obj-C = Moldura de Referência centrada no Objeto (baseado em Zlatev, Blomberg e David, 2010).

	Movimento não causado	**Movimento Causado**
+ translocativo"/+delimitado	F parte de MR. (Fonte) F passa por MR (Ponto médio) F vai até MR (Meta)	A retira F de MR (Fonte) A lança F por sobre MR (Ponto médio) A coloca F dentro de MR (Meta)
+ "translocativo"/-delimitado	F vai embora (Vista-C) F sobe (Geo-C) F vai para frente (Obj-C)	A leva F embora (Vista-C) A empurra F para cima (Geo-C) A empurra F para frente (Obj-C)

- "translocativo"/+ delimitado	F salta F pisca	A esmaga F A rasga F
- "translocativo"/- delimitado	F acena F caminha (sobre esteira)	A balança F A sacode F (indefinidamente)

Todos os exemplos considerados até aqui envolveram movimento *realmente* percebido. Entretanto, há muitas expressões linguísticas, incluindo expressões metafóricas, que envolvem verbos ou satélites que expressam as categorias talmianas de movimento e trajeto, mas nas quais não existe movimento na situação descrita. Blomberg e Zlatev (2014) referem-se a elas como expressões de *movimento não real*. Um exemplo bastante conhecido é este apresentado em (14).

(14) The mountain range goes all the way from Canada to Mexico. (Talmy, 2000: 104)
'A cordilheira vai desde o Canadá até o México.'

Talmy (2000) refere-se a tais exemplos como instâncias de movimento "fictivo", enquanto Langacker (1990) fala de movimento "subjetivo", e ainda outros termos existem na literatura. Blomberg e Zlatev (2014) argumentam que essa variação não é coincidência e reflete o fato de que o fenômeno é *não unitário* na língua e na experiência. Com isso, eles querem dizer que pelo menos três diferentes aspectos da consciência humana motivam tais expressões: percepção "enativa", rastreamento visual e imaginação.
Considere o uso do verbo sueco *gå* ('andar) nos exemplos (15-17). Todos envolvem sentidos estendidos e podem, portanto, ser analisados como sentenças de movimento não real.

(15) E6 gå-r till Oslo.
E6 ir-3SG.PRS para Oslo
'A estrada E6 vai para Oslo.'

(16) Det gå-r bra för företag-et.
SUJ.EXPL ir-3SG.PRS bem para companhia-DET.DEF
'As coisas vão bem para a companhia.'

(17) Jag tro-r att det gå-r att avhjälpa fel-et.
eu acredito-1SG.PRS que SUJ.EXPL ir-3SG.PRS reparar defeito-DET.DEF
'Eu acredito que seja possível reparar o defeito.' [3]

3 N.T.: Como afirmam os autores deste capítulo, a presença de uma metáfora de movimento em um idioma não é garantia de sua existência em outro. Esse parece ser o caso do exemplo (17), originalmente traduzido do sueco para o inglês por meio de expressão não

Precisamos observar o fato de que (15) tem um sentido mais palpável de movimento que as outras duas sentenças. Um dos fatores que produzem isso é o fato de que ela tem uma expressão lexical da imagem (*E6*), enquanto (16) e (17) apenas usam o sujeito gramatical *det*. e, dessa forma, não expressam qualquer imagem. Isso indica que precisamos prestar mais atenção a expressões de figura nas sentenças de movimento não real e nas metáforas de movimento-emoção em particular.

Como foi dito, existe um debate em andamento sobre o grau de universalidade das emoções humanas. Na perspectiva da teoria evolucionária, as emoções básicas e suas expressões devem ser comuns à humanidade. Por outro lado, diferenças culturais não podem ser negligenciadas (Elfenbein e Ambady, 2002). De fato, são aceitas mesmo por teóricos que tendem ao universalismo (Kövecses, 2000). O objetivo aqui não é entrar nesse debate, mas, uma vez que metáforas de movimento-emoção em inglês, sueco e espanhol serão examinadas, vamos considerar como os termos superordenados para o domínio da EMOÇÃO são definidos em dicionários padrão. Em inglês, há duas palavras: *emotion* (‘emoção’) relacionada a movimento e *feeling* (‘sentimento’) relacionada a tato, contato. No *English Webster’s Dictionary* (1992), as duas são definidas na forma abaixo:

Emotion*: Qualquer manifestação forte ou perturbação da mente consciente ou inconsciente, tipicamente involuntária e frequentemente levando a complexas mudanças corpóreas e formas de comportamento; o poder de sentir, com ou sem a correspondente tendência de atividades.*
Feeling*: O sentido de toque ou contato imediato; o estado coletivo ou tom geral de consciência devido a combinações mais ou menos complexas e obscuras de classes de sensações; qualquer emoção como algo distinto do corpo.*

O sueco também tem dois termos superordenados: *känsla* (‘sentimento’) relacionado à habilidade de perceber toque, pressão, calor ou dor, etc., e*rörelse* (‘movimento’) relacionado a movimento. O dicionário sueco *NEO* (2000) as define da seguinte maneira:

Känsla*: (kroppslig) upplevelse som uppkommer av yttre eller inre förnimmelse; utvidgat med tonvikt på den direkta själsliga upplevelsen; personligt, naturligt och spontant uppkommande sätt att värdera eller förhålla sig till ngn eller ngt vilket inte är resultat av tänkande.*
“experiência (física) que é causada por sensação externa ou interna; expandida com ênfase na experiência mental direta; um modo de avaliar alguém ou alguma coisa ou de se relacionar com alguém ou alguma coisa, que surge de modo individual, natural e espontâneo, o qual não é resultado do pensamento.”

metafórica “It is possible to repair the defect” e para o qual também não existe uma metáfora de movimento em português.

Rörelse*: att uppleva stark känsla av ömhet e.d.*
'experimentar um forte sentimento de ternura ou algo parecido'.

De modo semelhante, o espanhol tem *emoción* ('emoção') relacionado ao movimento, e *sentimiento* relacionado ao sentimento e à percepção. O Dicionário da Língua Espanhola da *Real Academia Española* (RAE, 2001), dá as seguintes definições:

Emoción. (Del. lat. emotío). *Alteración del ánimo intensa y pasajera, agradable o penosa, que va acompañada de cierta conmoción somática.*
'mudança de ânimo intensa e temporária, agradável ou dolorosa, que é acompanhada de certa comoção física.'

Sentimiento: *Acción y efecto de sentir o sentirse; estado afectivo del ánimo producido por causas que lo impresionan vivamente; estado del ánimo afligido por un suceso triste o doloroso.*

'Ação ou efeito de sentir ou sentir-se; estado afetivo da mente produzido por causas que a impressionam intensamente; estado de ânimo afligido por um acontecimento triste ou doloroso.'

Podem-se observar interessantes aspectos em comum, assim como algumas diferenças nessas definições. Em primeiro lugar, cada língua usa dois termos principais superordenados para o domínio, sendo um deles claramente relacionado ao movimento e o outro ao toque ou contato corporal. Além disso, tipicamente acontece de um termo fazer parte da definição do outro, como quando *emotion* em inglês é caracterizada como "o poder de sentir". Finalmente, o que quer que sejam emoções ou sentimentos, eles claramente envolvem a consciência: *perturbação da mente consciente ou inconsciente; direkta själsliga upplevelsen* ("a experiência mental direta"), *estado afectivo del ánimo* ("estado afetivo da mente") e não apenas o movimento físico. Finalmente, enquanto o sueco parece ter o termo baseado em sensação *känsla* como o mais básico dos dois, as definições de todos os seis termos nas três línguas enfatizam o aspecto dinâmico e mutável do fenômeno.

A definição espanhola de *emoção* é a mais dinâmica daquelas dadas acima, enfocando as "mudanças temporárias do ânimo", que são mais salientes e facilmente mais notadas que os estados mais estáveis, tais como os de humor. Como se pode notar, a definição também se refere a certa comoção física, que pode ser visível externamente ou ser interna, refletindo, assim, uma ligação próxima entre emoção e movimento. Em síntese, todas as definições fornecidas acima, mas acima de tudo a definição de emoção no espanhol, correspondem de perto à explicação do conceito dada por Zlatev e outros (2012): *mudanças na consciência afetiva de uma pessoa.*

Tendo definido o domínio fonte de movimento real e o domínio alvo de emoção, podemos definir as metáforas de movimento-emoção (MME) como *tipos de expressão que ligam os dois domínios, expressando mudanças na consciência afetiva, por meio de termos denotando movimento real.* Diferentemente da teoria da metáfora conceitual, entretanto, são as próprias expressões linguísticas que são as metáforas – embora não os enunciados individuais, mas tipos de expressão. Como pode ser visto nos exemplos (18-21), o essencial é que a expressão em *itálico*, que denota a figura "como se estivesse" em movimento, refere-se ao ego (ou parte do ego) do protagonista, revelando que há um complexo verbal de movimento (em **negrito**). As outras partes das expressões e os significados gramaticais podem variar abertamente em cada metáfora de movimento-emoção.

(18) Jag **attrahera-des** **av** hennes skratt.
eu atrair-1SG.PS.PASS por dela riso
'Eu fui atraído pelo riso dela.'

(19) Mi corazón **se** **fue** **trás** él.
Meu coração REFL ir.3SG.PS atrás de ele.
'Meu coração se foi atrás dele.'

(20) My heart just **sank**.
Meu coração simplesmente afundar.3SG.PS
'Mergulhei numa profunda tristeza.' .

(21) Su muerte **sacudió** mi ánimo.
Sua morte abalar.3SG.PS meu ânimo.
'Sua morte me abalou.'

Como mencionado acima, a natureza da expressão que denota a figura é essencial para a interpretação da sentença como um todo. Quando a expressão da figura consiste em um pronome pessoal, como em (18), podemos facilmente ver isso como uma expressão metafórica na qual o ego é apresentado "como se estivesse" em movimento. Em casos como (19-21), dependendo das convenções culturais da língua, uma parte do corpo, como *coração* e *peito,* pode assumir esse papel de figura em movimento nas MME. Do mesmo modo, noções como *the soul* (inglês) = 'a alma', *själen* (sueco), *el alma* (espanhol), ou *the demon/s* (inglês) = o(s) demônio(s), *anden, demonen* (sueco), *demonio* (espanhol) poderiam fazer o mesmo. Também podemos considerar a vida emocional tal como sendo uma "parte do ego", de modo que as MME podem ter expressões de figura como *mood* (inglês)= 'humor', *humöret* (sueco), *el humor* (espanhol). Emoções específicas, como raiva, fúria, alegria, por outro lado, variam de tempos em tempos e, às vezes, de minuto a minuto. Assim, elas não podem ser consideradas como parte do ego, mas como estados temporários. Em consequência, expressões como (22) não são consideradas MME neste estudo.

(22) Joy overpowered him.
alegria dominar.3SG.PSele.ACC
'A alegria tomou conta dele.'

Síntese provisória e hipóteses

A revisão até agora mostrou a distinção entre três diferentes perspectivas teóricas sobre metáfora (Seção 2), deu definições dos domínios fonte e alvo de movimento e emoção, e caracterizou o tipo de expressões que unem esses dois domínios: metáforas de movimento-emoção (Seção 3). Para lembrar, há três perspectivas teóricas predominantes sobre metáforas na linguística cognitiva: metáforas conceituais universais, metáforas discursivas e interacionismo. Existe evidência a favor de cada uma dessas posições. Assim, as seguintes hipóteses acerca das relações entre metáforas de movimento-emoção (MME) em inglês, sueco e espanhol podem ser formuladas com base em cada uma dessas abordagens.

H1 (Universalidade): Haverá forte sobreposição – tanto no domínio fonte quanto no domínio alvo – entre as MME nos três idiomas. Isso será especialmente destacado no caso de metáforas conceituais básicas, em que os conceitos do domínio fonte podem ser vistos como experiências básicas universais e esquemas imagéticos, tais como VERTICALIDADE e CONTENÇÃO.

H2 (Metáforas discursivas): Uma vez que expressões metafóricas são usadas em contextos e discursos particulares, e que esses são, em grande parte, diferentes entre línguas diferentes e entre culturas diferentes, deveria haver muitas MME específicas para cada língua, sem correspondência nas outras línguas.

H3 (Interacionismo): Embora possa haver algumas tendências universais, baseadas em fatores cognitivos gerais, MME são convencionalizadas em línguas e culturas específicas. Entretanto, devido ao contato linguístico e cultural, haverá mais sobreposição entre idiomas/culturas com mais interação que entre aquelas com menos. Como o inglês e o sueco são mais próximos dos pontos de vista genealógico, tipológico e cultural, deverá haver mais sobreposição entre as suas MME que entre qualquer uma dessas duas línguas e o espanhol.

Método

Nosso método segue aquele de Zlatev e outros (2012), mas pretende ser mais sistemático e transparente. Podemos caracterizá-lo nos passos a seguir:

Geração de metáforas

Zlatev e outros (2012) usaram principalmente o método baseado no conhecimento do falante nativo ou próximo do nativo para identificar metáforas

de movimento-emoção. Neste estudo, a intuição do falante foi usada principalmente para dirigir a busca, enquanto todas as expressões (exceto as metáforas de movimento-emoção extraídas do estudo de Zlatev e outros (2012)) são exemplos reais encontrados em *corpora* de língua corrente. Metáforas do espanhol foram encontradas, em grande parte, no *Corpus del Español: 100 million words, 1200s-1900s* (Davies 2002), mas também no *Corpus de referencia del español actual*; Real Academia Española: Banco de datos (CREA), *Diccionario de la Lengua Española* (2001) e *Collins Spanish Dictionary* (1997). Para o inglês, o *Webster's Dictionary* (1997) e o *Concise Oxford Dictionary* (1990) foram empregados. Os exemplos suecos foram atestados no *Språkbanken* (2009), *Nationalencyklopedins ordbok* (2000) e no *Svensk ordbok* (2009). Foram usados blogs e artigos da internet para todas as três línguas, especialmente na busca de metáforas criativas.

O ponto de partida para a investigação foi fazer uma lista de todos os verbos de movimento no estudo de Zlatev e outros (2012) e encontrar os verbos espanhóis cuja semântica se sobrepunha. Basicamente, todas as possíveis expressões que expressam movimento e emoção em espanhol foram consideradas na primeira etapa. Metodologicamente, verbo a verbo, foi feita uma busca de metáforas relevantes de movimento-emoção nas várias bases de dados no material. De modo particular, as metáforas de movimento-emoção em espanhol encontradas nas páginas da internet foram cuidadosamente verificadas com base em intuições de falantes nativos, uma vez que algumas das expressões encontradas definitivamente não eram genuínas. Ao longo da comparação entre as metáforas espanholas de movimento-emoção com as do inglês e do sueco apresentadas nos dados de Zlatev e outros (2012), novas MME foram encontradas em inglês e sueco, e atestadas nos *corpora*. Com a repetição de passos e correções, foram encontradas outras expressões relevantes em todas as três línguas.

Seleção

Para delimitar o material para o estudo e para assegurar que os mesmos tipos de expressão foram selecionados nas três línguas, foram adotados os seguintes critérios:

A. A sentença na qual a MME ocorre não expressa movimento real.

Como pode ser visto, os exemplos (23-24) preenchem o critério A, uma vez que não existe uma figura que muda sua posição relativa no espaço em nenhum desses casos.

(23) Mi corazón está hundiendose.
meu coração estar.3SG.PRS afundar.GER.REFL
'Estou mergulhando numa profunda tristeza.'

(24) Her mood is rising.
dela humor estar.3SG.PRS elevar.PPRS
'O humor dela se eleva.

Por outro lado, os exemplos (25-26) não se qualificam: embora eles também expressem estados e processos emocionais dos protagonistas, também descrevem mudanças físicas no espaço físico.

(25) Happily she ran up the stairs.
alegremente ela correr.3SG.PS para cima DET.DEF degrau.PL
'Alegremente ela correu escada acima.'
(26) La mujer triste saltó a-l rio.
DET.DEF mulher triste pular.3SG.PS para-DET.DEF rio
'A triste mulher pulou no rio.'

B. A substituição da expressão de figura na MME pode levar a uma sentença de movimento real.

Como pode ser visto nos exemplos (27-28), quando a expressão de figura (e a expressão do marco, se necessário) é substituída por uma expressão que se refere a um objeto físico, a sentença se torna uma descrição do movimento real.Esse critério pode ser visto com uma especificação operacional de A.

(27) My heart is sinking. --->My boat is sinking.
meu coração estar.3SG.PRS afundar.PPRS--->meu barco estar.3SG.PRS afundar.PPRS
'Estou afundando na tristeza.' 'Meu barco está afundando.'

(28) My spirit is rising. ---> The moon is rising.
Meu ânimo estar.3SG.PRS subir.PPRS---> DET.DEF lua estar.3SG rise.PPRS
'Meu ânimo se eleva.' 'A lua está se levantando.'

C. O movimento é expresso por uma raiz verbal e não somente por um satélite ou preposição.

A sentença (29) claramente preenche esse critério, mas não o exemplo em (30). Embora o coração esteja implicitamente expresso como tendo se movido, do peito para a garganta, isso não é expresso pelo verbo.

(29) Hon sväva-r av lycka.
ela voar-3SG.PRS por felicidade.
'Ela está nas alturas de felicidade.'
(30) Jag fick hjärta-t i halsgrop-en.
Eu ter.1SG.PS coração-DET.DEF em garganta-DET.DEF.
'Eu fiquei com o coração na mão.'

D. A expressão da figura denota o ego ou uma parte do ego em uma MME. Como afirmado várias vezes, e implicado pelo critério B acima, a semântica da expressão que denota a figura, isto é, o que quer que seja apresentado "como se" em movimento em uma metáfora de movimento-emoção, é crucial para a interpretação. Expressões autorreferentes, como (31), qualificam-se claramente.

(31) Caigo en una tristeza infinita.
cair.1SG.PRS em uma tristeza infinita
'Caio numa tristeza infinita.'

Por outro lado, os exemplos (32-33) não se qualificam, uma vez que as noções de amor e medo não expressam coisa alguma que possa ser interpretada como parte do ego, mas sim as próprias emoções. Dessa forma, embora expressões como essa claramente mereçam ser estudadas, elas ficam fora do escopo dessa investigação.

(32) Se marchitó nuestro cariño.
REFLir.3SG.PS nosso amor.
'Nosso amor se foi.'
(33) Min rädsla blås-te bort.
meu medo soprar-3SG.PS embora.
'Meu medo se foi.'

E. O significado da fonte (movimento) e o do alvo (emoção) são acessíveis aos falantes.

Em (34), como sugere a possibilidade de inserção do advérbio *passionately*= 'apaixonadamente' dentro expressão idiomática *fall in love* = *apaixonar-se*, ela não está totalmente "morta". Além disso, usando a distinção entre dois tipos diferentes de "metáforas mortas", feita por Bowdle e Gentner (2005), os falantes de inglês ainda são capazes de acessar o significado de movimento e o de emoção de *fall in X*= 'cair em X', e assim percebê-la como uma MME. Por outro lado, a sentença em (35) é baseada numa prática que a maioria dos falantes não reconheceria: no caso de se cortar lenha com um machado e o conhecimento de que, se a cabeça do machado não estiver bem afixada ao cabo, ela pode facilmente sair voando.

(34) He **fell** passionately **in** love.
ele cair.3SG.PS apaixonadamente em amor
'Ele está totalmente caído de amor.'
(35) He flies right off the handle for nothing.
ele voar.3SG.PRS direto para fora DET.DEF cabo por nada
'Ele sai do sério à toa."

Classificação

Tipos de situação de movimento

Usando a taxonomia de tipos de situação de movimento descrita na Seção 3, todas as MME selecionadas nas três línguas foram classificadas como pertencendo a um dos oito tipos, *com base no seu domínio fonte.* Por exemplo, (36) é baseado em movimento "translocativo" e (37), em não "translocativo"; (38) foi classificado como movimento (metafórico) delimitado e (39), como não delimitado. O exemplo (40) é uma extensão metafórica de movimento causado, enquanto (41) baseia-se em movimento não causado.

(36) Nos puede **llevar a** engaño.
nos poder.3SG.PRSlevara engano
'Isso pode nos levar a um engano.'

(37) Estoy cansada – musitó *Anudila*, apunto de **desplomar-se**.
estar.1SG.PRScansar.PPS– murmurar.3SG.PS Anudila, a ponto de desabar-REFL
'Estou cansada – murmurou Anudila, a ponto de desabar.'

(38) Caigo **bajo** el poder de su encanto.
cair.1SG.PRS sob DET.DEF poder de seu encanto.
'Caio sob o poder de seu encanto.'

(39) Me **levanta** *el ánimo.*
REFL levantar.3SG.PRS DET.DEF ânimo.
'Isso levanta meu ânimo.'

(40) Está **transportado** de amor.
estar.3SG.PRS transportar.PPS de amor.
'Ele é levado pelo amor.'

(41) Mi corazón **se cae** a pedazos.
meu coração REFL cair.3SG.PRS a pedaço.PL.
'Minha alegria se vai.'

Tipos de Meta-língua

Zlatev e outros (2012) realizaram uma comparação entre línguas com base nas MME (para cada idioma) classificadas em tipos de situação de movimento. Isso, entretanto, não foi ideal uma vez que, em última análise, foi com base em *glosas* em inglês que a questão da sobreposição/não sobreposição semântica foi decidida. Dessa forma, o presente estudo desenvolveu um esquema de Tipos de Meta-língua (TML), como mostra a Tabela 2. Esses

tipos, escritos em VERSALETE, foram [originalmente] baseados no inglês, mas não havia qualquer exigência de que cada tipo fosse expresso por um único verbo. As MME do inglês, do sueco e do espanhol foram classificadas dentro desse esquema, permitindo-se dois subtipos para cada TML, com base na possibilidade de a figura da expressão ser o ego ou ser parte do ego.

TABELA 2 Parte do esquema de Tipo de Meta-língua, com as metáforas de movimento-emoção (MME) apresentadas como tipos de movimento em inglês, sueco e espanhol. Os números entre parênteses correspondem aos exemplos nos bancos de dados.

Trans	Limite	Causa	F=Ego	TML	Inglês	Sueco	Espanhol
1	1	0	1	FALL INTO ‘cair dentro de’	F falls into MR (1)		F cae en MR (1)
1	1	0	0	FALL INTO ‘cair dentro de’			FP cae a MR (41)
1	1	0	1	PLUNGE INTO ’mergulhar dentro de’	F plunges into MR (2)		F sumerge en MR (3)
1	1	0	0	PLUNGE INTO ’mergulhar dentro de’			
1	1	0	1	SINK INTO ’afundar dentro de’	F sinks into MR (42)	F sjunker ned i MR (36)	F hunde en MR (2)
1	1	0	0	SINK INTO ’afundar dentro de’			

1	1	0	1	FALL UNDER ’cair debaixo de’	F falls under MR (43)		F cae bajo MR (4)
1	1	0	0	FALL UNDER ’cair debaixo de’			
1	1	0	1	DISAPPEAR ’desaparecer’			
1	1	0	0	DISAPPEAR ’desaparecer’	FP disappears (44)	FP försvinner (45)	
1	1	0	1	GO AFTER ’ir atrás de’			
1	1	0	0	GO AFTER ’ir atrás de’			FP va trás MR (5)

Os números de cada tipo de MME/movimento se referem ao índice do exemplo no respectivo banco de dados da língua. Como visto na Tabela 2, a MME *falls into MR (1)*é agrupada no TML FALL INTO (‘cair dentro de’) junto de *F cae en MR (1)* do espanhol, mas não existe uma MME correspondente em sueco. Com SINK INTO (‘afundar dentro de’), vimos MME em cada língua e, em outros casos (não mostrados aqui), há várias MME correspondentes a um único TML em uma única língua. O princípio básico foi ter o mínimo possível de TML e *introduzir um tipo novo apenas quando uma distinção semântica relevante com relação a metáforas de movimento-emoção devesse ser feita.* Com a ajuda do esquema de TML, as MME das três línguas puderam ser comparadas sistematicamente. Isso foi feito no *nível de menor especificidade* – desconsiderando a distinção entre figura=ego e figura=parte do ego, ou em um *nível de maior especificidade*, comparando os TML separadamente. No nível de menor especificidade, houve 84 TML. No nível de mais especificidade, 99 TML foram atestados no esquema.

Resultados e discussão

De acordo com o método descrito na seção anterior, no total, 161 MME foram selecionadas, classificadas e analisadas nas três línguas: 54 metáforas de movimento-emoção em inglês, 48 em sueco e 59 em espanhol. Inicialmente, essas foram apresentadas separadamente por idioma. A seguir, foi mostrada e discutida a distribuição de MME de acordo com os vários parâmetros, seguida de uma avaliação das três hipóteses.

A Tabela 3 mostra as 54 MME do inglês em forma esquemática. Dessas, 36 eram baseadas em movimento causado, ao passo que 18 se baseavam em movimento não causado; 38 tinham ego como figura e menos da metade desse número, 16, tinham parte do ego como figura. Foram encontradas, selecionadas e classificadas 48 MME em sueco. Novamente, essas são mostradas esquematicamente na Tabela 4. Dessas, 18 eram baseadas em movimento não causado e 30 eram baseadas em movimento causado. Vinte e oito metáforas tinham ego como figura e 20 tinham parte do ego como figura. Cinquenta e nove MME do espanhol, mostradas na Tabela 5, foram encontradas e selecionadas. A maioria das MME espanholas foi baseada em movimento causado, perfazendo um total de 40, e 19 eram baseadas em movimento não causado; 28 tinham o ego como figura e 31 tinham parte do ego como figura.

TABELA 3. MME do inglês: F = ego é a Figura, FP=Parte do ego é a Figura; MR = Marco, A = Agente

	Movimento não causado	**Movimento causado**
+"translocativo"/ +delimitado	F falls into MR F plunges into MR F sinks into MR F falls under MR FP disappears	A moves F to MR A drives F to MR A brings F to MR A leads F to MR A gives FP to MR
+"translocativo"/ -delimitado	FP soars FP rises FP sinks FP drops FP creeps	F is downcast A pulls F A attracts F A repels F A uplifts FP A blows F away A carries F away
-"translocativo"/ +delimitado	F breaks down F explodes F breaks F collapses FP collapses FP caves in	A puts F off A throws F off feet A upsets F A shatters F A knocks F off feet A knocks F out A floors F A tears F apart A explodes F A bursts F A breaks FP A opens FP A closes FP A releases FP A captures FP

-"translocativo"/ -delimitado	F swells FP flutters	A shrinks F A presses F A moves F A shakes F A stirs F A agitates F A calms F A perturbs F A relaxes F

TABELA 4. MME do sueco: F = Ego é figura, FP = Parte do Ego é figura; MR = Marco, A = Agente

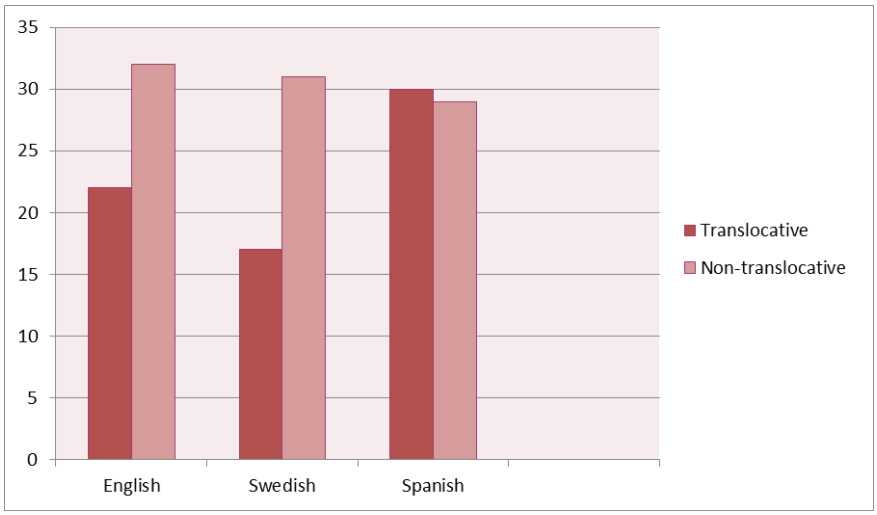
	Movimento não causado	**Movimento causado**
+"translocativo"/ +delimitado	F sjunker ned i MR FP försvinner	A driver F till MR A kastar F ner MR A rör F till MR A ger FP till MR
+"translocativo"/ -delimitado	FP stiger FP sjunker FP faller FP kryper	A trycker F ner A stöter bort F A frånstötande F A attraherar F A tilltalar F A upplyfter F A blåser bort FP
-"translocativo"/ +delimitado	F flyger i F bryter ihop F rasar ihop FP brister F exploderar	A knockar F A golvar F A sliter sönder F A exploderar F A spricker F A släpper F fri A krossar FP A knäcker FP A fångar FP A sliter FP i stycken A öppnar FP A stänger FP
-"translocativo"/ -delimitado	F svävar F sväller F kopplar av FP svajar FP går vilse FP klappar FP växer	A lugnar F A (om)skakar F A upprör F A rör F A pressar F A vacklar F A rubbar FP

TABELA 5. MME do espanhol: F = Ego é a Figura, FP = Parte do ego é a Figura; MR = Marco, A = Agente

	Movimento não causado	**Movimento causado**
+"translocativo"/ +delimitado	F cae en MR F hunde en MR F sumerge en MR F cae bajo MR FP se va trás MR FP cae a MR	A lleva F a MR A se lleva FP de MR A conduce F a MR A suma F en MR A conmueve F hasta MR A se mueve F a MR A baja F a MR A se sacude F de MR A echa F a MR A arranca FP de MR A salta FP a MR A saca FP de MR A entrega FP a MR
+"translocativo"/ -delimitado	FP sube FP se levanta FP se cae FP sale	A pone F A transporta F A arrastra F A atrae F A repele F A levanta FP A sale FP
-"translocativo"/ +delimitado	F revienta F se desploma FP se rompe	A destroza F A revienta F A abate F A rompe FP A parte FP A cierra FP a MR A abre FP a MR A vuelve F loco A estalla FP A aplasta F
-"translocativo"/ -delimitado	FP se agita FP se encoge FP aletea FP palpita FP vibra FP hincha	A hincha F A calma F A presiona F A sacude FP A perturbe FP A sosega FP A comprime FP A crece FP A relaja F A conmueve FP

As seguintes tendências puderam ser observadas. Com relação ao parâmetro Causa, ocorreram duas vezes mais MME baseadas em movimento causado que em movimento não causado (106 x 55). O parâmetro Delimitação apresentou uma distribuição mais equilibrada (86 delimitado x 75 não delimitado). Os três idiomas são muito similares nas distribuições com relação a esses dois parâmetros. Para o terceiro parâmetro, entretanto, houve uma diferença: no total, 92 MME foram metáforas de movimento não "translocativo" contra 69 metáforas de movimento "translocativo". Aqui, o suecoe o inglês diferiram do espanhol, com mais instâncias de movimento não "translocativo", enquanto o espanhol teve uma distribuição bastante equilibrada, como ilustrado na FIGURA 1.

FIGURA 1. Distribuição de MME baseada em movimento "translocativo" x movimento não "translocativo" em inglês, sueco e espanhol.



A primeira hipótese (*Universalidade*) previa que deveria haver considerável sobreposição entre as três línguas, com base na universalidade das metáforas conceituais primárias. A teoria subjacente a essa hipótese (Grady, 1997; Lakoff e Johnson, 1999) se aplica ao nível conceitual e não faz qualquer distinção no nível das expressões linguísticas. Assim, essa hipótese só foi avaliada no nível mais esquemático, isto é, sem levar em conta se a figura correspondia ao ego ou a parte do ego. 22 TML foram representados por MME em todas as três línguas. A Tabela 6 mostra 17 TML, agrupando 56 MME, categorizadas por aquilo que pode ser considerado como metáforas primárias na primeira coluna.

TABELA 6. MME atestadas com exemplos em todos os três idiomas, com metáforas primárias hipotéticas.

Metáforas primárias	**TML**	**Inglês**	**Sueco**	**Espanhol**
MENTE É CORPO	CALM X - 'acalmar X'	calms F	lugnar F	calma F sosegaFP
FELIZ É PARA CIMA	RISE – 'subir'	FP rises	FP stiger	FP sube
	LIFT X UP – 'erguer X'	F is uplifted	F upplyfts	levanta FP
TRISTE É PARA BAIXO	FALL/DROP – 'cair'	FP drops	FP faller	FP se cae
	SINK INTO – 'afundarem'	F sinks into MR	F sjunker ned i MR	F hunde en MR
DESEJO É ATRAÇÃO	ATTRACT X – 'atrair X'	attract F	attraherar F tilldragande F	atrae F
DESAGRADOÉ REPULSA	REPEL X – 'repelir X'	repels F	stöter bort F är frånstötande F	repele F
DESCONFORTO É PRESSÃO	PRESS X – 'pressionar X'	presses F	pressar F	presiona F
	STIR X – 'mexer X'	stirs F	upprör F	conmueve FP
INQUIETAÇÃO É COMOÇÃO	SHAKE X – 'agitar X'	shakes F	(om)skakar F	sacude FP
SOFRIMENTO É DESTRUIÇÃO	TEAR X APART – 'despedaçar X'	tears F apart	slitersönder F	destroza F
	CRUSH X – 'esmagar X'	shatters F	krossar FP	aplasta F
	BREAK X – 'quebrar X'	breaks FP	knäcker FP	rompe FP parte FP
	BREAK – 'quebrar'	FP breaks	FP brister	FP se rompe
	BREAK DOWN – 'desabar'	F breaks down F collapses	F rasarihop	F se desploma
	EXPLODE X – 'explodir X'	explodes F	exploderar F	estalla FP
	BURST X – 'arrebentar X'	bursts F	spricker F	revienta F

Assim, existe uma considerável sistematicidade, com contrastes PARA CIMA/PARA BAIXO, ATRAIR/REPELIR, e emoções cada vez mais negativas, com forma mais intensa de (comoção e) movimento. Entretanto, a existência de MME para todas as três línguas no mesmo TML nem sempre indicou uma experiência corpórea (possivelmente) universal, mas, em vez disso, sugeriu motivações mais específicas de cada cultura. As MME na Tabela 7 são desse tipo. ABRIR/FECHAR e DAR podem ser ações humanas universais, mas

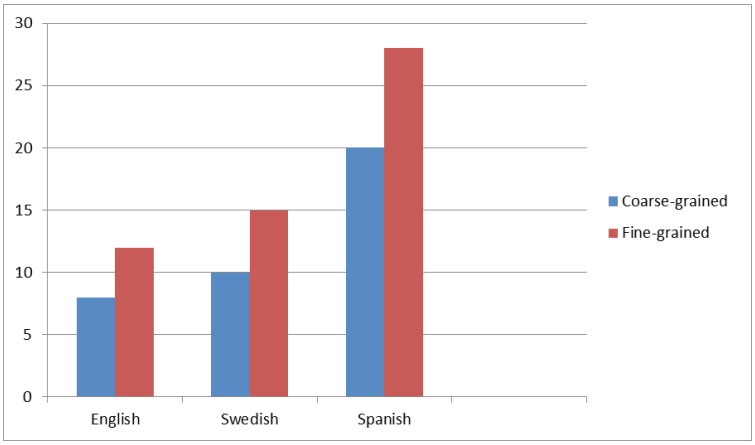
aquilo que as respectivas metáforas envolvem são sempre partes do corpo (acima de tudo: “coração”) que somente fazem sentido dentro de certos modelos culturais. Os dois últimos casos envolvem o ego como figura, mas seria contraintuitivo propor metáforas primárias correspondentes, como FELICIDADE É TAMANHO MAIOR.

Tabela 7. MME atestadas com exemplos em todos os três idiomas, com metáforas motivadas culturalmente.

“Metáforas motivadas culturalmente”	**TML**	**Inglês**	**Sueco**	**Espanhol**
ABRIR/FECHAR PARTE DO CORPO	OPEN X – ‘abrir X’	open FP	öppnar FP	abre FP
	CLOSE X - ‘fechar X’	closes FP	stänger FP	cierra FP
DAR PARTE DO CORPO PARA	GIVE X TO - ‘dar X para’	gives FP to MR	skänker FP till MR	entrega FP a MR
CONDUZIR FIGURA A TRISTEZA/ FELICIDADE	MOVE X TO – ‘mover X para’	moves F to MR	rör F till MR	se mueve F a MR
AUMENTAR EM TAMANHO	SWELL - ‘inchar-se’	F swells	F sväller	FP hincha

A segunda hipótese (*Metáforas discursivas*) previa que deveria haver muitas MME que são específicas para cada uma das três línguas, sem correspondência nas outras duas línguas. Uma vez que essa é uma previsão feita a partir da perspectiva das metáforas discursivas (Zinken 2007), ela é motivada para atestar sua validade tanto no nível de menos especificidade quanto no de mais especificidade, ou seja, fazendo ou não distinção entre as figuras que sejam ego e as que sejam parte do ego. A Figura 2 mostra a distribuição de metáforas específicas de idiomas nas três línguas.

FIGURA 2. Metáforas específicas por língua, em inglês, sueco e espanhol, nos níveis de menos especificidade = '*coarse-grained*' (azul) e de mais especificidade = '*fine-grained*' (vermelho).



No nível de menos especificidade, o inglês apresentou a número menor de MME específicas (=8), seguido pelo sueco (=10) e, então, houve um salto muito mais extenso para o espanhol (=20). No nível de mais especificidade, a diferença entre inglês e sueco foi semelhante ao nível de menos especificidade (12e 15 respectivamente), enquanto o espanhol foi novamente quase o dobro (=28). Quando as metáforas de mais especificidade, próprias de cada idioma, foram analisadas mais profundamente, descobriu-se que os números foram os mesmos para o caso da Figura = Ego (8 no inglês, 8 no sueco, 8 no espanhol). Por outro lado, para a Figura = parte do Ego, as diferenças entre inglês (=4), e sueco (=7), de um lado, e espanhol (=20) foram notáveis. Exemplos de MME específicas são estes em (42-44).

(42) His bad manners **put** *me* **off**.
seu.MASC.PL mau modo.PL colocar.3PL.PRS me para longe
'Os maus modos dele me tiraram a motivação.'

(43) *Hans humör* **svajar** på ett oberäkneligt sätt.
Seu.MASC humor balança.3SG.PRS em um imprevisível modo
'O humor dele oscila de modo imprevisível.'

(44) *Mi corazón* se **fue** **trás** de tí.
meu coração REFLir.3SG.PS atrás de você
'Meu coração seguiu você.'

Em síntese, a existência de metáforas específicas por línguas e metáforas que, pelo menos, não se sobrepõem, nas três línguas, dá algum suporte à segunda hipótese. Entretanto, essas foram em menor número que as MME que se sobrepuseram com uma ou as duas outras línguas.

A terceira hipótese (*Interacionismo*) previa certo grau de sobreposição entre as três línguas, com a maior parte da sobreposição ocorrendo entre o inglês e o sueco, que são mais próximas nas perspectivas genealógica, geográfica e tipológica. Esperava-se menos sobreposição entre inglês e espanhol, mas, ainda assim, mais que entre suecoe espanhol, devido ao maior contato entre o inglês e as línguas românicas. Do mesmo modo que com a segunda hipótese, essa hipótese foi avaliada nos dois níveis. A comparação foi feita exclusivamente usando o esquema TML. No nível de menos especificidade, o inglês foi representado por 52 TML, o sueco, por 45 e o espanhol por 55. Ao contrário do esperado, a sobreposição foi tão forte entre inglês e espanhol (33TML compartilhados)como entre inglês e sueco (33TML compartilhados). Como esperado, a sobreposição entre espanhol e sueco foi a menor (24 TML). Quando analisados de um modo geral no nível de maior especificidade, os resultados foram semelhantes. A sobreposição mais forte se deu entre inglês e sueco (29TML), mas seguida de muito perto por inglês e espanhol (26) e consideravelmente menos entre sueco e espanhol (17).

Em síntese, em linha com a hipótese, a sobreposição em MME entre o sueco e o espanhol foi a menor, mas a sobreposição entre o inglês e o espanhol foi maior que o previsto, basicamente nos mesmos níveis que aqueles entre o inglês e o sueco. Entretanto, quando essas descobertas são combinadas com a análise das metáforas específicas de cada língua (Figura1), o espanhol de fato aparece como mais distinto do inglês e do sueco, os quais são mais próximos um do outro.

Conclusões

O resultado da análise das MME em inglês, sueco e espanhol demonstrou que existem consideráveis semelhanças e diferenças. Vistas como um todo, as descobertas sustentam parcialmente todas as três hipóteses e suas respectivas teorias. A sobreposição em alguns casos de metáforas primárias hipotéticas sustenta a ideia de que metáforas linguísticas têm motivação pré-linguística e que experiências corpóreas dão origem a esquemas imagéticos básicos e mapeamentos (analógicos) entre domínios da experiência. Entretanto, essas MME com sobreposição total formaram uma minoria.

Olhando-se para as diferenças, do total de 161 MME, descobriu-se que 55eram específicas de cada uma das três línguas. Essa tendência foi mais forte no espanhol (48%), seguido pelo sueco (31%) e inglês (22 %). Essa descoberta sustenta a ideia de que pelo menos algumas expressões metafóricas surgem de práticas discursivas específicas de cada cultura, como alega, por exemplo, Zinken (2007). E também dá credibilidade à ideia de que (alguns) conceitos de emoção são construções sociais e culturais.

Considerando as semelhanças e diferenças juntas, descobriu-se que o sueco compartilha o menor número de MME com o espanhol, como era esperado a partir de uma perspectiva interacionista. O fato de a sobreposição entre inglês e sueco ser quase a mesma que entre inglês e espanhol foi bastante surpreendente. A razão para isso pode ser um efeito maior que o esperado da interação *cultural*. Os intensos contatos de comércio e de guerra entre a Inglaterra e as culturas românicas, e a Espanha em particular, podem ser responsáveis por isso. Entretanto, houve evidência de que, com relação a vários fatores (como o número de metáforas específicas de cada língua), o espanhol é o "atípico" entre os três idiomas. Foi a única das três línguas com números semelhantes para os dois tipos de figuras: 28 (ego) x 29 (parte do ego). Entre as deste último tipo, 21 envolviam *corazón* ('coração'); 4 *espíritu/ánimo* ('ânimo'), 1 *humor* ('humor), 1 *pecho* ('peito), 1 *lágrimas* ('lágrimas') e 1 *demonios* ('demônios'). Um fator cultural possivelmente em jogo aqui poderia ser a influência de várias tradições religiosas. A Igreja Católica emprega uma linguagem altamente metafórica, em que "coração" assume um papel central, como na devoção ao *Sagrado Coração* em referência ao coração de Jesus como uma representação de seu divino amor pela humanidade. Por outro lado, a Igreja Protestante é conhecida por sua prática e linguagem bem mais com os pés no chão.

Considerados em conjunto, os vários resultados de semelhanças e diferenças entre as três línguas sustentam amplamente uma versão estendida da visão interacionista mantida por Zlatev e outros (2012): interação entre consciência e uso da língua, e interação entre culturas, de modo que quanto maior a proximidade genealógica e geográfica entre as línguas, maior a sobreposição a ser esperada entre as metáforas. Em tal explicação interacionista das metáforas de movimento-emoção, espera-se que muitos possíveis fatores relacionados à cognição, cultura, história, contatos e práticas discursivas tenham um efeito. Por essa razão, ainda outros estudos comparativos são necessários para nos trazer *insights* sobre a natureza dessas interações complexas.

Referências

Blomberg, J.,& Zlatev, J. (2014). Actual and non-actual motion: Why experientialist semantics needs phenomenology (and vice versa). *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 13(3), 395-418
Bowdle, B.&Gentner, D. (2005). The career of metaphor. Psychological Review112, 1,193-216.

Cameron, L. (1996). Discourse context and the development of metaphor in children. Current Issues In Language and Society, 3(1), 49 - 64.
Elfenbein, H.A. & Ambadi, N. (2002). On the universality and cultural specificity of emotion recognition: A meta-analysis. Psychological Bulletin, 128,2, 233 - 235.

Gibbs, R. (2013). Does Conceptual metaphor emerge from metaphoric language? Journal of Cognitive Science 14: 319-334.

Grady, J. (1997). *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes.* Unpublished doctoral dissertation, University of California, Berkeley.

Heider, K. (1991). *Landscapes of Emotion: Mapping Three Cultures of emotion in Indonesia.* Cambridge: Cambridge University Press.

Jacobsson, G. (2015). *Motion-emotion metaphors in English, Swedish and Spanish: A cross-linguistic comparison. (*Bachelor thesis. Lund University, Lund, Sweden). Retrieved fromhttp://lup.lub.lu.se/student-papers/record/7454588

Johnson, C. (1997). Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy: the case of see. In: Hiraga, M.K., Sinha, C., Wilcox, S. (Eds.), *Cultural, Typological and Psychological Perspectives in Cognitive Linguistics.* Amsterdam: John Benjamins.
Johnson, M. (1987). *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason.* Chicago: University of Chicago Press.

Kövecses,Z. (2000). *Metaphor and Emotion, Language, Culture and Body in Human Feeling*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kövecses, Z., Palmer, G. B., &Dirven, R. (2002). Language and emotion: The interplay of conceptualisation with physiology and culture. In Dirven, R. and Pörings, R. (Editors). *Metaphor and Metonomy in Comparison and Contrast.* Berlin: Mouton de Gruyter.

Lakoff, G.,& Johnson, M. (2003 [1980]). *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.

Lakoff, G.,& Johnson, M. (1999).*Philosophy in the flesh. The embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books.

Lakoff, G.,& Turner, M. (1989). *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.

Langacker, R. W. (1990). *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.

Lima, P.L.C. (2006). About Primary Metaphors. *D.E.L.T.A., 22: Especial*, 109 -122.

Romero Lauro, L.J., Mattavelli, G., Papagno, C.,& Tettamanti, M. (2013). She runs, the road runs, my mind runs, bad blood runs between us: Literal and figurative motion verbs: An fMRI study. *NeuroImage* 83, 361-371.

Sanford, D. (2012). Metaphors are conceptual schemata that are emergent over tokens of use. *Journal of Cognitive Science*, 13, 211-235.

Talmy, L. (2000). *Toward a Cognitive Semantics, Vol. 1*. Cambridge: MIT Press.

Zinken, J. (2007). Discourse metaphors: The link between figurative language and habitual analogies. *Cognitive Linguistics* 18–3, 445–466.

Zlatev,J. (2011). From cognitive to integral linguistics and back again. *Intellectica*, 56: 125-147.

Zlatev, J., Blomberg, J., & David, C.(2010).Translocation, language and the categorization of experience. In Evans, V., & Chilton, P. (Eds.) *Language, Cognition, and Space : the state of the art and new directions.* London: Equinox Publishing.

Zlatev, J., Blomberg, J., & Magnusson, U. (2012). Metaphor and subjective experience: A study of motion- emotion metaphors in English, Swedish, Bulgarian, and Thai. In A. Foolen, U. Lüdtke, T. Racine & J. Zlatev (Eds). *Moving Ourselves, moving Others: Motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language*. Amsterdam: Benjamins.

Simone Belli

VOZES DE NOVOS FALANTES, VOZES DE NOVAS SUBJETIVIDADES. EMOÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA VIRADA PÓS-COLONIAL

Vozes de novos falantes, vozes de novas subjetividades. Emoções e atitudes Linguísticas na virada pós-colonial[1]

Simone BELLI
Tradução de Ana Lúcia Esteves

1. Introdução

A Comunicação Intercultural é um fenômeno complexo no qual estão imbricados fatores de distinta natureza; por isso, seu estudo demanda abordagens interdisciplinares, incluindo a Sociolinguística, a Psicologia Social e os Estudos Sociais das Emoções. Trata-se de um fenômeno que não é facilmente percebido, uma vez que fazer com que os falantes sejam conscientes dos diferentes usos comunicativos pode levar a que seja produzido justamente o efeito que se pretende combater e sejam feitas simplificações e generalizações, gerando preconceitos linguísticos e discriminações.

Segundo as teorias da virada pós-colonial, um número incontável de emoções emerge nos novos falantes, tanto a partir de suas atitudes quanto no momento em que expressam suas competências linguísticas (PENNYCOOK, 2010). Tais emoções se imbricam nos processos de subjetivização e se estabelecem em cada relação com o que a vida cotidiana apresenta aos novos falantes e aos não novos. Ter uma atitude agressiva ou estar chateado, por exemplo, são emoções que se manifestam constantemente na comunicação intercultural. No presente trabalho, são analisadas as subjetividades que os novos falantes expressam e de que maneira suas emoções influem na qualidade de construções sociais, ou seja, estabelecemos uma correlação entre emoções e atitudes linguísticas dos novos falantes. Dessa forma, será possível compreender como o valor atribuído à competência dos novos falantes influi nos processos de

1 Trabalho publicado originalmente em Espanhol em: BELLI, S. Voces de nuevos hablantes, voces de nuevas subjetividades: Emociones y actitudes lingüísticas en el giro poscolonial. **Aposta Digital.** n. 56, Enero, Febrero y Marzo, 2013.

subjetivização e em sua integração e participação ativa na sociedade. O objetivo final deste trabalho é, justamente, mostrar a complexidade das situações comunicativas multilíngues, e como as emoções se ligam estreitamente às práticas dos novos falantes em seu meio social.

Como pesquisadores, o que nos preocupa são as atitudes linguísticas que mantemos como falantes e que se tornam visíveis na comunicação entre diferentes culturas. Essas atitudes estão estreitamente ligadas a nossas emoções. Sem elas, a construção da relação entre língua e subjetividade careceria de um componente fundamental das práticas sociais entre os "novos falantes" e os falantes locais. Não seria igualmente viável aproximar-nos do estudo dos preconceitos, estereótipos, atitudes e construções identitárias sem levar em consideração seus componentes emocionais. As emoções entendidas como "*mettre* quelque chose en *commun*" [colocar algo em comum] (LARSSON, 2005) com outras pessoas, são algo fundamental em nossas relações cotidianas com o Outro. Distanciados de concepções binárias (isto é, seguindo a diferenciação entre emoção e razão weberiana) e de restrições terminológicas (sentimento, afeto, emoção etc.), não procuramos definir o que são as emoções, mas sim entender como elas funcionam e que efeitos possuem sobre os indivíduos (AHMED, 2004).

De acordo com Harré (1986), as emoções sempre estiveram associadas a características negativas do indivíduo, como a irracionalidade, o instinto ou a irresponsabilidade. Trata-se, com frequência, de associações com estereótipos negativos de determinados grupos considerados como fracos ou dominados, como as mulheres, as minorias étnicas, as crianças e os pobres.

A construção dessas novas subjetividades através das emoções se configura por diferenciação, comparação e inclusão de normas sociais, como demonstra uma série de trabalhos recentes sobre o medo, o ódio e o terror, nos quais emoções, como o medo e a ansiedade, são empregadas para governar os indivíduos (Adams et al. 2009) ou para justificar episódios de violência (McELHINNY 2003). Tais emoções são expressas através de episódios de xenofobia, racismo, sexismo, ou antissemitismo, que vêm sendo estudados como produto de situações de conflito ou violência (ARMSTRONG, 1997; EVALDSOON, 2005; MORRISH, 1997; O'CONNOR, 1995).

2. Objeto de estudo

Em nosso recente estudo etnográfico sobre multilinguismo na sala de aula[2], foram realizadas observações sobre o programa linguístico educativo de

imersão em língua espanhola para recém-chegados, as denominadas *Aulas de Enlace* (Salas de Aula de Acolhida), implementado na Comunidade de Madri. Tal programa mostra, de forma evidente, a relação entre a impossibilidade de um novo falante se expressar corretamente em um idioma e o mal-estar gerado em suas práticas sociais, que se transforma em incompreensões por parte de quem o escuta e que, muitas vezes, dá lugar a sentimentos de incômodo, chateação, frustração, raiva ou medo: medo de falar uma língua que não se conhece perfeitamente; medo que se manifesta ao viajar para um país onde não se fala a língua local. O medo de se relacionar com os outros é o que, muitas vezes, faz com que os "novos" falantes se calem, pois não podem dizer o que querem dizer, gerando mal estar e mal entendidos em sua situação de interação.

Não é possível falar de processos de subjetivização sem levar em conta as emoções e as atitudes linguísticas. Sem as emoções, não existe relação (BELLI, HARRÉ e IÑIGUEZ, 2009) e a comunicação intercultural passa despercebida; quando a comunicação entre os falantes não flui com facilidade, ou não são compartilhados os mesmos valores culturais, surgem os mal entendidos, que são considerados como erro, produto da falta de cooperação ou, então, explicados como diferenças de natureza cultural (MARTÍN ROJO, 2011).

O material analisado integra oito entrevistas a quatro alunos, realizadas em semestres distintos do mesmo ano letivo (dezembro e junho)*. O número dos participantes em cada entrevista está reduzido a dois (entrevistador-entrevistado), ainda que, em alguns momentos, esteja presente uma terceira pessoa (a professora). Esses alunos são estudantes estrangeiros que não possuem nacionalidade espanhola e participam do programa de educação linguística que oferece a Comunidade de Madri** denominado *Aula de enlace*. O programa se baseia na aprendizagem do espanhol como segunda língua para estudantes recém-chegados que não conhecem a língua principal de instrução.

2 "Escola e multilinguismo: um estudo sociolinguístico crítico dos programas de educação linguística na Comunidade de Madri" HUM2007-64694/FILO. Pesquisadora responsável pelo projeto: Luisa Martín Rojo, Universidade Autônoma de Madri.

A atmosfera psicossocial na qual foram realizadas as entrevistas gerou, na sala de aula, uma interação verbal de tipo formal. Embora a entrevistadora procurasse manter uma conversa de tipo informal com o aluno, isso se tornava impossível devido ao contexto em que era desenvolvida a entrevista: a escola. Com efeito, os alunos se encontravam em um ambiente institucional com a presença da figura do professor.

Os papéis dos participantes são claramente assimétricos: por um lado, está quem entrevista e, pelo outro, a pessoa entrevistada. Quem entrevista é o responsável por iniciar a interação, por perguntar e decidir quando termina a entrevista. A pessoa entrevistada tem a responsabilidade de fornecer a informação que constitui o conteúdo básico da entrevista. A estrutura básica é de pergunta-resposta. Trata-se de uma entrevista com roteiro em aberto, dinâmico e flexível. A extensão dos turnos costuma ser desequilibrada: a pessoa entrevistada fala mais do que aquela que entrevista, exceto em algumas situações, que podem ser consideradas anômalas, nas quais quem entrevista fala mais do que o habitual neste tipo de situação.

Três dos quatro indivíduos entrevistados, Suad, Fátima e Nádia, possuem em comum quase que a mesma experiência migratória: viajaram do Marrocos para a Espanha com sua família e moram em bairros onde a presença do imigrante é elevada. O quarto entrevistado, Omar, mora em uma residência em Madri e veio sozinho para a Espanha, aos 13 anos, sem estar acompanhado dos pais ou de parentes. As entrevistadoras são pesquisadoras pertencentes ao grupo MIRCo[3].

Este objeto de estudo permite examinar como funcionam certas instituições e de que maneira é possível melhorar o aspecto intercultural, compreendendo estes centros escolares não como produtos fixos e estáveis da sociedade, mas sim como processos formativos e em formação (WILLIAMS, 1977), nos quais o foco emocional se centra na distinção entre o formal, o explícito e as crenças ideológicas. Os sentimentos não são opostos à ideologia, mas, ao contrário, são constitutivos da própria ideologia (EAGLETON, 1991).

3. Metodologia

A abordagem teórica e metodológica para analisar essas entrevistas se centrou nos processos emocional-identitários. A partir de uma clara

3 Grupo de pesquisa MIRCo (Multilinguismo, Identidades Sociais, Relações Interculturais e Comunicação), coordenado por Luisa Martín Rojo. Site oficial: http://www.ffil.uam.es/mirco/index.php

perspectiva psicossocial e perpassando os estudos sociais das emoções e da Comunicação Intercultural, foram analisados os dados segundo os objetivos da investigação. Cumpre especificar que, nesse contexto, se considera a linguagem como um meio fundamental para a socialização (SCHIEFFELIN e OCHS, 1986) e as interações comunicativas como contextos primordiais para a socialização de valores, ideologias, crenças e expectativas culturais (KULICK e SCHIEFFELIN, 2004). Tais ideias são afins com as dimensões linguístico-comunicativa, psicossocial e social da comunicação intercultural (MARTÍN ROJO, 1994).

Graças à análise das entrevistas, foi possível compreender quais são os processos identitários e quais são as emoções que emergem nas práticas cotidianas (positivas ou negativas, expressas ou ocultas). O procedimento de análise foi articulado da seguinte maneira:

a) análise das representações discursivas dos novos falantes e seus processos de construção identitária. O foco central escolhido foram os mecanismos geradores de identidade, tanto objetivadores como subjetivadores, e sua relação com os usos linguísticos, cobrindo quatro pontos, a saber:

1) escolha de uma determinada língua ou variante linguística e alternância de códigos;

2) estratégias discursivas;

3) estratégias argumentativas (como, por exemplo, a polarização entre “Nós”/“Eles”);

4) recursos linguísticos e suas formas de autodesignação.

a) Essas quatro características possibilitam entender como os novos falantes se situam discursivamente e constroem sua identidade na sociedade, engendrando o que se define como mecanismos geradores de identidade, divididos entre objetivadores e subjetivadores. Os primeiros têm a ver com a delimitação e a atribuição de traços. Os segundos se referem aos processos de identificação ou de recusa por parte dos novos falantes com relação à sociedade de acolhida. Esta divisão permite estudar as estratégias discursivas e argumentativas dos novos falantes: por exemplo, a elaboração de um discurso comum diante do discurso dos outros e a polarização entre “nós”/“eles”.

b) Os processos subjetivadores são aqueles que interessam, sobremaneira, ao estudo das emoções e se manifestam através da recusa e da identificação. Esses dois processos têm a ver com a inclusão social e linguística dos novos falantes e a recusa (ou identificação) da imagem e dos traços atribuídos ao grupo por outros grupos (uma construção de uma imagem negativa do "eles", por exemplo). Também podem ser observados na diferenciação linguística (não adoção de outras línguas) e na recusa (ou identificação) das normas e estilos de vida dos outros.

Na seção a seguir, dedicada à análise, serão citados, naturalmente, somente os fragmentos mais representativos do total de excertos analisados, com a finalidade de estudar os processos de subjetivização dos novos falantes e suas expressões emocionais, de acordo com o modelo de análise do discurso aqui proposto.

4. Análise: Nós x Eu

Uma das perguntas fundamentais quando se realiza uma investigação no âmbito da Comunicação Intercultural é, sem dúvida alguma, acerca do Outro: Quem é o Outro? Como ele se define? (BELLI; LÓPEZ; ROMANO, 2008). O presente estudo procura analisar os discursos desse Outro, entender o que ele diz e como o diz.

Os discursos produzidos pelos quatro "novos" falantes (Fátima, Nádia, Suad e Omar) estão distribuídos, principalmente, em dois grupos.

Primeiro grupo - Fátima e Nádia: Duas alunas que compartilham pontos de vista comuns e utilizam o *nós* como estratégia argumentativa.
Segundo grupo - Suad e Omar: ao contrário das duas primeiras, esses dois alunos fazem emergir em seus relatos o *eu* como estratégia argumentativa.

Essa distinção, com base em como se definem os novos falantes, constitui um primeiro nível de análise e está relacionada com as novas subjetividades emergentes. Um segundo nível de análise está constituído pelas emoções a que as novas subjetividades emprestam uma voz. Dessa maneira, as emoções expressas são diferentes, compartilhadas e comuns, no primeiro caso (Fátima e Nádia), e individuais e subjetivas no segundo caso (Suad e Omar). Nas seguintes subseções, pode-se observar como tal distinção se torna visível no momento da fala.

4.1 "Nós": Fátima e Nádia

Excerto 1

Entrevistadora: bueno // a ver Fátima / te quiero preguntar qué tal / cómo te encuentras ahora en el instituto //
Entrevistadora: bom // vamos lá, Fátima / quero saber como você está / como você está se sentindo agora na escola //
Fátima: bien //
Fátima: bem //

Entrevistadora: ¿comparado con el principio? //
Entrevistadora: comparando com quando você chegou aqui? //

Fátima: más mejor // este año más mejor //
Fátima: **melhor** // este ano **melhor** //

Entrevistadora: ¿mucho mejor? //
Entrevistadora: **muito melhor?** //

Fátima: sí //
Fátima: **sim** //

Entrevistadora: ¿por qué? //
Entrevistadora: por quê? //
Fátima: porque hablo más español
Fátima: porque falo mais espanhol
Entrevistadora: sí //
Entrevistadora: isso //
Fátima: entiendo más //
Fátima: entendo mais //
Entrevistadora: ¿crees que es importante entonces hablar español para poder sentirte
mejor? //
Entrevistadora: então, você acha que é importante falar español para poder **se sentir melhor**?//

Fátima: sí //
Fátima: **sim** //
Entrevistadora: si no / ¿te sientes mal? //
Entrevistadora: se não / **você se sente mal?** //
Fátima: {Riendo} mal //
Fátima: {Rindo} **mal** //
Entrevistadora: ¿muy mal? // ¿sí? // [bueno]
Entrevistadora: **muito mal?** // **não é?** // [mesmo]

Fátima: *[sí]*
Fátima: [é]

Nos relatos da aluna Fátima, dificilmente emerge sua identidade como nova falante; apenas com a ajuda da entrevistadora, a entrevistada começa a falar na primeira pessoa. Somente "acompanhada" pode se expressar dessa forma. Em toda a entrevista se refere a si mesma com um nós, indicando seu grupo endógeno familiar ou cultural. No excerto 1, é possível observar, pela primeira vez em seu relato, a emergência de algumas emoções bem definidas. Sentir-se bem, melhor, e não tão mal como no ano anterior é algo que ela tem dificuldade para expressar. Esse algo não sai de forma espontânea, é sempre necessário que a entrevistadora lhe dirija perguntas específicas, introduzindo, assim, seu estado emocional atual. Suas emoções parecem ocultas na normalidade, estado no qual ninguém lhe pergunta insistentemente como ela se sente ou deixa de se sentir. Parece que essas emoções não encontram uma voz que seja capaz de expressá-las na vida cotidiana da falante.

Podemos levantar a hipótese de que, graças à ajuda recebida por meio de perguntas oportunas, a aluna pode expressar de maneira mais individualizada, suas emoções, claramente de modo não espontâneo. Faz-se necessário o auxílio de outra pessoa, a entrevistadora nesse caso, senão tais emoções se escondem e não se permite que elas sejam socializadas. Uma pessoa especializada em temas de Comunicação Intercultural, como pode ser o caso de uma professora com alunos imigrantes, deveria levar em conta o importante papel que desempenham as emoções nos processos de subjetivização.

Na entrevista de Nádia, ao contrário da de Fátima, foi possível observar um mecanismo subjetivador que permite estudar tais emoções. Em nenhum momento da entrevista de Fátima, ela constrói a sua própria identidade a partir de uma enunciação do tipo "eu sou":

Excerto 2
Nadia: yo soy la primera de la clase
Nádia: **eu sou a primeira** da classe

Laura: ¿ah / sí? / ¿y qué dabais allí?
Laura: ah / é mesmo? / e o que você aprendia lá?

Nadia: sí / es que mi padre enseñaba mucho / es que mi padre sabe
Nádia: é / é porque o meu pai ensina muitas coisas / porque o meu pai conhece

Laura: del Corán
Laura: o Corão

Nadia: sí / por eso yo soy la primera de la clase
Nádia: é, isso mesmo / por isso **eu sou** a primeira da classe

Laura: hum
Laura: humm

Nadia: cuando vea que algo / no tengo suerte contigo / yo / en la clase yo soy más mm /
que alumnos / que otros
Nadia: cuando vea que algo / no tengo suerte contigo / yo / en la clase **yo soy** más mm / que alumnos / que otros

Laura: en la clase de / de religión
Laura: en la clase de / de religión

Nadia: sí
Nadia: sim

Laura: ¿y qué te gus- qué hacíais en clase de religión? / leer el Corán
Laura: e o que você gos- o que vocês faziam na aula de religião? / ler o Corão

Nadia: yy / no solo leemos
Nadia: é, / não lemos apenas

Laura: y lo explicáis
Laura: vocês explicam o Corão

Nadia: eso es / sí / luego cuando te va en clase / yo iba / sin libro
Nadia: é isso mesmo / sim/ e depois a você vai na aula / eu ia / sem o livro

Laura: memorizar
Laura: memorizar

Excerto 3
Nadia: Yo soy hija de // Soy la mayor de mis hermanas
Nádia: Eu **sou filha de** // **Sou a mais velha** das minhas irmãs

A subjetividade nessa estudante emerge somente em relação a seu grupo endógeno familiar ou escolar. “Eu sou” sempre se manifesta em relação a um grupo ou uma pessoa. “Eu sou” aparece também em relação a seu processo migratório. Se anteriormente era possível encontrar a nova subjetividade do novo falante segundo suas emoções expressas, agora a nova subjetividade precisa de outra estratégia discursiva para ser observada. Trata-se, nesse caso, de uma estratégia discursiva que permite identificar um mecanismo subjetivador que se refere ao momento de vida anterior ao processo migratório da nova falante. Somente no Marrocos era

possível ver o sujeito, o indivíduo em um contexto determinado. A "velha" subjetividade corresponde a sua vida anterior ao processo migratório, e a "nova" subjetividade, a sua inserção na Comunidade de Madri. A religião é um aspecto fundamental que permite comparar, na instância do novo falante, sua velha subjetividade com a nova: o Alcorão era ensinado em sua antiga escola, agora nas aulas de acolhida já não o é mais. Sua nova subjetividade deve se enfrentar com essa nova condição. Se antes a leitura do Alcorão era o núcleo central da classe de religião, agora essa prática habitual da antiga subjetividade mudou. Nos excertos, encontra-se uma narração contínua com relação ao tipo de educação que se transmitia em seu país de origem. Somente lá, Nádia e Fátima expressavam sua condição de sujeitos legítimos através do enunciado "eu sou". Ao buscar nos excertos sob que condições aparece este "eu sou", é possível observar como a entrevistada narra e se lembra de algum aspecto em particular daquela experiência de sua vida passada, anterior a seu processo migratório. Em seu novo país, ainda não encontrou esta subjetividade ao se expressar. Sem ela, torna-se difícil perceber tais emoções de maneira explícita nestas entrevistas, pois não é permitida sua emergência. Em seu lugar, as entrevistadas constroem discursivamente uma nova subjetividade, coletiva, que as identifica com o grupo de pertencimento (família, bairro, etc.). Com a ajuda da entrevistadora, é possível emergir algum aspecto emocional, uma maneira de expressar esses sentimentos que, muitas vezes, estão ligados a emoções negativas e presentes na comunicação intercultural, sob a forma de emoções ocultas, silenciadas.

Sempre em relação à identidade étnica e religiosa, a entrevistada faz emergir o respeito e a obediência à autoridade, em particular à figura do pai. A figura paterna e a da família em geral representam para a entrevistada o núcleo central no qual se baseia toda sua experiência passada.

Excerto 4

Nadia: [el] lunes tenemos una fiesta
Nádia: [na] segunda-feira vamos ter uma festa
Laura: el jueves
Laura: na quinta-feira
Nadia: el lunes
Nádia: na segunda
Laura: ¿este lunes?
Laura: nesta segunda?
Nadia: sí
Nádia: sim

Laura: ¿este lunes tenéis una fiesta?
Laura: nesta segunda vocês têm uma festa?
Profesora: no
Professora: não
Nadia: no / nosotros
Nádia: não / **nós**
Laura: AH / vale / o sea en tu casa
Laura: AH / ok / então é na sua casa
Nadia: [síí]
Nádia: [siiimmm]
Laura: [ah] / vale / nada nada // y / ¿y qué vais a hacer?
Laura: [ah] / tá bem / entendido // e / o que vocês **vão** fazer?
Nadia: & fiesta de cordero
Nádia: & festa de cordeiro

Foram destacados em negrito os tempos verbais e os sujeitos que praticam a ação para ajudar a identificar a estratégia discursiva utilizada por Nádia ao explicar suas práticas culturais na vida diária, por exemplo, quando descreve a festa do cordeiro. Para explicar os mecanismos construtores deste evento, Nádia se vale da primeira pessoa do plural (nós). Com o "nós", Nádia se refere à família, explicando o que habitualmente se faz em "sua" festa e em "sua" casa com a família. "Nossas festas", a Festa do Cordeiro, por exemplo, se contrapõem às "Festas de Vocês", o Natal. Esta é uma estratégia argumentativa que permite analisar a polarização entre nossas festas e as festas de vocês. Abordar o tema das festas é um recurso linguístico para explicar elementos de sua subjetividade pertencente ao processo migratório anterior, isto é, não estou falando das festas da Espanha, mas sim das do Marrocos. O estudo destas novas subjetividades se faz sempre a partir das vozes que esses novos falantes fazem emergir. É uma estratégia argumentativa que utiliza a polarização "Nós"/"Vocês" para diferenciar o grupo endógeno do grupo exógeno. Serve para estabelecer uma relação que, em muitos casos, é conflitiva, entre o indivíduo e a sociedade de acolhida. Veremos como é que, a partir dessa relação, são geradas as novas subjetividades na sala de aula.

Excerto 5

Laura: ¿y qué vas a hacer el lunes en la fiesta del cordero? / ¿qué vais a hacer?
Laura: o **que você vai fazer na segunda-feira na festa do cordeiro?** / o **que vocês vão fazer**?

Nadia: primero / um // llevamos la ropa nueva / y jugamos / y cantamos / y rezamos también

Nádia: primeiro / hum // **colocamos** roupa nova / e **brincamos** / e **cantamos** / e **rezamos** também
Laura: también
Laura: também

Nadia: y // mucho / y luego comemos / ¿sabes (())?
Nádia: é // muito / e depois **comemos** / sabe? (())?
Laura: ¿cómo es?
Laura: e como é?

Nadia: / ¿sabes (())?
Nádia: / você quer saber (())?

Laura: sí
Laura: sim

Nadia: hacemos el carne o eso
Nádia: **preparamos** a carne ou o que for prá comer

Laura: (())
Laura: (())
Nadia: sí (())
Nádia: sim (())

Laura: ahá
Laura: aham

Nadia: eso es muy importante de la fiesta / todo
Nádia: isso **é muito importante na festa** / tudo isso

Laura: hahá
Laura: háháhá

Nadia: primero eso / me gusta mucho / y luego hay / le va toda la familia o amigos
(()
Nádia: primeiro isso / **eu gosto muito** / e depois tem / **vai todo mundo, a família toda ou amigos** (())

Segundo García-Sánchez (2010), a identidade marroquina corresponde à identidade islamita, na qual emerge o “nós” mais do que o “eu”. Na opinião da autora, o “nós” surge da comunidade de pertencimento, por um lado, e, por outro, da obediência à autoridade, que pode se manifestar em Deus, ou sob a autoridade de uma figura masculina da comunidade que, na família, seria representada pelo pai ou pelo irmão. Por esse motivo, as duas meninas entrevistadas, Fátima e Nádia, utilizam em seus relatos a estratégia discursiva do “nós” , mencionando continuamente a importância de sua própria comunidade, de sua família e de seu pai.

O nós aparece sempre quando se trata de falar da família e das próprias tradições. A entrevistadora, no início do excerto 5, altera sua forma de tratamento para com a entrevistada: de um indivíduo para um representante de um coletivo. A entrevistadora modifica a pergunta “o que você vai fazer” para “o que vocês vão fazer”. Como foi mencionado anteriormente, os mecanismos subjetivadores dessa identidade empregam estratégias discursivas e argumentativas que lhes permitem dar voz a sua cultura de origem, abordando aspectos relacionados à religião e ao folclore; apenas dessa maneira é possível manifestar sua subjetividade, a antiga, aquela que se encontra em processo de mudança ou perda, para passar a uma nova subjetividade, que se caracteriza pelo novo idioma falado e pela cultura adquirida. Fátima e Nádia estão em fase de diferenciação entre o grupo endógeno e o exógeno, onde o primeiro está representado pela cultura de Origem e o segundo, pela sociedade de acolhida. É possível identificar no relato de Nádia como o grupo endógeno emerge a partir de uma série de atividades que são realizadas em conjunto: brincamos, cantamos, rezamos, comemos e preparamos.

É possível entender essas estratégias discursivas e argumentativas e os recursos temáticos que Nádia e Fátima empregam como componentes de uma nova subjetividade emergente na sociedade moderna oriental, de acordo com Abu Lughod e Lutz (1990). Em seu estudo sobre meninas japonesas, a linguagem das alunas é categorizada como aquela de sujeitos que relatam intimidades, gostos individuais para o consumo, estratégias argumentativas e discursivas sobre amores românticos, amizades e, sobretudo, conexões com a família e o País de origem. Outro estudo nessa mesma linha de análise é o de Ramaswamy (1997) sobre as mães do Sul da Índia, que fazem emergir continuamente narrativas emocionais em contextos familiares. Graças a essas narrativas, torna-se possível re-crear e representar as identidades nacionais (étnicas, religiosa, etc.) ou outras formas de subjetividades relacionadas à etapa anterior ao processo migratório. Tenta-se reproduzir outra forma de subjetivização, alternativa ou subversiva à atual e, em muitos casos, anulando-se o próprio sujeito (McELHINNY, 2010).

4.2 “Eu”: Suad e Omar

As entrevistas realizadas com Suad e Omar, outros dois alunos das salas de aula de acolhida são, por diversas razões, completamente diferentes.

Excerto 6

Suad: bien pero, algunos días, claro, algunos días me enfado, con ellos. Algunos días
querían quitarme el pañuelo pero yo me enfadaré con él y ya está

Suad: bem, mas, algumas vezes, é lógico, alguns dias, **eu fico irritado com eles.** Alguns dias eles queriam arrancar o meu lenço da cabeça, mas **eu vou ficar irritado com ele** e, pronto.

Em uma situação extrema e de violência simbólica e real (arrancar o lenço), Suad age e faz emergir sua identidade em primeira pessoa. Ao contrário das duas alunas entrevistadas anteriormente, Suad faz aflorar essas emoções que estão enraizadas no indivíduo e surge a voz de uma menina irritada ou de uma menina contente. Suad manifesta a emergência desses estados emocionais de uma forma muito direta. Sua nova subjetividade emerge no conflito através de uma estratégia argumentativa do tipo Eu/eles, uma polarização entre Ela e Ele. O lenço, que caracteriza sua identidade étnica/religiosa (GARCÍA-SUÁREZ, 2010), é a chave para que suas emoções possam sair de seu corpo e se tornar realidade. Ele é o motivo para que ela possa, finalmente, dizer "eu", uma tomada de posição tão esperada e tão importante para sua subjetividade e seu bem estar individual. Uma voz, um grito que aflora e anuncia para todo o mundo "Eu sou Suad".

Excerto 7

Suad: sí // y / y- / mm / el día que vinimos aquí en España estaba muy / muy / muy
contenta //
Suad: é // e / e- / mm / **no dia que viemos aqui para a Espanha estava muito/ muito / muito contente** //

Entrevistadora: no me lo creo //{Ríen}
Entrevistadora: não acredito nisso //{As duas riem}

Suad: te lo juro // estaba muy contenta //
Suad: te juro // **estava muito contente** //

Entrevistadora: ¿sí? //
Entrevistadora: é? //
Suad: y / luego entramos en Cañada [3] no me ha gustado //
Suad: e / depois chegamos em Cañada[4] e eu não gostei //
Entrevistadora: ah //
Entrevistadora: ah //

4 Povoado de Cañada Real Galiana, situado ao longo de 15 quilômetros na saída de Madri e habitado por 30.000 pessoas, em sua maioria, marroquinos e romenos.

Suad: yo digo / ¿esto es España? // {Ríen} pero como- / eh / Cañada por abajo yo no
quería (( )) yo no lo- / no lo pensaba que / yo pensaba que es España así {Ríe} // pero /
pero luego- / eh / cuando entro aquí en este instituto no- / mm / cómo / no es así que- /
ay madre //
Suad: eu falei / é isso que é a Espanha? // {As duas riem} mas como- / é / de Cañada para baixo **eu não queria** (( )) eu não - / **não achava isso , não achava que** / eu pensaba que a Espanha é assim {Risos} // mas / mas depois- / é / quando entro aqui nesta escola não- / mm / como / não é assim que- / ah, minha mãe //

Entrevistadora: mm // o sea que ahora no está tan mal la Cañada //
Entrevistadora: mm // ou seja que agora Cañada não está tão ruim //

Suad: sí // al principio pensaba que estaba mala pero ahora no //
(…)¿y entonces ahora estás contenta aquí? //
Suad: é // no começo eu achava que estava ruim mas agora não //
(…)então agora você está contente aqui? //

Suad: sí / estoy contenta //
Suad: sim /**estou contente** //

Entrevistadora: mejor / más- / ¿estás más contenta ahora que cuando llegaste? // ¿o
igual? // ¿te vas sintiendo mejor? //
Entrevistadora: muito bom / mas- / você está mais contente agora do que quando chegou? // ou a mesma coisa? // você está se sentindo melhor?//

Suad: sí //
Suad: estou //

Entrevistadora: poco a poco //
Entrevistadora: pouco a pouco //

Suad: poco a poco //
Suad: pouco a pouco //

Excerto 8

Suad: no // es que algunas veces me enfado porque / uf / cada minuto y minuto un
ejercicio muy difícil que empezar // al principio tienes que coger el diccionario / buscar
la pregunta / pero ahora no / no parece como al principio //
Suad: não // é que em alguns momentos **eu me irrito** porque / uf / a cada minuto e minuto um exercício muito difícil para começar // no princípio você tem que pegar o dicionário/ procurar pela pergunta / mas agora não / não é como no princípio //

Entrevistadora: mm
Entrevistadora: humm

Suad: principio me aburro y es que no sé qué es
Suad: **princípio eu fico chateada** porque eu não sei o que é

A entrevistada manifesta continuamente seus estados emocionais com expressões diretas e simples em primeira pessoa. Ela fica irritada, se chateia, está contente e sempre percorre um trajeto espaço/temporal entre sua situação atual e a anterior. Em seus relatos, emerge esse novo sujeito que, após ter chegado a um novo contexto, faz ligações entre o que ela achava que ia encontrar e o que encontrou (estava muito contente/eu não queria/não achava isso/estou contente), entre suas expectativas como nova falante e sua experiência como novo sujeito. Suad cumpriu uma trajetória não apenas territorial, mas também experiencial e discursiva, que lhe permitiu conseguir compreender-se como uma nova falante, um novo sujeito neste novo contexto.

Excerto 9

Suad: Me gusta como soy
Suad: **Eu gosto de ser como eu sou**

Neste excerto, é possível encontrar o ato performativo por excelência, segundo Paolo Virno (2003), um indivíduo que expressa seu estado de sujeito, eu sou. Esse ato não possui nenhuma ligação com “eu estou”, relacionado a uma situação passageira de um novo falante que ocupa um novo espaço, mas sim, pelo contrário, um novo falante que se reconhece como sujeito e falante legítimo na sociedade de acolhida, que deixa, então, de ser de acolhida para se transformar em um contexto atual e legítimo. Um espaço mutante, que não representa simplesmente o lugar onde chegou (Cañada), mas outro contexto, outra forma de entender o espaço e outra forma de ocupá-lo através de seu relato emocional e seus recursos linguísticos. Mediante a utilização dessas estratégias discursivas, é possível para Suad entender como sua situação de nova falante mudou entre sua antiga subjetividade e a nova. Na análise desses três excertos (7-8-9), emerge uma voz que deseja nos falar: “Eu sou Suad e ocupo este espaço porque ele me pertence como falante e sujeito legitimo”. A identidade étnica/religiosa de jovem marroquina, que apareceu nas entrevistas de Fátima e Nádia, também exerce um papel muito importante na vida de Suad, como vimos anteriormente no excerto sobre o lenço na cabeça. Ao contrário de suas duas colegas, Suad não está impedida de construir uma nova subjetividade para si própria que lhe permita transitar de seu antigo contexto para o novo,

sem nenhuma necessidade de recusar ou esquecer seu passado, mas sim lutando para que sua voz seja reconhecida e legitimada na nova sociedade de pertencimento.

No excerto 9, ela não apenas realiza um ato performativo, mas também um ato político como uma nova falante legítima.

Segundo Harré (1986), ao longo da história das Ciências Sociais, o aspecto emocional quase sempre esteve falsamente relacionado a determinadas categorias sociais, como mulheres ou crianças, porque se pensava que expressar emoções era um atributo majoritariamente exclusivo desses coletivos. Não gostaríamos de incorrer aqui nessa equivocada atribuição de gênero. Como se pode apreciar nos seguintes fragmentos da entrevista realizada com Omar, o fenômeno contrário parece suceder. O aluno pertencente ao gênero masculino parece ser aquele que é mais expressivo em termos emocionais.

Na entrevista a seguir, não há nenhuma referência a uma identidade étnica ou religiosa como acontecia nas anteriores. Esse fator depende também da história de vida diferente de Omar com relação à de suas três colegas de escola. Como foi mencionado anteriormente, ele chegou sozinho à Espanha, após uma longa e turbulenta jornada, deixando sua família de origem no Marrocos, para buscar uma nova vida ali.

Excerto 10

Esther: ¿echas de menos a tu madre? //
Esther: você sente saudades de sua mãe? //

Omar: ¿yo? //
Omar: eu? //

Esther: ¿un poco? //
Esther: nem um pouco? //

Omar: (claro) //
Omar: (**claro**)º //

Esther: claro //.
Esther: é, claro //

O tom de voz com que Omar expressa estas palavras é muito baixo, frouxo, parece que uma voz sai espontaneamente dele, de seu interior mais íntimo. Sua identidade étnica/religiosa, ele a deixou lá, no Marrocos, junto de sua

família. Quando fala de sua mãe, parece deixar aflorar o menino que ele traz dentro de si. Embora possamos considerá-lo um menino pela idade que tem (12 anos), sua trajetória de vida é muito diferente da de seus contemporâneos. A entrevistadora se surpreende quando Omar no excerto 10 diz que sente saudades de sua mãe com esse tom de voz.

Excerto 11

Entrevistadora: y / y / ¿y q- / ¿tú qué te gust- / cómo te imaginas la vida dentro de diez
años? // ¿aq- / aquí / en Marruecos? // ¿a- / vas a estudiar? // ¿tú que qui- / cómo lo ves?
Entrevistadora: e / e / e que- / do que você gost- / como você imagina sua vida daqui a dez anos? // ¿aq- / aqui / no Marrocos? // ¿a- / você vai estudar? // o que você qu- / como você vê seu futuro?

Omar: no sé / yo me veo que voy a estar aquí / y / ¿sabes? // no sé // aquí / po / voy a
casarme
Omar: não sei / eu vejo, acho que vou ficar aqui / e / quer saber? // não sei // aqui / pode / **vou me casar**

Entrevistadora: ¿te vas a casar? // ¿con quién / con una española?
Entrevistadora: você vai se casar? // com quem / com uma espanhola?

Omar: sí
Omar: é

Entrevistadora: ¿tienes novia ya?
Esther: você tem uma namorada?

Omar: ahora no // tenía
Omar: agora não// tinha

Entrevistadora: ¿y te gustaría casarte con una española entonces?
Esther: e então você gostaria de casar com uma espanhola?

Omar: [sí]
Omar: [gostaria]

Entrevistadora: [¿o] con una marroquí?
Esther: [ou] com uma marroquina?

Omar: con una española
Omar: **com uma espanhola**

Entrevistadora: ¿y tienes familia? // ¿tener familia / hijos / quieres tener?
Entrevistadora: você tem uma família? // ter uma família / filhos / você quer ter?

Omar: claro // y un cochazo {Entrevistadora ríe}
Omar: quero // **e um carrão** {Esther ri}

Entrevistadora: y un cochazo grande
Entrevistadora: e um carrão bem grande

Omar: no / grande no / pequeño pero &
Omar: **não / grande não / pequeno mas** &

Entrevistadora: pero [cochazo]
Entrevistadora: mas [um carrão]

Omar: [rápido] que te cagas
Omar: **[rápido] super, super rápido**

Omar quer se casar com uma espanhola (Suad disse em sua entrevista que preferia se casar com um marroquino), o que reflete as diferenças entre a preferência de Suad, uma jovem marroquina residente na Espanha, e a de Omar, um menino marroquino sem família. Nesse relato de Omar, vemos que ele já não se comporta em termos de uma identidade étnica ou religiosa anterior a seu processo migratório. Sua identidade o aproxima à de qualquer adolescente espanhol. Sua vontade de comprar um "carrão" remete ao consumo emocional, isto é, à compra de um objeto para se sentir integrado na sociedade em que vive. Omar com o desejo de um "carrão pequeno, mas rápido, super, super rápido", realiza uma performance emocional que lhe permite se sentir e se definir como um adolescente espanhol qualquer (BELLI e GIL, 2011). "A cidadania se realiza primariamente através de atos de liberdade e de escolhas responsáveis entre uma variedade de práticas privadas, corporativas, ou quase públicas, do trabalho até à compra" (ROSE, 1999, p.xxiii).

Essa análise trabalha com níveis mais individualizados. O primeiro deles é o que se constitui pela relação entre o indivíduo e as emoções efetivamente expressas. Fátima e Nádia escondem suas emoções e, como foi mencionado, seus relatos aparecem sem sujeito, ou melhor, neles não se percebe uma clara tomada de posição do sujeito quando fala de si mesmo.

Muito diferente é a entrevista de Suad, na qual se percebe um processo de subjetivização, sobretudo quando se refere a sua identidade étnica ou religiosa. As emoções, dessa forma, afloram espontaneamente e não se escondem. Tal e como acontece na entrevista com Omar, com a diferença de que sua identidade corresponde àquela de um típico adolescente espanhol e em nenhum momento se caracteriza por seu processo migratório ou sua identidade étnica ou religiosa, como no caso de Suad.

São engendradas novas subjetividades nesses novos falantes que estão ligadas a diferentes fatores. Um fator é o tempo: o antes e o depois do processo migratório. Outro é a língua: seu uso e a aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Trata-se de dois momentos distintos que influem continuamente no processo de subjetivização dos novos falantes. Nos processos de subjetivização que foram examinados nesta seção de análise, foi possível compreender como tais processos são sempre sociais, integrando o processo de aprendizagem de uma língua e de aquisição de competências linguísticas.

5. Um olhar pós-colonial sobre as novas subjetividades na comunicação intercultural

Quando abordamos afetos e novas subjetividades em contextos interculturais, devemos sempre considerar que as interações globais entre os indivíduos se realizam no seio de processos sócio- históricos frequentemente negligenciados. No terreno da comunicação intercultural, parte-se de uma comparação inicial, entre uma cultura e "outra". Com frequência, se compara a própria cultura de pertencimento com a de acolhida (LYON, 1995). Estudar os contextos sociais das emoções nos permite proceder a uma comparação o mais transcultural possível (STEARNS, 1993).

Rose (1999), citando Foucault, sugere que precisamos traçar "em formas concretas e materiais, a história atual dessas formas de racionalidade para compreender nosso presente, as maneiras de pensar e atualizar as práticas, para compreendermos a nós mesmos e aos demais, no presente" (p. x).
As novas subjetividades são geradas graças aos afetos, "uma circulação de emoções entre indivíduos" (RICHARD e RUDNYCKYJ, p.69).

Uma perspectiva pós-colonial complica e amplia o ponto de vista de Rose ao analisar como a atenção dada aos afetos está inspirada nas regras coloniais e de violência, ansiedade e desejo com relação à derrocada imperial, e a sequência dos efeitos em curso no império evidencia uma migração global que flui e incrementa as metrópoles multiculturais, instalando-se nos estados coloniais e pós-coloniais (AHMED 2004; CÉSAIRE, 1972; FANON, 1967; GILROY, 2005; MCELHINNY, 2010; MEMMI, 1965; STOLER, 2005).

McElhinny (2007a) considera que as formas do neoliberalismo e da globalização estão levando à criação de novas subjetividades para toda a cidadania, incluindo os estudantes. Essas novas subjetividades são peças integrais na forma como se lida com as emoções, de acordo com Hochschild (1983).

Existe uma diferença de gênero nessas entrevistas que nos faz refletir sobre a situação da categoria mulheres e sua identidade. Relembrando os estudos da era pós-colonial de Kingfisher (2007) na Nova Zelândia, percebemos como a identidade de mães, mulheres pobres, trabalhadoras, sempre está condicionada por pressões implícitas ou explícitas na direção de um casamento heterossexual. Observa-se o perigo que as entrevistadas correm agindo dessa maneira, graças às dinâmicas que se realizam na sala de aula de acolhida. As dinâmicas sociais podem provocar uma construção de subjetividades baseadas em identidades de mulheres pobres, trabalhadoras de perfil inferior, que têm que se casar e que não podem se considerar como sujeitos independentes.

As emoções negativas, como o ódio ou a raiva, estão estreitamente relacionadas com emoções duráveis como o amor ou a compaixão (McELHINNY, 2010). Essas permitem o surgimento em um determinado contexto, em nosso caso a sala de aula, de um reforço da superioridade dos professores. São justificadas, assim, as intervenções do professorado em outras vidas, nesse caso a dos estudantes, como são frequentes intervenções coloniais, imperiais, não governamentais e internacionais, e em profissões relacionadas ao cuidado, como o serviço social, a enfermagem e, também, o ensino (BERLANT, 2004; CHOULIARAKI, 2004; THOBANI, 2007).

As novas subjetividades estão relacionadas a aspectos políticos e educacionais no contexto espanhol, reproduzindo identidades nacional/ étnica e religiosas no espaço desterritorializado da diáspora imigrante marroquina (GARCÍA-SÁNCHEZ, 2010).

A tensão entre homogeneização cultural e heterogeneização cultural ligada aos temores da absorção cultural das minorias políticas por parte das políticas dominantes com as quais interagem (Appadurai, 2002) caracteriza estas novas identidades formadas por diversidades linguísticas, culturais e religiosas.

Essas novas subjetividades possuem a habilidade para construir e manter uma continuidade e uma coerência entre a identidade étnica e outros aspectos da identidade social (GARCÍA-SÁNCHEZ, 2010).

A socialização entre esses meninos e meninas está continuamente relacionada à linguagem da socialização e à linguagem ideológica, entre a identidade nacional e a vernacular para se identificarem a si próprios e aos outros, em termos de categorias grupais culturais ou étnicas (FRIEDMAN, 2006).

6. Conclusões

O estudo realizado no interior do programa “Aula de Enlace” (Salas de Aula de Acolhida) da Comunidade de Madri contribuiu para a compreensão de que existem duas maneiras distintas de expressar as emoções na sala de aula. Na maioria das vezes, tais emoções podem ser categorizadas como negativas (frustração, irritação, aborrecimento, etc.), um claro sintoma de um mal estar social. Os alunos, dependendo de seu grau de subjetivização, as expressam de forma explícita ou as escondem. Exteriorizar o aborrecimento ou a irritação, por exemplo, são práticas sociais que se acham estreitamente ligadas aos processos identitários do sujeito. Por exemplo, a partir dos dados fornecidos pelas etnografias, foi possível compreender como os indivíduos expressam seu mal estar através de uma linguagem, às vezes muito explícita e, outras vezes, oculta ou expressa de forma alternativa ou subversiva. Pode-se, assim, afirmar que existe uma relação entre as emoções e os mecanismos subjetivadores geradores de identidade.

Sem o estudo das emoções nesses processos identitários, a comunicação intercultural passa despercebida. Quando a comunicação entre os falantes não flui ou não se compartilham os mesmos valores culturais, produz-se um mal estar sob a forma de mal entendidos que são vistos como erro, resultado da falta de cooperação ou de diferenças culturais (MARTÍN ROJO, 2010).

Esse mal estar não permite a integração das línguas da imigração. Apenas parece existir um único espaço onde se impõem a língua local e um determinado uso dessa língua (por exemplo, as diferentes variantes do castelhano da Espanha e da América Latina na Comunidade de Madri). Consequentemente, esse fenômeno afeta as relações sociais. Parece pertinente prosseguir com a investigação do estudo das emoções nessas relações sociais. Configura-se como algo fundamental estudar os processos psicossociais e emocionais que caracterizam tais relações, enriquecendo, desta maneira, a disciplina da Comunicação Intercultural.

Pode-se concluir afirmando que existe uma relação entre os processos sócio-identitários e as emoções dos novos falantes (maior grau de subjetivização → emoções expressas; menor grau de subjetivização → emoções ocultas, ou expressas de maneira subversiva ou alternativa).

A complexidade das situações comunicativas multilíngues que influem nos processos identitários dos “novos” falantes se torna visível apenas quando levamos em conta o papel que as emoções desempenham na linguagem e, mais concretamente, nas práticas linguísticas. Cumpre, igualmente, assinalar o impacto destas práticas linguísticas, centrando-nos nos efeitos que elas apresentam nas relações sociais em termos de inclusão ou exclusão e nos processos identitários. Tais práticas linguísticas são sempre sociais, já que somente nas relações sociais se tornam visíveis através da linguagem e, por essa razão, estão estreitamente ligadas a nossas emoções. Em sua ausência, a construção da relação entre língua e identidade perderia um componente fundamental das práticas sociais entre “novos falantes” e sociedade de acolhida. Não seria tampouco viável aproximar-nos do estudo dos processos identitários e de inclusão e exclusão social sem examinar essas emoções, emoções entendidas como “mettre quelque chose en commun” (colocar algo em comum) com os demais, algo fundamental nas práticas cotidianas, e que determinam a relação ou o conflito entre o “novo falante” e a sociedade de acolhida.

Para entender os contextos de comunidades multilinguísticas e multiculturais, faz-se necessário levar em consideração os fatores que analisamos ao longo do presente artigo. Na sala de aula, como em qualquer outro contexto social, os meninos e as meninas que são os novos falantes têm que negociar a comunidade de pertencimento (BRUBAKER e COOPER, 2000). Assim, devem colocar em relação múltiplos níveis de vigilância e de práticas para fortalecer os nexos entre o grupo endógeno e o exógeno por parte de membros da sociedade de pertencimento e daquela de acolhida.

Tem sido proposto um enriquecimento da Comunicação Intercultural, enfocando seu estudo na relação entre os processos identitários e seus mecanismos subjetivadores e, como consequência, na divisão entre emoções positivas ou emoções negativas e emoções expressas ou ocultas. Podemos, igualmente, em uma perspectiva crítica, compreender algumas práticas cotidianas que refletem situações de racismo ou exclusão entre os novos falantes e a sociedade de acolhida, mecanismos geradores do mal estar atual que afeta este mundo instável e em movimento.

Pelas razões expostas ao longo deste trabalho, um especialista no âmbito da Comunicação Intercultural no domínio educacional deve levar em consideração o papel que desempenham as emoções nos processos de subjetivização engendrados entre os novos falantes. Nessa investigação,

foi demonstrado como o papel dos professores que atuam nas salas de aula de acolhida tem que responder a uma sensibilização diante desses temas, de modo a permitir ao aluno imigrante “exteriorizar” seu eu, o que lhe possibilitará se expressar e dizer “Eu sou” na sociedade de acolhida atual e, não simplesmente, “eu estou” ocupando este lugar.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, L., LUTZ, C. Introduction: Emotion, discourse and the politics of everyday life. In: C. LUTZ & L. ABU-LUGHOD (Eds.), **Emotion, discourse and the politics of everyday life.** Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press,1990, p. 1-23.

ADAMS, V., MURPHY, M., CLARKE, A. Anticipation: technoscience, life, affect, temporality. **Subjectivity**, n. 28, p. 246-265, 2009.

AHMED, S. **The cultural politics of emotion**. Edinburgh: Edinburgh Univ. Press, 2004.

APPADURAI, A. Disjuncture and difference across contexts. In J. INDA & R. ROSALDO (Eds.), **The anthropology of globalization**. Malde, MA: Blackwell Publishing Ltd, 2002.

ARMSTRONG, J. Homophobic slang as coercive discourse among college students. In LIVIA, A. e HALL, K. (Eds.), **Queerly phrased:** language, gender and sexuality (pp. 326-334). Oxford: Oxford Univ. Press. 1997.

BELLI, S.; GÍL, A. Llorar delante de una pantalla plana. Emociones compartidas en un locutorio. **Barataria**, v.12, p.137-150, 2011.

BELL, S.; HARRÉ, R.; ÍÑIGUEZ, L. Emociones en la tecnociencia: la performance de la velocidad. **Prisma Social**, n.3, p.1-41, 2009.

BELLI, S.; FELIU, J.; GIL, A.; LÓPEZ, C. Educación y sexualidad en las nuevas tecnologías de la información y la comunicación. Sexo y emociones delante de una pantalla plana. **Revista Transatlántica de Educación**, n.6, p.103-115, 2009.

CÉSAIRE, A. **Discourse on colonialism**. New York: Mon. Rev. Press, 1972.

EAGLETON, T. **Ideology**. London: Longman, 1991.

EVALDSSON, A. Staging insults and mobilizing categorizations in a multiethnic peer group. **Discourse Soc**., n.16, p.763-786, 2005.

FANON, F**. Black skin, white masks**. New York: Grove, 1967.

FRIEDMAN, D. **(Re)Imagining the nation:** language socialization in Ukranian classroms. Unpublished Ph.D. Dissertation: University of California, Los Angeles, 2006.

GARCÍA-SÁNCHEZ, I. The politics of Arabic language education: Morrocan immigrant children's language socialization into ethnic and religious identities. **Linguistics and education,** n.21, p.171-196, 2010.

GILROY, P. **Postcolonial melancholia.** New York: Columbia Univ. Press, 2005.

HARRÉ, R. **The social construction of emotion.** Oxford, UK: Blackwell, 1986.

HOCHSCHILD, A. **The managed heart:** commercialization of human feeling. Berkeley: Univ. Calif. Press, 1983.

KUIPERS, J. **Language, identity and marginality Indonesia**: the changing natural of ritual speech on the Island of Sumba. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1998.

KULICK, D. Gay and lesbian language. **Annu. Rev. Anthropol**, n.29, p.243-285, 2000.

LARSSON, B. **Le bon sens commun.** Lund: Lund Univ. Press, 1997.

LYON, M. Missing emotion: the limitations of cultural constructionism in the study of emotion. **Cult. Anthropol.** n.10, v.2, p.244-63, 1995.

MARTÍN ROJO, L. Discourse and School. In: WODAK, RUTH et al. (Eds.), **Handbook of Sociolinguistics.** Londres: Sage, 2010, p. 345-360.

MARTÍN ROJO, L. Jargon of delinquients and the study of conversational dynamics. **Journal of Pragmatics***,* n.21, v.3, p.243-289, 1994.

MEMMI, A. **The colonizer and the colonized***.* Boston: Beacon, 1965.

McELHINNY, B. Fearful, forceful agents of the law: ideologies about language and gender in pólice officers' narratives about the use of psysical force. **Pragmatics***,* n. 13, v. 2, p. 253-84, 2003.

McELHINNY, B. Language, gender and economies in global transitions: provocative and provoking questions about how gender is articulated. In: McELHINNY, B. *et al*. (Eds.) **Words, worlds, material girls**: language and gender in a global economy. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 1-38.

McELHINNY, B. The audacity of affect: Gender, Race, and History in linguistics accounts of legitimacy and belonging. **Annu. Rev. Anthropol***.* n.39, p.309-328, 2010.

MORRISH, L. "Falling short of God's ideal": public discourse about lesbians and gays. In: LIVIA A.; HALL K. (Eds.) **Queerly** phrased: language, gender and sexuality**.** Oxford: Oxford Univ. Press, 1997, p. 334-368.

O'CONNOR, P. Discourse of violence. **Discourse Soc***.* n.6, p.309-318, 1995.

PENNYCOOK, A. **Language as a local practice.** London, UK: Routledge, 2010.

RAMASWAMY, S. **Passions of the tongue**: language devotion in Tamil India 1891-1970*.* Berkeley: Univ. Calif. Press, 1997.

RICHARD, A.; RUDNYCKYJ, D. Economies of affect. *J. R.* **Anthropol. Inst.** n.15, p.57-77, 2009.

ROSE, N. **Governing the soul**: the shaping of the private self. 2 ed. London: Free Assoc., 1999.

SCHIEFFELIN, B. B.; OCHS, E. Language socialization. **Annual Review of Anthropology**, n.15, p.163-191, 1986.

STEARNS, P. History of emotions: the issue of change. In: LEWIS M.; HAVILAND, Y J. (Eds.), **Handbook of emotions**. New York: Guilford, 1993, p.17-28.

STOLER, A. Affective states. In: NUGENT, D.; VICENT, Y J. (Eds.), **A companion to the Anthropology of politics**. Oxford: Blackwell, 2005, p. 4-20.

VIRNO, P. **Gramática de la multitud.** Madrid: Traficantes de sueños, 2003.

WILLIAMS, R. **Marxism and literature.** Oxford: Oxford Univ. Press, 1977.
HARRÉ, R. **The social construction of emotion.** Oxford, UK: Blackwell, 1986.

HOCHSCHILD, A. **The managed heart:** commercialization of human feeling. Berkeley: Univ. Calif. Press, 1983.

KUIPERS, J. **Language, identity and marginality Indonesia**: the changing natural of ritual speech on the Island of Sumba. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press, 1998.

KULICK, D. Gay and lesbian language. **Annu. Rev. Anthropol**, n.29, p.243-285, 2000.

LARSSON, B. **Le bon sens commun.** Lund: Lund Univ. Press, 1997.

LYON, M. Missing emotion: the limitations of cultural constructionism in the study of emotion. **Cult. Anthropol.** n.10, v.2, p.244-63, 1995.

MARTÍN ROJO, L. Discourse and School. In: WODAK, RUTH et al. (Eds.), **Handbook of Sociolinguistics.** Londres: Sage, 2010, p. 345-360.

MARTÍN ROJO, L. Jargon of delinquients and the study of conversational dynamics. **Journal of Pragmatics**, n.21, v.3, p.243-289, 1994.

MEMMI, A. **The colonizer and the colonized**. Boston: Beacon, 1965.

McELHINNY, B. Fearful, forceful agents of the law: ideologies about language and gender in pólice officers' narratives about the use of psysical force. **Pragmatics**, n. 13, v. 2, p. 253-84, 2003.

McELHINNY, B. Language, gender and economies in global transitions: provocative and provoking questions about how gender is articulated. In: McELHINNY, B. *et al*. (Eds.) **Words, worlds, material girls**: language and gender in a global economy. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 1-38.

Vânia de Morais Ribeiro e Hugo Mari

EMOÇÃO E COGNIÇÃO: O DESAFIO DO ESTUDO DE UM CASO CLÍNICO

Emoção e cognição: o desafio do estudo de um caso clínico[1]

Vânia Lúcia de Morais RIBEIRO
Hugo MARI

1. Introdução

Este estudo representa um esforço no sentido de construir uma compreensão do papel das emoções no processo de produção de sentidos que se realiza na interação entre terapeuta e paciente. Este é um trabalho que demanda uma abordagem que vá além das fronteiras disciplinares, um desafio que enfrentamos articulando lentes teóricas que se ocupam da compreensão do papel das emoções nos processos humanos de significação nos campos da Psicologia e da Linguística, em especial da Semiótica Cognitiva.

Os estudos da Semiótica Cognitiva têm buscado "capturar a natureza dinâmica do significado", - investigando os processos de construção de sentidos, desde aqueles que acontecem no cérebro e na experiência consciente do indivíduo, até as co-construções realizadas em díades, grupos, culturas e ambientes – enfatizando seu caráter relacional, ou seja, o princípio de que "o significado não está dentro dos cérebros, mentes, grupos ou comunidades, mas resulta de processos de interação entre *self*/ outro/ mundo" (ZLATEV, 2012 p. 17).

A proposta deste artigo é analisar a transcrição de uma sessão de psicoterapia com foco nas maneiras como as emoções participam das operações linguístico-cognitivas que estão subjacentes à emergência de novos sentidos. A análise das operações mentais realizadas pelos interlocutores no fluxo do discurso está sustentada pelo enquadramento teórico do modelo semiótico-cognitivo da integração conceptual e pelo modelo da Arquitetura Mental do Sentido propostos por Per Aage Brandt (2004, 2010, 2012), pesquisador do campo da Semiótica Cognitiva. A abordagem dos processos relativos às emoções se sustenta nos estudos do neurocientista Antônio Damásio (1996, 2000) e do psicólogo Nico Frijda (2001; 2008; 2014).

1 Este artigo inscreve-se no conjunto de pesquisas realizadas pelo Grupo Complex Cognitio, do Programa de Pós-graduação em Letras PUC Minas, no âmbito do Projeto UMA VISÃO INTEGRADA DA COGNIÇÃO HUMANA: CORPO/SIGNIFICAÇÃO, CÉREBRO, MENTE, LINGUAGEM, financiado pela FAPEMIG (Fundo de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais), Editais SHA - APQ-00121-10 (2010) e CHE APQ 00301-14 (2014).

2. Emoção e produção do sentido

Entendendo que os sentidos das palavras são inseparáveis das experiências dos falantes, assumimos com Mari e Mendes (2007, p. 154), que a emoção está presente como um componente interveniente em qualquer coisa que possa ser feita a partir da linguagem, desempenhando um papel fundamental no processo de produção de sentidos. Pesquisas recentes têm encontrado evidências que convergem para o entendimento das emoções como tendo funções intracognitivas e interpessoais importantes. Elas são consideradas como "gestores da vida mental, impelindo heurísticas que fluem dos eventos diários para objetivos e questões sociais", dando suporte aos processos envolvidos nas estratégias de solução de problemas e influenciando os processos cognitivos de inferência e julgamento. (WILSON, R. A. e KEIL, F.C., 1999 p. 273-275).

2.1 A emoção em diferentes perspectivas

A emoção tem sido entendida, sob a perspectiva biológica, como um sistema de respostas automáticas que são disparadas - sem que tenhamos que deliberar a respeito - com a finalidade de manutenção da vida (DAMASIO, 1996). Esta concepção é partilhada por importantes pesquisadores interessados no estudo das emoções, tais como Frijda, Scherer, Damásio, Maturana. Parece que, nos seres humanos, o sistema de emoções está envolvido na preparação do organismo para respostas adaptativas a eventos e situações ameaçadoras que foram recorrentes ao longo da evolução (FRIJDA e SCHERER, 2009 p.81).

Em uma perspectiva funcional, a vivência emocional é considerada por Frijda (2001, p. 44; 2009, p. 41 a 44) como uma "experiência perceptiva" de algo que é avaliado como relevante às preocupações do sujeito. A percepção de algo no mundo como desejável, temível ou repugnante, desencadeia respostas (de desejo, medo ou repugnância) manifestas como mudanças fisiológicas no estado de prontidão para a ação. O autor entende as emoções como fenômenos complexos e multicomponenciais que operam nas interações do indivíduo com o mundo e consigo mesmo, sendo a experiência emocional subjetiva apenas um dos componentes deste fenômeno. Para Frijda (2001, p. 41), os principais componentes da emoção são a avaliação dos eventos (que transforma os estímulos em uma valência afetiva), o estado de prontidão para a ação eliciado por esta avaliação, a resposta fisiológica e os sentimentos resultantes destes componentes. A avaliação inclui informações que compõem o significado de um evento para um determinado indivíduo. Este pode ser um processo automático - provocado por estímulos, disposições inatas ou adquiridas, que evocam sensações de prazer ou dor - ou pode ser uma avaliação cognitiva de sinais que motivam a aproximação ou o afastamento do objeto (FRIJDA 2008, p. 71).

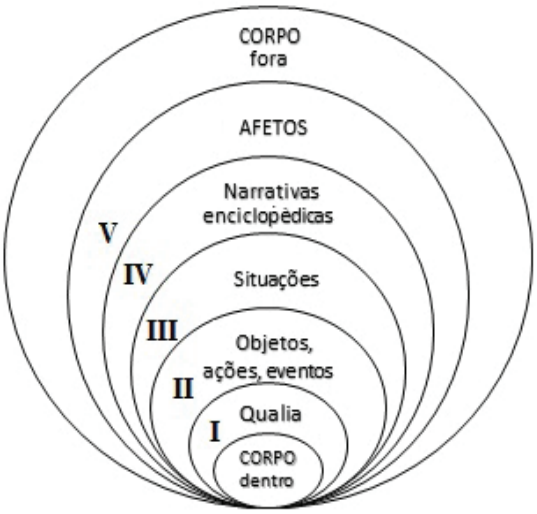
Diferentes sistemas de categorizações das emoções emergem dos trabalhos dos pesquisadores, de acordo com seus interesses de pesquisa. Adotaremos, neste trabalho, a classificação proposta pelo neurocientista Antônio Damásio (1996), que identifica três categorias de emoções, além dos sentimentos. De acordo com o pesquisador, as emoções primárias (raiva, medo, tristeza, repugnância, surpresa, alegria) são reações instintivas de recuo ou de aproximação que são disparadas quando um determinado estímulo é detectado e classificado pelos córtices sensoriais. As associações e relações que estabelecemos entre os objetos/situações e as emoções primárias dão origem às emoções secundárias (como o embaraço, o ciúme, a culpa, o orgulho), que são relacionadas ao contexto e à aprendizagem. Damásio propõe uma outra categoria, os *sentimentos de fundo, que c*orrespondem aos estados do corpo quando não está agitado pelas emoções (como fadiga, bem-estar, mal-estar, tensão, descontração, desinteresse, estabilidade). Eles podem durar horas ou dias e modulam o estado de humor, assim como as interpretações dos fatos. Os sentimentos, para o autor, emergem da experiência consciente das alterações corporais provocadas pelas emoções, sobrepostas a imagens mentais ou outros elementos que sejam qualificados por meio destas sensações (qualificadores). (DAMÁSIO, 1996, p. 175).

2.2 Processamento na Arquitetura Mental do Sentido e blending

O modelo da Arquitetura Mental do Sentido, desenvolvido por Per Aage Brandt (2010), postula que nós processamos as experiências e produzimos sentido realizando operações que integram conteúdos mentais de diferentes níveis de complexidade. O autor divide, epistemologicamente, estes tipos de processamento, em cinco níveis que envolvem qualia[2] (nível I), coisas: objetos, ações, eventos, (nível II), situações, pessoas, causas (nível III), contextos: narrativas enciclopédicas (nível IV), afetos: emoções, humores, paixões (nível V). De acordo com o autor, as operações mentais integram as coisas compondo situações, que se organizam em narrativas (considerando o contexto) e todo o processamento envolve qualia e afeto (níveis I e V), de modo que os cinco níveis estão intrinsecamente relacionados. A proposta de Brandt (2010) da Arquitetura Mental do Sentido está resumida na seguinte figura:

2 “Os objetos podem ser percebidos por seus aspectos, como timbre, cor, matiz, sombreamento, textura, etc - que a tradição chama de qualia. Qualia são essenciais na percepção estética das coisas. A experiência de um objeto, no espaço e no tempo, é resultado complexo de uma integração mental de qualia”. (Brandt, 2012, p. 07 tradução de Cavalcante e Militão).

FIGURA 1: Arquitetura mental do sentido



Fonte: Elaborado pelos autores adaptado de Brant (2010, p.27).

Na perspectiva de Brandt, nós operamos preferencialmente nos níveis II, III e IV, apontados por ele como o "núcleo central da consciência humana", cujo processamento envolve conteúdos culturalmente variáveis e é responsável pelo processo criativo. As instruções culturais dominam esta parte central da arquitetura do significado mental, que é "negociada através de símbolos". O pesquisador chama a atenção para o fato de que o aspecto sensível, ("significante") e o aspecto "inteligível" ("significado") de um signo situam-se em níveis diferentes na Arquitetura Mental do Sentido (o significante em nível II e o significado em nível IV), sendo esta distância o que torna possível interpretarmos uma comunicação simbólica, ao preenchermos a lacuna relativa aos significados situacionais. A compreensão está em um nível complexo e abrangente de consciência, originando uma integração narrativa que leva em consideração os valores culturais e familiares do grupo a que pertence o indivíduo e permite avaliações, comparações, revisões dos temas tratados nos níveis II, III e IV, gerando novos comportamentos coerentes com a integração realizada (Brandt, 2010, p.27 a 29).

Os níveis periféricos - qualia (nível I) e afetos (nível V) – incorporam os níveis intermediários e são considerados pelo pesquisador como mais dependentes da fisiologia. Os processos fisiológicos relacionados à percepção e à memória são subjacentes ao processamento dos qualia (percepção monomodal definida como "acontecimento puro") e seu impacto no corpo provoca reações motoras, mentais e afetivas. Os seres humanos, de acordo com Brandt (2010), são capazes de interromper as integrações dos qualia, mantendo a percepção no nível I (qualia "puros" ou "livres"), o que evoca, diretamente, reações afetivas, desconectadas e independentes de quaisquer outros conteúdos mentais. Esse tipo de processamento é o que está por trás, por exemplo, da apreciação de uma obra de arte. Essa relação direta de um significante de nível I a um significado de nível V leva o indivíduo a utilizar

informações do contexto de comunicação para realizar o processamento das informações nos níveis II, III e IV. (BRANDT, 2010). Neste trabalho, partindo da proposição de Brandt (2010) de que a interrupção dos qualia ao nível da percepção, com retenção de suas integrações nos níveis subsequentes, pode estar na origem de respostas emocionais não articuladas discursivamente, buscamos compreender algumas formas de sofrimento emociona/ psíquico como resultantes deste tipo de processamento. A observação do autor de que as referências a certos tipos de qualia e de experiências afetivas são realizadas principalmente por meio do uso massivo de metáforas é também um pressuposto importante do qual partimos, neste estudo, para analisar a construção de sentidos na sessão terapêutica.

Partindo dos modelos de espaços mentais e *blending* propostos por Fauconnier e Turner (2002) - que atribuem nossa capacidade para criar novos significados a operações mentais de ativação e integração de redes conceptuais – Brandt e outros pesquisadores do campo da Semiótica Cognitiva da Universidade de Aarhus (Dinamarca), propõem um modelo, cujo pressuposto é o de que nós realizamos integrações conceptuais a partir de situações interacionais concretas, compartilhando padrões intersubjetivos de atenção, no aqui-e-agora do discurso (BRANDT, 2004; 2005; 2010; 2011; 2012; BRANDT e BRANDT, 2005; OAKLEY; HOUGAARD, 2008; CAVALCANTE, 2009). Na formulação de Brandt (2004), os seres humanos criam cenas dramáticas (teatrais) em torno de agentes, objetos, relações, estados e processos. Ao nos referirmos a um cenário ou situação que não está presente, ligando-o à situação presente por meios semióticos, estamos construindo espaços mentais, assim definidos pelo pesquisador:

> Um “espaço mental” é uma “porção” (como diria Umberto Eco) de significado que traz consigo uma estrutura conceitual interna, um mínimo de imagética e um status fenomenológico como um cenário ao qual podemos nos referir. A situação presente de um sujeito instaura, portanto, um espaço mental, na medida em que como dêixis, uma frase ou gesto dêitico, pode se referir a ele. Qualquer outro cenário ou situação é experimentado como um espaço mental quando referido, anaforicamente ou cataforicamente, por algum meio semiótico que, assim, conecta um espaço mental não-presente ao presente ou a um espaço já estabelecido, não-presente, ligado a um presente (BRANDT, 2012, p. 1. Tradução de Cavalcante e Militão).

Durante uma conversa ou reflexão, criamos espaços mentais, que podem ser mantidos simultaneamente enquanto enviamos (delegamos) mentalmente materiais de um espaço a outro, recrutando conteúdo da memória ou de inputs externos a fim de realizar vários tipos de operações mentais. Na semiótica humana, realizamos constantemente delegações por mudança de lugar, tempo, voz, modalidade, volição e representação ou por mudança de gêneros de atividade, “tipos de espaços off-line que descrevem a extensão da imaginação humana” (BRANDT 2012, p.4).

Pensando, percebendo, imaginando ou recordando, movemos nossa atenção entre os diferentes níveis de complexidade da arquitetura mental em uma cascata de integrações geradoras de sentidos, que envolve uma grande complexidade de fluxos e processos, entre os quais se situam as redes de espaços mentais. As informações contextuais relevantes, entendidas como reguladoras do processo de integração conceptual (BRANDT, 2004, p.56), são responsáveis pela ativação/evocação de *frames* de relevância, que articulam os sentidos emergentes à sua pertinência no contexto discursivo. Os componentes de relevância são esquemas que emergem do contexto, não são necessariamente conscientes, podem ser operações implícitas, mas são indispensáveis no processo de produção de sentido (BRANDT, 2012, p.13).

2.3 Emoções e produção de sentidos no diálogo terapêutico

A disposição para se submeter a um processo terapêutico está, de maneira geral, relacionada à intensidade de alguma vivência emocional dolorosa do sujeito. A relação terapêutica proporciona proximidade psicológica com uma pessoa que oferece segurança, um vínculo a partir do qual os indivíduos podem explorar, avaliar e compreender seus modelos do *self* e do mundo e experimentar mudanças. A interação entre o terapeuta e o paciente visa desestabilizar e reconstruir significações, especialmente aquelas que são fonte de sofrimento, de modo que o sujeito alcance uma visão mais flexível da sua experiência, expandindo os padrões de autocoerência e assimilando as emoções perturbadoras. Este processo sempre dependerá do contexto e das emoções envolvidas nestas interações. As mudanças pessoais decorrentes da psicoterapia se dão, portanto, a partir das experiências emocionais.

Neste estudo, elegemos o processo de estruturação da Arquitetura Mental do Sentido e a operação cognitiva básica de Integração Conceptual como modelos para o entendimento das operações-chave envolvidas nas elaborações dos conteúdos relativos aos pensamentos, sentimentos e comportamentos, que definem a interação terapêutica. Assumimos, com Brandt (2012) e Cavalcante e Militão (2015, p.183-184), que as experiências emocionais, assim como a atenção, estão “no coração do processo de construção dos sentidos” e entendemos, em consonância com os autores, que, no processo de integração conceptual, a emoção é constitutiva do *frame* de relevância, ou seja, ela é integrada como um dos aspectos contextuais que influenciam e participam da construção do *blending.*

As emoções, de acordo com Frijda (2001), são ações ou reações que combinam um processo de avaliação (consciente ou inconsciente) com respostas fisiológicas desencadeadas a partir da percepção pelo sujeito de estímulos ambientais que podem produzir experiências de prazer ou de dor. A significação atribuída pelo sujeito a estes estímulos está sob a influência direta da emoção, que emerge eliciando respostas fisiológicas

e estados de prontidão para a ação (Frijda, 2001; 2008). No diálogo terapêutico, as emoções são colocadas, frequentemente, como objeto de referência e a mudança terapêutica está relacionada às reflexões que isso possibilita. Porém, como observado acima, as emoções estão na base do processo de produção de sentidos também como *frames* de relevância e, como tal, calibram o processo de integração conceptual que se realiza a partir dos elementos de referência colocados em discussão. No contexto da psicoterapia, as emoções são, portanto, simultaneamente referenciadas e constitutivas do processo de produção de sentidos. O psicoterapeuta atua incentivando o diálogo sobre temas emocionalmente relevantes para o sujeito e promovendo a consciência sobre os *frames* de relevância, de modo a impulsionar integrações que envolvem os cinco níveis da Arquitetura Mental dos Sentidos no processo de significação e ressignificação dos eventos referenciados. A análise da sessão de psicoterapia, apresentada a seguir, representa um esforço no sentido de compreender e de demonstrar a dinâmica deste processo.

3. Análise de um caso clínico

Estágio da psicoterapia

Diana tem 45 anos, é psicóloga, divorciada, tem uma filha com idade de 21 anos e um filho com 5 anos. Iniciou a psicoterapia há quatro anos em busca de ajuda para lidar com um quadro de fobia social, que impactava gravemente seus relacionamentos profissionais e sociais. Ao longo da terapia ela compreendeu os padrões perfeccionistas que a levavam a evitar o convívio social, temendo ser julgada negativamente por qualquer imperfeição. As mudanças neste padrão permitiram-lhe desenvolver habilidades sociais, que hoje lhe garantem relacionamentos satisfatórios, entre os quais um novo relacionamento amoroso. Diana inicia esta sessão com a proposta de trabalhar três sonhos que lhe trouxeram sensações perturbadoras naquela semana:

> Sonho 1: “Vejo meu carro saindo da garagem sendo dirigido por um espírito e o meu filho, de cinco anos, está dentro do carro. Fico apavorada, subo para o apartamento, tento acender a luz, mas a luz não acende”.
> Sonho 2: “Estou em um galpão conversando com meu ex-marido. Sinto-me observada, como se o Daniel (namorado de Diana) estivesse escondido em algum lugar me vigiando”.
> Sonho 3: “Minha filha está dirigindo um carro (ela está na autoescola) e eu estou ao seu lado. Vejo o Daniel (namorado de Diana) na rua, ela estaciona e eu saio do carro para falar com ele. Eu estava toda desarrumada, de chinelo. Passa uma mulher toda produzida, ele olha para ela e a segue. Eu fico ali parada, vendo-o ir-se embora com ela”.

Diálogo terapêutico:

T: O que você pensou sobre esses sonhos?
D: Relaciono estes sonhos ao meu relacionamento com o Daniel. Eu venho sentindo medo dele desde aquele dia que ele me esperou na porta do meu trabalho e tivemos aquela discussão. Não permito que ele se aproxime muito, estou distante, sinto uma certa aversão a ele!
T: Há algo precioso para você sendo levado no carro que o espírito dirige no sonho. Seria sua relação com o Daniel, que você está dirigindo movida por impulsos os quais não domina?
D: Eu tentava acender as luzes, mas elas não acendiam... Fiquei desesperada!
T: Pois é... Você está no escuro.
D: No sonho do galpão eu também sentia um incômodo.
T: Você tinha a sensação de ser observada. Sentia medo?
D: Sentia.
T: (silêncio) Seus colegas de trabalho, naquele dia, viram que vocês estavam discutindo?
D: Viram. Não tinha como não verem! Fiquei muito incomodada, me senti exposta, eu preciso preservar o meu espaço. Desde aquele dia passei a sentir medo dele.
T: Você acha que ele seria capaz de uma atitude agressiva com você?
D: Não, não acho. Ele é um homem muito gentil, é sensível e perceptivo.
T: O medo é de quê, então?
D: Acho que é da raiva dele. (silêncio) A raiva na minha família nunca teve permissão para ser expressa. A minha raiva é contida. Eu não sei soltar isso assim como muita gente faz.
T: Temos falado da sua dificuldade em lidar com a intimidade. O medo da raiva não seria mais uma faceta do medo da intimidade?
D: É sim! (expressão de surpresa). A raiva não pode ser expressa em situações sociais! Só na intimidade!
T: (silêncio) No sonho do galpão você se sentia vigiada, não podia ver o Daniel, mas sabia que ele estava lá...
D: Às vezes me sinto assim quando estou no trabalho: vigiada. É uma sensação estranha...
T: Você não gostaria de revelar sua intimidade para os colegas de trabalho que presenciaram uma cena da sua intimidade.
D: É verdade. Isso me incomoda muito! Me sinto exposta. (silêncio) No sonho do carro eu estou desarrumada, de chinelo, sem maquiagem... Não gosto. Gosto de estar sempre arrumada.
T: No sonho, o resultado de estar desarrumada é que você perde o Daniel para outra mulher que está “produzida”.
D: Eu tenho medo que ele me deixe, se ele me vir como eu realmente sou! (expressão de surpresa no olhar).
T: Quando você começou a terapia, veio para tratar suas dificuldades em situações sociais. Você tinha muito medo do que as pessoas poderiam

pensar de você e medo de que elas te vissem como você realmente é.
D: Eu era perfeccionista, nisso melhorei muito! Não tenho mais esse medo.
T: Será que não é o mesmo medo se manifestando de outra maneira? Já descascamos bastante essa cebola, mas existe um eixo que parece que ainda está aí.
D: Tem razão. O medo era generalizado, está localizado, agora, nas relações de intimidade.
Vou acender a luz e assumir a direção. E vou me posicionar com mais firmeza, assim vou me sentir melhor.

O processo de produção de sentidos desencadeado na interação paciente-terapeuta nesta sessão, se dá principalmente por construções metafóricas intersubjetivas, por meio das quais Diana e o terapeuta elaboram os conteúdos colocados em discussão. Os sentidos são construídos por meio da contraposição das cenas oníricas com associações feitas pelas interlocutoras, que acionam redes semânticas simultâneas conectadas por relações de analogia, desanalogia, contraste, semelhança, causa-efeito, etc.

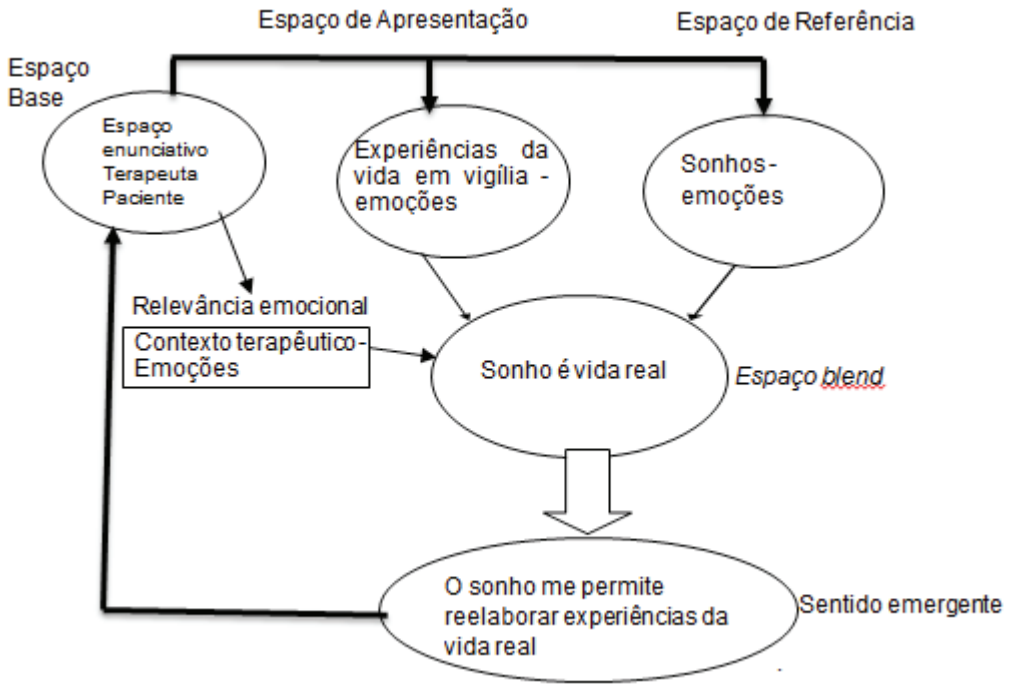
3.1. O diálogo terapêutico à luz do processo de integração conceptual

Ainda que o processo de significação não se dê de maneira linear, com a finalidade de descrevê-lo e compreendê-lo - e sem a pretensão de apreender todo o movimento do fluxo das elaborações – buscamos identificar algumas das operações de integração conceptual que foram importantes no fluxo da interação de Diana com seu terapeuta. Logo que Diana relata os sonhos, o diálogo volta-se para a análise da cena onírica na qual o filho pequeno de Diana é levado no carro dirigido por um espírito, enquanto ela tenta, sem sucesso, acender a luz. Ao tomar esta cena como uma metáfora de conflitos psíquicos vivenciados por Diana, os interlocutores iniciam uma investigação sobre o que estaria sendo metaforizado pelo espírito, pelo carro, pela criança e pela luz que Diana não consegue acender. As emoções perturbadoras evocadas pelos sonhos são inicialmente identificadas por Diana, por similaridade, com sensações vivenciadas nas interações com o namorado, o que permite que ela as categorize como “medo”. Ela interpreta os sonhos como representações de significados relacionados a Daniel, com base na constatação de que o medo é a emoção que prevalece nas cenas oníricas, assim como em seu relacionamento amoroso.
Terapeuta e paciente trabalham, durante toda a sessão, realizando mapeamentos que contrapõem elementos constituintes das cenas oníricas (o espírito, o filho, o carro, a escuridão, o desespero, a perda, etc) a elementos das experiências afetivas de Diana (Daniel, relacionamentos familiares e sociais, lembranças, emoções, comportamentos). Ao longo da

sessão, os interlocutores co-constroem e compartilham espaços mentais em *blendings* sucessivos, alguns dos quais se configuram como *insights* significativos para os resultados da sessão. As projeções para o espaço de referência instanciam as cenas dos sonhos, que são mapeados com eventos da vida de Diana, projetados para o espaço de apresentação. Neste processo, o medo que Diana sentia de Daniel é resignificado como "medo da raiva", que contraposto ao medo da intimidade (tratado em sessões anteriores), faz emergir o sentido de que a raiva não pode ser expressa em situações sociais, mas apenas na intimidade. Essa construção desdobra-se em uma elaboração, na qual o sentimento de Diana de exposição, por ter sido vista discutindo com o namorado na porta da empresa onde trabalha, é mapeado com a cena do sonho na qual ela está "desarrumada, de chinelo, sem maquiagem". O efeito de sentido resultante do processo de integração na rede de espaços mentais é o de que Diana tem medo de estabelecer relações de intimidade porque ela acredita que não pode se expor, pois será abandonada se for vista como ela realmente é (desarrumada). Este é um *insight* importante, cuja construção foi realizada por meio de integrações de redes de integração conceptual construídas ao longo do processo terapêutico.

A análise da sessão exemplifica o tipo de processamento que estrutura as sessões terapêuticas baseadas em análise de sonhos. Neste processo de construção de sentidos, as elaborações são conduzidas de modo a promover associações das imagens dos sonhos com eventos da vida do sujeito sonhador. As imagens oníricas e as emoções por elas desencadeadas são trazidas como objetos referenciais e contrapostas, em termos de apresentação, aos eventos e experiências da vida do sonhador em estado de vigília. Sob influência das emoções presentes no contexto terapêutico, como frames de relevância, as experiências dos sonhos são integradas às vivências do sujeito na vida real. Na mescla, o sonho é vida real. A elaboração que emerge desta operação de integração conceptual é a de que o sonho permite a elaboração das experiências de vida.

FIGURA 2: Rede básica de experiências oníricas no processo terapêutico



Fonte: Elaborado pelos autores adaptado de Brandt (2012)

Esta rede se atualiza recursivamente durante a sessão, à medida que o diálogo terapêutico promove o desdobramento dos sentidos atribuídos às cenas dos sonhos e incita à realização de correlações co-construídas. Assim, o sujeito elabora suas percepções, preenchendo lacunas de significação e construindo *insights*, que se manifestam em novas narrativas, que emergem juntamente a novos estados afetivos. O contexto terapêutico, que implica em um diálogo exploratório, é um elemento de relevância situacional; os conhecimentos sobre a linguagem cifrada dos sonhos e sobre a dinâmica das emoções e dos relacionamentos têm relevância argumentativa. Além disso, consideramos os dados contextuais de relevância emocional como exercendo influência fundamental nas integrações de espaços mentais durante a sessão.

Participando do processo de integração conceptual como *frames* de relevância, as emoções presentes no contexto terapêutico influenciam fortemente o construção de sentidos. Na sessão analisada, podemos identificar os sentimentos de segura nça e de confiança na relação terapêutica; a coragem de Diana de se expor; o desejo dos interlocutores de compreender os conflitos de Diana; a confiança na capacidade de resolução por meio da análise dos sonhos; o desejo de Diana de compreender e de mudar o que lhe traz sofrimento; o desejo de Diana de estabelecer relações de intimidade. Estes estados emocionais exercem uma força antagonista às emoções de medo, desespero, desproteção, contribuindo

para sua transformação. A emoção primária do medo, o principal referente da sessão, é sobreposta sucessivas vezes com as emoções constituintes do *frame* de relevância emocional, além das imagens mentais, estados corporais e avaliações cognitivas, sofrendo integrações em diferentes níveis da Arquitetura Mental do Sentido (com memórias de pessoas e situações da vida de Diana, com suas experiências corporais, imagens do passado, fantasias, avaliações cognitivas) sob a influência das emoções fortalecedoras presentes no frame de relevância.

Em uma cascata de operações de integração conceptual, que combinam inúmeras redes, o medo que Diana sentia de Daniel, manifesto por ela no início da sessão, é resignificado consecutivamente como medo da raiva dele, medo da própria raiva, medo da exposição, medo de ser vista desarrumada, medo da intimidade e, por fim, no medo do abandono. Neste processo, o referente do medo vivenciado por ela é deslocado a partir de uma localização externa (medo relativo às outras pessoas) para uma localização interna (teme o sentimento de abandono). O medo pode ser visto aqui, nos termos de Koveceses (2003), como uma força que se opõe ao *self* e luta contra ele, impedindo que Diana se relacione em profundidade (roubando-lhe algo precioso), o que colocaria o espírito que aparece no sonho como uma representação metafórica do medo.

A raiva, por outro lado, é mantida por Diana sob controle rigoroso, pois é percebida como uma emoção perigosa. Suas crenças familiares estabelecem uma força antagonista à expressão da raiva, de forma que esta fica impedida de ser expressa. Este controle, porém, não é uma escolha consciente e, portanto, a raiva também não está sob o controle do *self.* A reestruturação cognitiva relativa à emoção da raiva, na sessão, parte da percepção de Diana de que a expressão de raiva de Daniel representa perigo para ela (ao que ela responde com sensações de aversão e comportamentos de recuo). Seu incômodo é resignificado como sendo “medo da própria raiva” e, por fim, ela compreende que sua incapacidade de expressar raiva a faz sentir-se desprotegida e identifica a necessidade de impor limites e de ser firme com as outras pessoas a fim de sentir-se segura. Ao final da sessão, Diana demonstra disposição de agir com firmeza, o que indica que ela se autoriza a expressar sua agressividade e expor seus próprios limites.

O que está em jogo, na interação intersubjetiva, é o processo de predicação, de significação das emoções de medo e raiva, que vão sendo dinamicamente alteradas, mobilizando transformações qualitativas das emoções primárias (medo e raiva) em emoções secundárias (medo da raiva: mágoa; medo da intimidade: embaraço, timidez; medo do abandono: solidão) e em sentimentos (coragem, esperança, potência). Estas mudanças cognitivas e emocionais geram em Diana um estado de prontidão para a execução de ações transformadoras em sua vida.

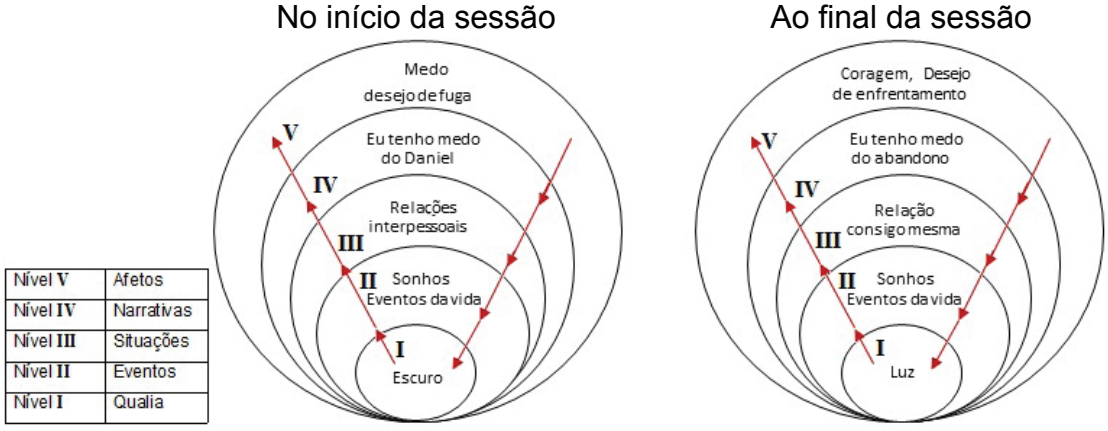
3.4 O diálogo terapêutico à luz da Arquitetura Mental do Sentido

O desconforto de Diana em suas relações afetivas refletia a inconsistência entre sua experiência emocional profunda (medo de ser abandonada) e a compreensão que ela conseguia construir para seus sentimentos e comportamentos (acreditava sentir medo de seu namorado). A nova narrativa, construída na sessão, é mais coerente com suas vivências nucleares. O fluxo de organização e desorganização das estruturas de conhecimento que culmina na emergência de uma nova narrativa envolve os cinco níveis de processamento na Arquitetura Mental dos Sentidos e modifica os estados afetivos de Diana. Este processamento também origina um plano de ação em resposta aos sentidos emergentes.

No início da sessão, estão em pauta os sonhos e os relacionamentos interpessoais de Diana. A metáfora da escuridão, que inicia a sessão, evoca a emoção do medo, que está na base dos sentidos que ela constrói para seu relacionamento com Daniel. Ao final da sessão, como resultado de sucessivas operações de integração conceptual, esta imagem se desloca de modo que a metáfora é reestruturada. Quando Diana afirma “vou acender a luz e assumir a direção”, a emoção calibradora da construção metafórica já não é mais o medo, mas a coragem/confiança. Ao fazer estas afirmações, ela evidencia a tomada de consciência (a capacidade assumida de transformar a escuridão em luz), que lhe possibilita transformar o sentimento de impotência diante dos próprios medos em coragem e disposição a agir no sentido de enfrentá-los.

O quadro abaixo mostra os conteúdos processados no início e ao final da sessão, evidenciando a reorganização cognitiva e emocional de Diana:

FIGURA 3: Processamento de Diana na arquitetura mental do sentido



Fonte: Elaborado pelos autores adaptado de Brandt (2010, p 27).

Discussão

O diálogo terapêutico mobiliza operações linguístico-cognitivas que integram as falas dos interlocutores em uma construção compartilhada de sentidos. Os resultados da psicoterapia dependem de reflexões e de mudanças nas crenças do sujeito, mas também, e principalmente, de mudanças em seus estados emocionais. Pensando o processo terapêutico à luz dos modelos teóricos propostos por Brandt (2004, 2010, 2011, 2012), parece-nos que mudanças conceptuais no que é da ordem da referência e da apresentação, sem que haja alteração no que é da ordem da emoção e da atenção, não produzem modificações consistentes nos efeitos de sentido. Nesta perspectiva, o processo de mudança em psicoterapia dependeria de intervenções que, além de impulsionar as integrações de conteúdos dos espaços de entrada, tenham ação nos *frames* de relevância emocional. Dessa maneira, poderiam atuar na transformação de emoções, inclusive naquelas que agem abaixo do nível da consciência.

Adotando a proposição de Damásio, que classifica as emoções em primárias, secundárias, de fundo e sentimentos, gostaríamos de propor algumas reflexões sobre estes estados emocionais e sua forma de processamento na Arquitetura Mental do Sentido. As emoções primárias são entendidas pelo pesquisador como reações instintivas e universais que são disparadas, inconsciente e involuntariamente diante de determinados estímulos. Elas estão associadas a processos neurobiológicos, desempenham funções relacionadas à sobrevivência e se relacionam diretamente a estímulos que provocam prazer ou dor, aproximação ou afastamento. (DAMÁSIO, 1996; 2000; FRIJDA, 2001; 2008). Na prática clínica, podemos observar que este tipo de emoção pode ser vivenciado, muitas vezes, como sensações físicas ou psicológicas de difícil conceptualização. Isso parece ocorrer principalmente quando os estímulos disparadores não são conscientemente percebidos, quando estes estímulos são associados a experiências traumáticas ou quando as emoções se manifestam no corpo como sintomas psicossomáticos, não deixando pistas para o sistema perceptual sobre seus estímulos desencadeadores. Nestes casos, talvez possamos considerar estas emoções em seu estado emergente no sistema perceptual - um estado fisiológico / pré-conceitual - como experiência quálica. As integrações de qualia, de acordo com Brandt (2010), podem ser interrompidas ao nível da percepção, evocando, diretamente, reações afetivas desconectadas de quaisquer outros conteúdos mentais. Com base nesta afirmação, podemos supor que a retenção das integrações de emoções ao nível de qualia poderia levar à sua manifestação na forma de sofrimento difuso, confusão mental, comportamento impulsivo ou inadequado ao contexto, sensações e/ou emoções desconectadas de um entendimento cognitivo (como é o caso dos medos fóbicos, das manifestações de estresse pós-traumático, sintomas obsessivos, etc) ou como doenças psicossomáticas.

Na sessão analisada, a elaboração de emoções primárias não conscientes, desencadeadas pelas imagens oníricas, e sua articulação em termos linguístico-cognitivo-emocionais, impulsionou integrações nos níveis subsequentes da arquitetura mental (em relação aos objetos, eventos, situações, contextos). Como resultado, as narrativas relativas aos conflitos internos de Diana foram reformuladas e as emoções primárias foram transformadas em outras mais elaborados: emoções secundárias e sentimentos, nos termos de Damásio (1996). Os sentimentos, como definidos por Damásio, parecem ser equivalentes aos afetos - nos termos de Brandt - processados em nível V no modelo da Arquitetura Mental do Sentido, já que estes, de acordo com pesquisador, são ancorados nas “noções” e “semanticamente carregados” a partir de processos integrativos ascendentes, ou seja, são elaborações conscientes das experiências perceptivas, integradas a objetos, situações e narrativas ou noções (BRANDT, 2012, p. 8).

O trabalho terapêutico realizado por meio da análise de sonhos, tomados como representação metafórica dos conflitos internos do sonhador, nos mostra, nesta sessão, que as elaborações terapêuticas estruturadas em base metafórica, podem ser bastante produtivas para o processamento de emoções que agem abaixo do nível da consciência e influenciam o processo de significação das experiências do sujeito, provocando reações que ele não compreende e não domina.

A partir da análise desta sessão, desenvolvemos um modelo da arquitetura básica da rede que sustenta a sessão terapêutica referenciada na análise de sonhos. Esta rede se atualiza recursivamente na sessão de psicoterapia, assim como no processo terapêutico, de modo que o sujeito incorpora gradativamente este processo, passando a realizá-lo, depois de algum tempo, independentemente da contribuição do terapeuta. Nosso propósito é o de compartilhar este modelo de rede para que ele possa ser testado e sua elaboração seja aprofundada na reflexão e na discussão com outros pesquisadores.

Breve conclusão

As operações de integração conceptual estão subjacentes ao pensamento, à linguagem, à nossa capacidade de criar novos significados, desde os mais comuns até os mais criativos. As construções de sentido realizadas na sessão de psicoterapia, para que sejam portadoras de mudanças consistentes na vida do sujeito, devem ser acompanhadas por mudanças nos estados emocionais. Estas mudanças estão estreitamente relacionadas, no processo terapêutico, às influências exercidas pelos *frames* de relevância emocional para as construções de sentidos, o que parece ser um aspecto fundamental a ser considerado nas elaborações das intervenções pelos psicoterapeutas.

Em alguns casos, os sintomas relacionados a vários tipos de sofrimento emocional talvez possam ser compreendidos como manifestações de “qualia puro” ou “qualia livrer”, quando estados emocionais pré-conceituais emergem do sistema perceptivo e da memória e desencadeiam estados afetivos incompreensíveis para o sujeito. De acordo com Brandt (2010), as expressões de qualia e de afeto são possibilitadas, geralmente, pela linguagem metafórica. A metáfora parece ser um recurso precioso para a abordagem deste tipo de manifestação no processo terapêutico. A ativação da metáfora desencadeia a emergência de afetos, de modo que tanto as imagens quanto os afetos podem sofrer integrações com os esquemas pessoais dos pacientes, possibilitando a realização *blendings* que resultem em novas significações emergentes. Assim, a metáfora permite o processamento de experiências emocionais pré-conceituais, possibilitando a transformação ou a emergência de novos estados emocionais e afetivos por meio das operações de integração conceptual. Ou seja, no *blending* as emoções, assim como as concepções, estão sendo transformadas.

REFERÊNCIAS

BRANDT, P. A. **Meaning production**: modelling mental architecture and blending, 2012. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2150213

BRANDT, P. A. **Spaces, domains, and meaning**: essays in cognitive semiotics. European Semiotics. Bern: Peter Lang Verlag, 2004. (European Semiotics Series, v. 4).

BRANDT, P. A. **The mental architecture of meaning**: a view from cognitive semiotics. Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, v.4, 2010.

BRANDT, P. A.. What is cognitive semiotics? A new paradigm in the study of meaning. **Semiotics, among others**, v. 2, p.10, 2011.

BRANDT, P. A. **The music and the abstract mind.** In: Plaisir: the pleasure of art as sensed by the brain. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON NEUROESTHETICS. 1, 2002, Berkeley, 2012, mimeo.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **O fenômeno da intertextualidade em uma perspectiva cognitiva**. 2009. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2009.

CAVALCANTE, S. e MILITÃO, J. Emotions, attentions and blending. In: **Attention and meaning**: The attentional basis of meaning. Nova Science: NY, 2015.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO, A. **O Mistério da consciência**: do corpo e das emoções do conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind´s hidden complexities. New York: Basic Books, New York, 2002.

FRIJDA N. H. e SCHERER K. R. **Emotion definition (psychological perspectives)**. In Oxford companion to emotion and the affective sciences. Oxford, UK: Oxford University Press, 2009.

FRIJDA, N. H. **The laws of emotion. Mahwah**, NJ: Erlbaum. 2007.

FRIJDA, N. H. The psychologists' point of view. In: LEWIS, M.; HAVILANDJONES, J. e BARETT, L.; **The handbook of emotions**. 3 ed. New York: The Guilford Press, 2008.

GEERAERTS, D. e CUYCKEN, H.; **The oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford University Press, 2007.

KÖVECSES, Z.; **Metaphor and emotion**: language, culture, and body in human feeling. Cambridge: Cambridge University Press, [2000], 2003.

LEWIS, M.; HAVILANDJONES, J. e BARETT, L.. **The handbook of emotions**. 3 ed. New York: The Guilford Press, 2008.

MARI, H. e MENDES, P. H.. **Enunciação e emoção**. In: As emoções no discurso. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

OAKLEY, T. e HOUGAARD, A.; **Mental spaces in discourse and interaction.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2008.

RIBEIRO, V. L. M.. **A produção intersubjetiva de sentidos em práticas de psicoterapia: uma análise discursiva, 2014.** Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

TURNER, M.. **The Origin of ideas**: blending, creativity and the humam spark. New York: Oxford Univesity Press, 2014.

WILSON, R. A. e KEIL F. C. **The MIT encyclopedia of Cognitive Sciences** Massachusetts Institute of Technology, 1999.

ZLATEV, J.. Cognitive Semiotics: an emerging field of the transdisciplinar study of meaning. **The Public Journal of Semiotics**, v. 4, pg 2-4, 2012.

André L. Souza, Talliany Silva, Suellen V. Brandão

OS ÚLTIMOS DEZ ANOS DE PESQUISA NO CAMPO DA LINGUAGEM E EMOÇÕES

Os últimos dez anos de pesquisa no campo da linguagem e emoções

André L. SOUZA
Talliany SILVA
Suellen V. BRANDÃO

1. Introdução

Nos últimos 10 anos, o campo da Psicologia tem se engajado de modo sistemático no estudo das emoções. Abordagens tanto biológicas quanto cognitivas têm sido utilizadas na tentativa de compreender a forma como nós, seres humanos, organizamos nossas emoções e, principalmente, como elas afetam o nosso comportamento (GENDRON e BARRET, 2009). Uma vez que a linguagem é uma das maneiras mais comuns pela qual expressamos as emoções do dia-a-dia, uma prática comum observada nos estudos das emoções, no campo da Psicologia, é a tentativa de compreender a maneira como a linguagem humana afeta, modifica e até certo ponto cria as nossas emoções. Isso vai ao encontro de um interesse crescente, no meio acadêmico, por investigações que privilegiam a relação entre linguagem e emoções.

No Brasil, esse crescimento tem sido muito modesto. No momento da produção deste artigo, uma busca simples, no Google Acadêmico, por produções em língua portuguesa contendo os termos "linguagem" e "emoção/ emoções", no título da publicação, resultou em uma lista de 10 referências, sendo uma delas uma tradução direta da obra de Paul Ekman de 2011 **A linguagem das Emoções**. Quando a busca é feita para incluir obras que contêm esses termos em qualquer parte da produção, o número de obras encontradas aumenta para 14.700, incluindo tanto trabalhos estritamente linguísticos como trabalhos no campo da Psicologia, Ciências Políticas, Antropologia e Sociologia. Esses resultados apontam para a possibilidade e a necessidade de análises que, do nosso ponto de vista, merecem atenção. O presente artigo pretende sistematizar um breve mapeamento das produções científicas sobre linguagem e emoção realizadas no Brasil e nos Estados Unidos nos últimos 10 anos. Esse levantamento irá nos possibilitar entender o cenário em que se encontra a produção acadêmica atual e os

tipos de pesquisa que ainda podem ser exploradas nesse campo. Esse artigo pretende configurar-se como um ponto de partida para se compreender o papel da linguagem na constituição e na compreensão das emoções humanas.

Tendo como objetivo evidenciar a importância de estudos que tenham como foco a relação entre linguagem e emoções, fez-se um levantamento bibliográfico de estudos que privilegiam o tema no Brasil, em língua portuguesa, e, no exterior, em Língua Inglesa. No presente artigo, dedicaremos especial atenção às obras produzidas em Língua Portuguesa.

2. Metodologia

Inicialmente, nessa busca, foram utilizados como filtro as palavras-chave "linguagem e emoções", inseridas diretamente no título da produção acadêmica. Optou-se pela utilização do *Google* Acadêmico por se tratar de uma ferramenta poderosa, altamente baseada em aprendizado de máquinas, que realiza uma varredura completa em artigos acadêmicos, livros, revistas e relatórios de pesquisa, em busca das palavras-chave utilizadas na busca. O *Google* Acadêmico tem sido, cada vez mais, utilizado por universidades e institutos de pesquisa no cálculo do fator de impacto de periódicos e no cálculo do h-index de pesquisadores. O *h-index* é uma medida que busca mensurar a produtividade e o impacto (em termos de citações) das publicações de um dado pesquisador. Esse índice é calculado com base nas publicações mais citadas de um autor e no número de citações que esse autor recebeu em outras publicações.

O período de busca privilegiado neste artigo foi de 2006 a 2016 e os idiomas utilizados foram português e inglês. Durante a pesquisa, foram definidos alguns aspectos que contribuiriam para um mapeamento das produções com a finalidade de identificar (1) o que se produz, ou seja, o conteúdo das pesquisas; (2) onde se produz, ou seja, quais periódicos e países têm publicado essas obras e (3) as áreas do conhecimento que mais contribuem para o avanço de pesquisas que levem em conta o tema em questão. Além disso, levamos também em consideração as instituições e autores que se dedicam ao estudo da relação entre linguagem e emoções.

Realizou-se, assim, um levantamento de referências que integrariam, em tese, um estado da arte sobre o tema, considerando referências, produzidas por importantes centros acadêmicos nos últimos dez anos.

3. Psicologia e Emoções

O estudo científico das emoções não é algo recente no campo da Psicologia (BAUMEISTER e BUSHMAN, 2008; GLEITMAN, FRIDLUND, e REISBERG, 1999; MYERS, 1998; NIEDENTHAL, KRAUTH-GRUBER, e RIC, 2006; OATLEY e JENKINS, 1996; WADE e TAVRIS, 2006).

Em linhas gerais, existem três épocas distintas no percurso dos estudos das emoções na Psicologia. O primeiro momento é caracterizado pela obra de Charles Darwin **The Expression of the Emotions in Man and Animals** [**A expressão das emoções no homem e nos animais**]. Nessa obra, publicada em meados de 1872, Darwin define emoções como sendo estados mentais que causam expressões corporais estereotipadas. Essa obra de Darwin é o que deu fundamento ao que conhecemos hoje como uma abordagem do estudo das emoções básicas.

O segundo momento nos estudos das emoções é caracterizado pela "falta de estudos com ênfase nas emoções". O paradigma comportamental na Psicologia fez com que mais de 40 anos se passassem sem que estudos sistemáticos sobre emoções fossem publicados (com exceção de PAPEZ, 1937 e Mac LEAN, 1949, estudos esses de caráter neurobiológicos). O terceiro momento surge nos anos 60 e é caracterizado pelo ressurgimento dos estudos sobre as emoções. É inaugurado com o lançamento da obra **Emotion and Personality [Emoção e Personalidade]** de Magda Arnold (1969). Após esse trabalho, surgiram importantes obras, tais como **Affect, Imagery, Conscisousness** de Sylvan Tomkins (1962) e **Cognitive, Social, and Physiological Determinants of an Emotional State** de Stanley Schachter and Jerome Singer's (1963). Hoje em dia, a obra mais completa sobre o estudo das emoções, no campo da Psicologia, foi publicada em 1996: **The Science of Emotion: Research and tradition in the psychology of emotions** e traz, de maneira detalhada, as principais abordagens teóricas do estudo das emoções, desde a posição Darwiniana, até o posicionamento sócio-contrutivista do século XX (CORNELIUS, 1996).

Tanto psicólogos quanto filósofos têm se engajado em inúmeras discussões sobre a natureza das emoções. Basicamente, esses teóricos buscam entender em que medida as emoções podem ser compreendidas como estados mentais específicos, resultados de julgamentos cognitivos ou apenas a percepção de mudanças fisiológicas no corpo humano. Vários estudos, no campo das neurociências, têm sugerido que nosso cérebro produz isso que chamamos de emoções a partir de uma combinação complexa de fatores cognitivos e fisiológicos.

Atualmente, no âmbito desses estudos, há dois posicionamentos científicos que buscam explicar a natureza das nossas emoções: um posicionamento cognitivista e um posicionamento mais fisiológico. De acordo com o posicionamento cognitivista, as emoções são resultados dos julgamentos que fazemos acerca de uma situação e seu objetivo. Nesse sentido, a emoção a que atribuímos o nome de felicidade seria compreendida em termos da conclusão de que um certo objetivo foi devidamente satisfeito e alcançado (por exemplo, ganhar na loteria como maneira de solucionar os problemas financeiros). A emoção que denominamos tristeza seria a conclusão de que certos objetivos não foram devidamente alcançados.

O outro posicionamento, divulgado, principalmente, a partir dos trabalhos de William James (1884), defende a tese de que emoções são percepções de mudanças no nosso corpo (tais como batimento cardíaco, níveis hormonais, respiração, etc.). Nessa visão, o que chamamos de felicidade, raiva, tristeza são, na verdade, percepções fisiológicas e não julgamentos que fazemos de uma dada experiência física e ou sociocultural. Nessa visão, emoções podem também ser compreendidas como reações a essas mudanças fisiológicas. O problema com essa visão é que os nossos estados fisiológicos não são tão refinados quanto a gama de emoções que temos no nosso repertório cognitivo. É por isso que se acredita que as emoções são, na verdade, resultado de uma combinação complexa entre esses estados cognitivos (resultados de julgamentos) e os estados fisiológicos que deles decorrem.

4. Linguagem e Emoções

Uma das maneiras mais comuns que utilizamos para expressar nossas emoções é a linguagem. No entanto, como apontam Lindquist, MacCormack e Shablack (2015), o senso comum sugere que a linguagem não tem nada a ver com emoções. Apesar de termos nossas emoções afetadas pelo que as pessoas falam e, apesar de descrevermos essas emoções utilizando a linguagem, o senso comum assume que a relação entre linguagem e emoção não passa disso. Muitos modelos cognitivos contemporâneos assumem essa perspectiva, sugerindo que emoções são fatos puramente fisiológicos e distintos do processamento linguístico e conceptual do ser humano. No entanto, pesquisas mais recentes têm sugerido que a relação entre linguagem e emoção é, de fato, mais complexa e intrínseca do que parece.[1]

1 Sobre o assunto, conferir o capítulo assinado por Foolen nesta edição.

A ideia de que a relação entre linguagem e emoções vai além de uma mera descrição é consistente com as teorias construtivistas no campo da Psicologia. De acordo com essa perspectiva, as emoções são "compostos" psicológicos resultantes da combinação de "elementos" psicológicos básicos que não necessariamente específico das emoções. Nesse sentido, a linguagem tem um papel constitutivo na emergência das emoções.

Nos 10 últimos anos, muitos pesquisadores documentaram as diversas formas em que a linguagem dá forma a nossas percepções e a nossas emoções acerca do que experenciamos no nosso dia-a-dia (BARRETT *et al.*, 2007; LINDQUIST e GENDRON, 2013; LINDQUIST *et al.*, 2015). Há evidências, por exemplo, de que, se reduzirmos o acesso das pessoas ao componente emocional de certas palavras, essas pessoas terão dificuldade de perceber essas emoções nos rostos das outras pessoas (LINDQUIST *et al.*, 2006, 2014; GENDRON *et al.*, 2012). Essa evidência sugere que o acesso ao componente emocional das palavras é essencial na compreensão de expressões faciais emocionais, fazendo com que a linguagem deixe de ser um mero descritor das emoções.

Várias outras pesquisas têm sugerido uma relação complexa entre linguagem e emoções[2]. Katharina Kircanski (2012), por exemplo, investigou se o ato de verbalizar uma experiência emocional negativa poderia ser usado para tratar pessoas com fobia de aranha. No estudo, os participantes com fobia tinham que se aproximar de uma aranha durante vários dias consecutivos. Metade dos participantes foram instruídos a verbalizar as emoções negativas associadas ao encontro com a aranha. A outra metade foi instruída a apenas descrever a situação utilizando palavras neutras. Os participantes que descreveram as emoções associadas ao encontro com a aranha mostraram um nível mais reduzido de reações fisiológicas associadas à fobia. Esse estudo sugere que a linguagem tem um papel que vai além da mera descrição, mas que ela também influencia na resposta fisiológica associada às emoções.

Em um outro estudo semelhante, Will Hart, da Universidade do Alabama, investigou se a utilização de formas diferentes de descrever situações no passado são capazes de afetar nosso humor e nossa felicidade geral. Hart (2013) realizou uma série de experimentos em que os participantes foram expostos a um evento positivo, negativo ou neutro e depois tinham que descrever esses eventos. Os participantes que descreveram as experiências positivas utilizando verbos no aspecto imperfeito -- que implica em uma ação

2 Confira, por exemplo, LEWIS (2008) **The handbook of emotions**.

contínua -- mostraram mais positividade no presente quando comparados com os participantes que descreveram os eventos positivos utilizando verbos no aspecto perfectivo -- que denota completude das ações. De maneira semelhante, os participantes que utilizaram verbos no aspecto imperfeito para descrever eventos negativos demonstraram uma maior negatividade quando comparados com os participantes que descreveram os eventos negativos utilizando verbos no aspecto perfectivo[3]. Esses resultados sugerem que a linguagem tem um papel fundamental na memória emotiva e como essa memória afeta as emoções em geral.

No campo da linguística, encontramos poucos estudos que focam, de maneira sistemática, a relação complexa entre linguagem e emoções. Nesse sentido, vale destacar a obra de Monika Schwarz-Friesel (2015). Nessa obra, a relação entre linguagem e emoções é explorada sob o ponto de vista da Linguística Cognitiva. De acordo com a Linguística Cognitiva, tanto a linguagem como as emoções são modelos mentais complexos, cada um consistindo em uma variedade de subsistemas que interagem de diversas maneiras. De maneira geral, a autora caracteriza as emoções como o sistema mental avaliador do nosso aparato cognitivo. Nesse sentido, a linguagem serve como forma de expressar explicitamente a avaliação que esse sistema mental faz das experiências que vivemos no dia-a-dia[4].

5. Estudos das Emoções no Brasil

No Brasil, estudos que privilegiam a relação entre emoção e linguagem cresceram significativamente nos últimos dez anos. Entre 2006 e 2010, foram encontradas apenas duas produções acadêmicas contendo os termos linguagem e emoções diretamente no título da publicação. Entre esses, um estudo, em língua portuguesa, de Marinalva Vieira Barbosa, intitulado **Linguagem e emoções** e publicado na Revista do Gel, em 2009. O objetivo desse trabalho está na análise do discurso de professores do Ensino Fundamental e Médio com ênfase na circunscrição do universo patêmico e dos traços linguísticos das emoções nesses discursos. Outro trabalho, identificado nesse período, visa apresentar uma reflexão sobre como as emoções têm papel fundamental na instituição das relações humanas marcada na dimensão da linguagem gestual (Pereira, 2009).

3 Trabalhos que focalizam emoções e a categoria gramatical “Verbo” vêm adquirindo importância na agenda de pesquisas sobre o assunto. O trabalho desenvolvido por Göran e Zlatev, nesta edição, nos permite comprovar isso.

4 Nessa perspectiva, confira o trabalho desenvolvido por Cavalcante e Militão (2015) e também aquele que compõe o capítulo 3 nessa edição.

Nesse mesmo período, por outro lado, foram indexados 14.900 trabalhos acadêmicos contendo os termos linguagem e emoções[5] no resumo ou entre as palavras-chave da produção.

Quadro 1 – Produções acadêmicas em Língua Portuguesa de 2006 a 2010 com os termos Linguagem e emoção no título da obra

Ano da Produção	*Citação/Referência*
2009	BARBOSA, Marinalva VIEIRA. **Linguagem e emoções**. *Revista do GEL* 6.2 (2009): 104-124.
2009	Pereira, Marília de Sousa. **Gestos, expressões e emoções: quando a linguagem corporal permeia as relações públicas.** (2009).

Fonte: dados da pesquisa

Nos últimos cinco anos, o número de produções acadêmicas contendo os termos linguagem e emoções diretamente no título da publicação subiu para oito. Com exceção do livro do Paul Ekman traduzido para o português em 2011 e específico em termos de uma abordagem psicológica para o que denomina 'linguagem das emoções', as obras cobrem um grande leque no campo dos estudos da linguagem. Os trabalhos analisados abrangem desde estudos relacionados à linguagem do jornalismo até aqueles que se inscrevem na área da Ciência da Computação, com o objetivo de compreender a relação entre voz e emoções (ver Quadro 2). Semelhante ao que fizemos anteriormente, quando a busca considera resumos e palavras-chave, nesse mesmo período, o número de obras indexadas cresce, chegando a mais de 14.000 produções contendo os termos linguagem e emoções.

Quadro 2 - Produções acadêmicas em Língua Portuguesa de 2011 a 2016

Ano da Produção	*Citação/Referência*
2011	Ekman, Paul. **A linguagem das emoções.** *São Paulo: Lua de Papel*, 2011.
2011	Ekman, Paul. **A linguagem das emoções**: revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor. *São Paulo: Lua de Papel*, 2011.

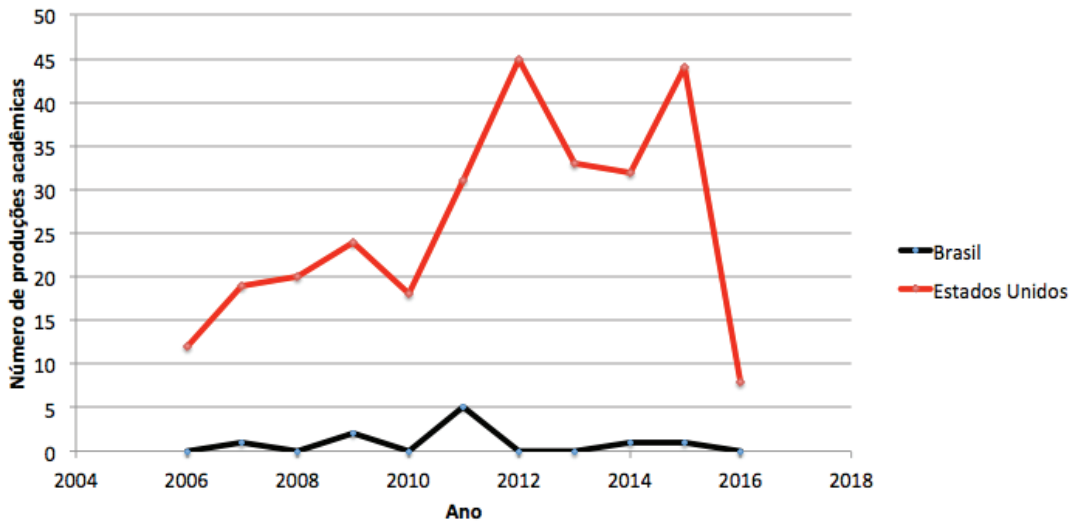
5 Essa pesquisa não considerou como palavra-chave o temo "discurso". Esta opção conduz a um resultado que pode deixar de considerar obras igualmente importantes sobre o assunto. Entre as quais, destacamos, por exemplo, Machado, Menezes e Mendes (2007) As emoções no discurso.

2011	Silva, D. da C. **Algoritmos de processamento da linguagem e síntese de voz com emoções aplicados a um conversor texto-fala baseado em HMM**. Doutorado, Programa de Engenharia Elétrica, Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE/UFRJ), *Rio de Janeiro*, 2011.
2011	Lovisolo, Hugo. **Jornalismo e Esporte**: Linguagem e Emoções. *Corpus et Scientia* 7.2 , 2011.
2011	Strey, Cláudia. **Linguagem e emoções**: um estudo em interfaces, 2011.
2013	Silveira, Maria Alice. **As emoções e a linguagem no Facebook: elementos para o protesto político?.**
2014	COSTA, JC, and C. STREY. **Linguagem, argumentos e emoções. Imaginação em rede: comunicação, memória e tecnologia**. *Porto Alegre: Sulinas*, 2014.
2015	Fonseca, Maria Isabel Tavares Conde Rodrigues. **A linguagem dos sons e das emoções na PHDA**, 2015.

Fonte: dados da pesquisa

Para fins de comparação, nos últimos 10 anos, foram produzidos 286 artigos, em língua inglesa, contendo os termos *language* e *emotions* diretamente no título da produção acadêmica. Esses números mostram a importância de um investimento progressivamente maior em pesquisas no Brasil que visem compreender, diretamente, a relação entre emoção e linguagem. O Gráfico 1 permite observar como a produção acadêmica que privilegia o estudo da relação entre linguagem e emoções é ainda muito incipiente no Brasil quando comparado com o mesmo período nos Estados Unidos. Apesar de termos notado uma queda significativa entre 2015 e 2016 em obras de Língua Inglesa, verificamos que entre 2006 e 2012 houve um crescimento grande no número de obras em Língua Inglesa. Em contrapartida, no Brasil, notamos que esse crescimento é inexistente.

Gráfico 1 – Número de artigos acadêmicos produzidos no Brasil e nos Estados Unidos nos últimos 10 anos



Fonte: dados da pesquisa

6. Conclusão

Frente à discussão realizada neste trabalho, é possível notar que, nos últimos anos, o investimento científico em uma agenda de pesquisa que privilegia a relação entre linguagem e emoções revela um sistemático crescimento. Nota-se ainda que, apesar do avanço de diversas abordagens (disciplinares e interdisciplinares) dessa relação, o número de obras, no Brasil, que investiga diretamente linguagem e emoções é ainda pequeno, principalmente quando comparado com o número de obras sobre o tema produzidas, no mesmo período, em Língua Inglesa.

O presente capítulo teve como objetivo sistematizar, de maneira breve, o papel do Brasil na contribuição para estudos que, em diferentes áreas, focalizam essa relação. Comparativamente, há, ainda, pouca pesquisa desenvolvida no Brasil, tanto no campo da Psicologia quanto no campo dos Estudos Linguísticos. Os estudos realizados no país parecem, tradicionalmente, dar ênfase na maneira como as emoções podem e são expressas a partir do uso de determinadas estratégias linguísticas. Por outro lado, nas obras em Língua Inglesa analisadas, notamos a ênfase em uma abordagem mais cognitivista, que explora, de maneira mais sistemática, a complexa e inextricável relação entre linguagem e emoções. Nesse sentido, percebemos que há uma lacuna, nas pesquisas realizadas no Brasil, de estudos que se utilizem de abordagens linguísticas, biológicas e/ou cognitivas para revelar a intrínseca relação entre linguagem e emoções.

Esperamos que o presente artigo possa contribuir para o reconhecimento de como o campo de pesquisa que põe em cena a relação entre a linguagem e as emoções humanas se desenha, em linhas gerais, especialmente no Brasil, nos últimos dez anos.

REFERÊNCIAS

CARPENTER, M.; NAGELL, K.; TOMASELLO, M. Social cognition, joint attention, and communicative competence from 9 to 15 months of age. **Monographs of the society for research in child development**, v. 255, 1998.

GUMPERZ, J. E LEVINSON, S. C. (eds.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. (Vol.2.) Stanford, CA:
Stanford University Press, 1991.

LEWIS, Michael; HAVILAND-JONES, Janette;BARETT, Lisa. **The handbook of emotions.** 3 ed., NewYork: The Guilford Press, 2008.

MACHADO, I.; MENEZES, MENDES. **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SLOBIN, D. Learning to think for speaking: Native language, cognition, and rhetorical style. **Pragmatics**, v.1, p.7-26, 1991.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge, MA:
HUP, 1999.

TOMASELLO, M.; CALL, J. **Primate cognition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TOMASELLO, M.; KRUGER, A. C.; RATNER, H. H. Cultural learning. **Behavioral and brain sciences**, n.16, p.495-552, 1993.

VYGOSTKY, L. **Thought and language.** Cambridge, MA: MIT Press, 1962 [1934].

VYGOTSKY, L. **Mind in society**: The development of higher physiological processes (M. Cole, Ed.). Cambridge, MA: HUP, 1978.

WHORF, B. **Language, thought, and reality** (CARROL, J.B., Ed.). Cambridge, MA: MIT Press, 1956.

AUTORES

AUTORES

Ad Foolen
Radboud University - Nederlands
Department of Linguistics
a.foolen@let.ru.nl

André L. Sousa
University of Alabama - United States of America
Department of Psychology
alsousa.dr@gmail.com

Göran Jacobsson
Lund University - Sweden
Center for Languages and Literature
jacobssongoran@hotmail.com

Hugo Mari
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil
Programa de Pós-graduação em Letras
hugomari28@gmail.com

Josiane Militão
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil
Departamento de Letras
josiane@pucminas.br

Jordan Zlatev
Lund University - Sweden
Division of Cognitive Semiotics
jordan.zlatev@semiotik.lu.se

Sandra Cavalcante
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil
Programa de Pós-graduação em Letras
scavalcante@pucminas.br

Simone Belli
Department of Social Science and Innovation
Yachay Tech - Ecuador
sbelli@yachaytech.edu.ec

Vânia de Morais
Núcleo de Terapia Cognitiva – Belo Horizonte – Brasil
http://nucleodeterapiacognitiva.com.br
vaniademorais@hotmail.com

Talliany Rodrigues
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Brasil
Estudante de Letras
Bolsista do Fundo de Incentivo à Pesquisa
talliany.rodrigues@gmail.com

Suellen Brandão
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Brasil
Estudante de Psicologia
Bolsista do Fundo de Incentivo à Pesquisa
suellencris07@hotmail.com